

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

ANALY ALVAREZ

DECORPO E ALMA  
NICOLAURADAMÉCRETI

imprensa oficial

**Analy Alvarez**

**De Corpo e Alma**



**Analy Alvarez**

**De Corpo e Alma**

Nicolau Radamés Creti

**| imprensaoficial**

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO  
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

**i**mprensa**oficial** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo  
Diretor-presidente Hubert Alquéres

**Coleção Aplauso**

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

## No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

**Alberto Goldman**

Governador do Estado de São Paulo

## Coleção Aplauso

*O que lembro, tenho.*  
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

**Hubert Alquères**

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo



*À minha mãe, a Ana Carolina Donatelli e a  
Ricardo Felipe, por sua ajuda insofismável*

**Nicolau Radamés Creti**



## Introdução

Conheci a Analy por causa de uma coluna que tenho no jornal *Diário de S. Paulo*, na qual falo de gente de teatro. Quem nos apresentou foi um amigo em comum, o também ator Paulo Hesse. A identificação foi imediata. Forte, decidida, direta e sem meias palavras, ela foi logo dizendo que não concordava comigo numa série de coisas. Daí para a ideia do livro foi um passo.

Fizemos mais de 15 horas de gravações de entrevistas e, apesar da diferença de gerações, o bate-papo rolou como se fôssemos velhos amigos. Analy não tem papas na língua. É uma pessoa que sempre soube o que queria. Tomava as decisões e ia em frente, independentemente da opinião dos outros ou de um padrão preestabelecido para toda menina de classe média da época.

Foi assim quando decidiu que seria atriz, quando se incomodou com a situação de sua categoria e se juntou a outros colegas para trabalhar pela classe ou quando anunciou que tinha deixado os palcos para seguir outros rumos. Tudo o que ela fez foi de corpo e alma, se entregando por inteiro a todos os seus objetivos.

Não é fácil escrever sobre alguém que, além de atriz, diretora, produtora, professora e dirigente,

é também escritora e dramaturga. E das boas! Tive de me despir do ego para assumir a alma e a cara de Analy. E a cada ida e vinda do texto, ela fazia questão de colocar o seu corpo no livro.

Apesar da missão quase impossível de contar esta história, espero ter conseguido mostrar um pouco do que é esta amiga e mãe de família, que tem na lealdade sua palavra principal. Por isso, ela fez questão, neste livro, de citar e homenagear todas as pessoas que fizeram parte de sua vida. Uma vida apaixonante e apaixonada.

*Aos meus pais e irmão, in memoriam, porque é a ausência deles que me ensina o que é saudade*

e

*Ao Luiz Serra, companheiro de todas as horas e às minhas filhas Eugênia e Ana Amélia, porque é a presença deles que me ensina o que é felicidade.*

**Analy Alvarez**



## Prólogo

*A memória é o segredo da história, do modo pelo qual se articulam o presente e o passado, o indivíduo e a coletividade. Aos poucos se revelam os fios da história. O que parecia esquecido e perdido logo se revela presente, vivo, indispensável. Na memória escondem-se segredos e significados inócuos e indispensáveis, prosaicos e memoráveis, aterradores e deslumbrantes.*

**Octavio Ianni**

A temporada de *Procura-se um Tenor* havia sido um sucesso. Trabalhar ao lado de Juca de Oliveira e Fúlvio Stefanini e ser dirigida pela Bibi Ferreira foi um enorme prazer. A produção do Sergio Dantino era impecável. A peça era uma comédia de alto nível, um texto excelente, mas... Alguma coisa estava errada. E não era com o espetáculo. Era comigo. Uma insatisfação, um desencanto, uma descrença... É isso. Parece que eu não acreditava mais naquela mágica. Ir para o teatro todas as noites começou a ficar penoso: fazer a maquiagem, colocar o aplique no cabelo, vestir a roupa... Onde estava aquela alegria dos primeiros trabalhos? Onde estava a emoção de ficar diante do público, as batidas aceleradas do coração, a boca seca? E repito, não era por conta da peça, nem dos companheiros, que eram fantásticos.

Nem era por causa do dinheiro. Nunca ganhei tão bem. Ganhava em uma semana o que estava acostumada a ganhar em um mês. Era uma coisa minha. Sem explicação.

Quando fizemos o último espetáculo, sabia que minha história como atriz havia terminado. Não falei nada para ninguém. Enquanto tirava a maquiagem, o aplique do cabelo, aquele maravilhoso vestido prateado e o sapato de Fernando Pires, eu me perguntava: *Qual a razão de não ter mais aquela empolgação de outros tempos? Será que uma nova peça me traria outra vez aquele frisson que todo ator tem a cada novo trabalho? Será que tudo pelo qual havia lutado por quase 30 anos iria terminar daquele jeito?* E minha história de vida começou a desfilar pela minha mente... Memória... É o segredo da história!

## Capítulo I

*Empieza el llanto de la guitarra. Es inútil callarla.  
Llora por cosas lejanas.*

**Federico García Lorca**

*Tenho em mim todos os sonhos do mundo!*

**Fernando Pessoa**

Sou descendente de espanhóis e portugueses, mas meu sangue é muito mais espanhol, com certeza. Sempre fui teimosa, decidida, caprichosa, mimada, daquelas que gostam de comandar, de estar à frente, de tomar decisões, de brigar mesmo, se for preciso. Não gosto de levar desaforo para casa, por isso colecionei muitos inimigos ao longo da minha jornada. Mas tenho muitos amigos também, e esses me são muito valiosos. Não sei viver sem estar rodeada de amigos, característica herdada de meu pai. Sou muito leal a todos eles e espero o mesmo deles em relação a mim. Lealdade é a minha palavra de ordem.

Meus quatro avós eram imigrantes. Os pais da minha mãe vieram da Espanha. Os do meu pai, de Portugal. O pai da minha mãe chamava-se Miguel Alvarez Cortez e era da província de Orense, de um vilarejo chamado Romariz onde a família ti-



*Avós maternos, Carmem e Miguel*

nha uma pequena plantação de maçãs. Até hoje, Romariz é uma vilinha minúscula, no meio do campo. Das macieiras restaram apenas dois pés.

Ele veio para cá com 18 anos, em 1893, logo após a Proclamação da República. Como todos naquela época, ele fugia da miséria da Europa. Ficou vivendo em Santos e foi trabalhar na Companhia de Bondes quando estes ainda eram puxados por burros. E aqui ele conheceu a minha avó, Carmen Calvo, que era de San Sebastian, no país Basco.

A história de minha avó é muito curiosa. Ela era filha de um médico, desses curadores de província, que, por força da profissão, andava pela região e não parava em casa. Como era órfã de mãe, ele a deixava na casa de uma irmã. Essa tia que a abrigava era uma verdadeira bruxa, destas de contos de fadas. Então, uma irmã da minha avó, tia Tereza, que já vivia em Santos, mandou a passagem para que ela viesse viver aqui.

Apesar de ter vindo com passagem comprada e tudo direitinho, minha avó foi confundida com os outros imigrantes que vinham por conta dos fazendeiros paulistas. E, mesmo com o marido da tia Tereza esperando-a no cais, ela foi enviada para a Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, junto com os demais que seriam encaminhados para as fazendas de café.

Ela tinha apenas 13 anos. Ficou apavorada, coitada! Lá, depois de uma semana, o cunhado conseguiu visitá-la na hospedaria e lhe deu as instruções para fugir dali, já numa mistura de espanhol e português: *Tu debes sair de fininho, sem que ninguém note. Vires à esquerda e andes por uns 15 minutos por uma picada feita ali, no meio do mato. Eu vou seguir-te de longe.* E assim foi. Lá adiante ele lhe deu um pacote dizendo: *Entra aí no mato e troca de roupa para que não te identifiquem. Depois, tu vais andando atrás de mim até a estação, onde pegaremos o trem pra casa.*

22

Assim ela foi viver em Santos e, para ajudar no orçamento familiar, foi trabalhar de doméstica na casa de uma ex-atriz espanhola de nome Doña Paquita, uma mulher extravagante para os padrões da época. Minha avó dizia que ela tinha um baú cheio de roupas de bailarina de flamenco, mantilhas de renda, pentes de porcelana cravejados de pedrarias e binóculos de marfim para ir à ópera. Essa mulher acabou na miséria. Nunca consegui saber direito sua história. Mais tarde tornou-se comadre de minha avó e minha mãe chegou a conhecer o tal baú que alimentou muitos dos seus sonhos de menina.

Numa das festas da colônia espanhola, minha avó conheceu meu avô. Casaram-se e foram

morar na Rua Joaquim Távora, no Marapé, perto do campo da Portuguesa Santista, onde ele havia comprado um terreninho. E não saíram mais de lá.

Meu avô foi condutor de bondes durante 30 anos, fazendo a linha 37, pela Rua Pinheiro Machado – Canal 1, até a praia. Ele começou a trabalhar nos tempos em que os bondes ainda eram puxados por animais. E nunca faltou a um dia de trabalho. Era o orgulho dele. Ganhou até uma medalha de ouro por isso. E era ouro mesmo! Ele era muito calmo, tranquilo, gostava de construir bancos de madeira em casa... Espírita, lia Allan Kardec e só tomava remédios homeopáticos.

23

Durante muitos anos eu acreditei que aquelas bolinhas homeopáticas estavam ligadas ao espiritismo. Achava esquisito. Hoje sou fã ardorosa da homeopatia. Meu avô viveu até os 86 anos sem nunca ter ido ao médico. Era saudável, forte e muito querido no bairro. Sempre saía de casa com um terno de linho branco, muito elegante, a medalha de ouro no peito e os bolsos cheios de balas para distribuir para a meninada. Era muito carinhoso com todo mundo. Os passageiros do bonde gostavam muito dele. Ele sempre os esperava, parava fora do ponto, falava com todo mundo... Era uma pessoa muito generosa.

Já minha avó era uma mulher forte, toda empinadinha, típica espanhola. Uma verdadeira Tereza Carrar, personagem de Brecht em *Os Fuzis da Senhora Carrar* Uma mulher muito valente. Ela tinha um pau de fumo atrás da porta do quarto com o qual corria atrás dos ladrões de galinha. Naquele tempo todo mundo tinha um galinheiro e uma horta. E ai de quem tentasse roubar alguma galinha! Uma vez ela correu atrás de um ladrão que, na fuga, acabou caindo na vala que beirava a calçada da rua. Ele gritava por socorro e ela batia com o pau de fumo: *Assim nunca mais rouba de gente honesta, desgraçado.*

24

Naquela casa imperava o matriarcado, com certeza! Era ela quem mandava, quem decidia, quem dava a última palavra. Como toda boa espanhola, gostava muito de uma tacinha de vinho. A casa tinha uma adega debaixo da escada, da qual só ela tinha a chave. Lembro da vó Carmen cantando e dançando com as faces coradas pelo vinho e aqueles olhinhos muito azuis faiscando de felicidade.

Quando fizeram bodas de ouro, houve uma festa que durou três ou quatro dias. Teve até gaita galega. Foi uma festa e tanto! Nós, crianças, ficamos fascinados com aquilo tudo. Veio um cozinheiro espanhol, especialmente contratado para a ocasião. Claro que os filhos já casados e

estabelecidos, podiam dar o melhor para eles. E deram. Foi inesquecível.

Outra lembrança muito marcante de minha avó era a bronca que ela dava nos meus primos. Eles gostavam muito de perturbá-la. Na época de São João, eles colocavam bombinhas debaixo da cadeira onde ela estivesse sentada. E ela, muito brava, gritava com aquele sotaque meio lá meio cá: *Me cago em Sevilla, me cago em Zaragoza, me cago em Barcelona, me cago no chão*. Minha avó morreu em agosto de 1961, três meses depois do meu avô. Eles ficaram 65 anos casados. Segundo o médico, morreu de saudades.

Tiveram 13 filhos. Dois morreram quase ao nascer do chamado mal de sete dias, e outra, aos 12 anos, de gripe espanhola. Chamava-se Annita. E minha mãe, quando nasceu, em 1918, levou o mesmo nome. Quer dizer, o nome mesmo era Anna, em homenagem à minha bisavó que se chamava Ana Gregória, mas todos sempre a chamavam de Annita.

Os tempos eram difíceis. O salário de motorneiro tinha que sustentar 12 pessoas. Assim, a vida era dura e regrada. Meu avô trabalhava com aquela farda cáqui (tradicional uniforme dos motorneiros de bonde) e no inverno era terrível. O bonde era aberto e fazia muito frio, ventava muito,

garoava... Então minha avó forrava o peito dele com jornal, por baixo da farda, pra esquentar. Minha mãe contava que, no casamento do irmão mais velho, ela só tinha um tênis para usar. Como o tênis estava meio sujo, ela o lavou e colocou no forno para secar. A borracha da sola, claro, queimou, e ela teve que ir ao casamento com o tênis furado.

Minha mãe começou a trabalhar muito cedo, como passadeira numa lavanderia. Depois arranhou emprego como auxiliar de costura de uma grande modista de Santos. Não foi à toa que se tornou uma exímia costureira. Foi o que lhe valeu depois, nos tempos das vacas magras.

26

Já com meus avós paternos não tive tanta ligação. Sei que tiveram uma vida um pouco melhor. Eles eram de um lugar perto de Coimbra, chamado Lousan, e também moravam em Santos. Não sei se vieram casados ou se casaram aqui. Meu avô chamava-se João Ferreira e minha avó, Matilde de Jesus Ferreira. Meu avô tinha uma carvoaria, na Rua Carvalho de Mendonça, perto do Canal 2. Um dia ele descobriu que em Santos havia outro carvoeiro, também chamado João Ferreira. Isso começou a dar muito problema para ele. Então ele adotou o outro nome de família, que era Pinto. Passou a chamar-se João Ferreira Pinto.



*Avós paternos Matilde e João com os netos: Tinho, Naldo, João Carlos no colodo avô, Rosa Maria no colo da avó e Analy*

Quando meu pai nasceu, meu avô já tinha o Pinto. Então, meu pai ficou com o Pinto do meu avô e foi registrado como Alípio Ferreira Pinto. Só que, tempos depois, o outro carvoeiro desapareceu e meu avô tirou o Pinto. E foi aí que nasceram os outros dois filhos, sem o Pinto. Meu pai era o único da família que tinha o Pinto. Ele gostava de brincar dizendo que, quando se casou, o escrivão do cartório disse: *Dona Anna, de hoje em diante a senhora passará a usar o Pinto do seu marido.* Assim, ela ficou Anna Alvarez Pinto, e eu e meu irmão acabamos herdando esse nome e não o Ferreira, que era verdadeiramente o nome de família.

28

Meu avô João era um homem muito sisudo, sério. Eu tinha um pouco de medo dele. Já minha avó Matilde era uma mulher muito doce. Ela tinha um problema na perna e vivia sempre sentada. Minha mãe, quando se casou, foi morar na casa dela, porque era junto da carvoaria. Ela dizia que a sogra era a pessoa mais encantadora do mundo. Minha avó defendia muito minha mãe, porque meu pai era muito mulherengo, muito boêmio. Na verdade, ele era um pedaço de mau caminho: moreno de olhos verdes, com pleno conhecimento de sua sensualidade e total domínio de seu charme. Um perigo!

Era ele quem fazia toda a contabilidade da carvoaria do pai, apesar de só ter estudado até

o quarto ano do ginásio. Minha mãe nunca estudou. Só tinha o curso primário e nem pôde tirar o diploma por falta de dinheiro. Era preciso pagar uma taxa pra receber o canudo.

Minha mãe tinha 13 anos quando começou a namorar o meu pai, que era três anos mais velho. Eles se conheceram na feira livre que era armada na rua da carvoaria uma vez por semana. Namoraram sete anos e se casaram em 1939. Ficaram três anos casados, sem filhos. Foi na carvoaria que meu pai conheceu o homem que acabou sendo meu padrinho e uma figura muito importante na nossa vida, o Egisto Begliominni. Ele era proprietário de terras na região da Serra do Mar, próximo a Paranapiacaba. Tinha plantação de eucaliptos para extração de lenha e carvão, além de uma pedreira de quartzito.

O Egisto também era muito chegado a uma boemia. Toda vez que ele ia a Santos vender carvão para o meu avô, meu pai era o cicerone dele pelas noites santistas, que eram famosas. Ah, os cabarés do cais do porto! O Egisto chegava em Santos e era uma festa. Meu pai se desculpava: *Ele é um fornecedor da carvoaria, o que eu vou fazer? Ele me pede e eu tenho que acompanhar. Estou morto de cansado. Por mim ficava em casa, mas...* Foi numa dessas noitadas que meu pai convidou o Egisto para ser meu padrinho.

Minha mãe ficou fura da vida, porque ela já havia convidado minha tia Carmem, sua irmã caçula, e o marido dela. Teve que desconvidar.

Eu nasci em 19 de outubro de 1942, bem durante a Segunda Guerra Mundial, e fui batizada na Igreja de Nossa Senhora do Monte Serrat. É uma igreja muito pitoresca, lá em cima do morro, aonde só se vai de bondinho.

Quando Getúlio Vargas alinhou-se aos Estados Unidos contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), o governo brasileiro começou uma perseguição muito grande contra italianos, alemães e japoneses. Eles não podiam ter propriedades, pois corriam o risco de ter tudo confiscado. Com medo, meu padrinho passou todos os seus bens para o nome do meu pai. Foi aí que ele convidou meu pai para trabalhar com ele nas suas empresas, cujos escritórios eram em Paranapiacaba. Eu tinha uns nove meses de idade.

Quando a guerra terminou, tudo voltou para o nome do meu padrinho, mas o meu pai continuou trabalhando com ele.



*Com os pais, Annita e Alípio*



## Capítulo II

*a neblina umedece as pedras  
a fenda oferece o mar  
paranapiacaba nunca acaba*

**Deivid Junio**

Paranapiacaba, que em tupi-guarani quer dizer *de onde se avista o mar*, teve uma importância muito grande na minha vida, apesar de ter morado lá só até os nove anos. A famosa neblina da cidade deixou em mim marcas muito profundas. Aquela névoa, densa e fechada, dá uma sensação de isolamento terrível. Até hoje, quando desce-

33

mos para o litoral e pegamos neblina na serra, sinto aquela solidão que dava na gente quando o nevoeiro baixava, lá pelas três ou quatro horas da tarde. Uma tristeza antiga.

Paranapiacaba era uma vila construída no alto da Serra do Mar pelos ingleses que fizeram a Estrada de Ferro São Paulo – Railways, principal meio de transporte entre Santos e São Paulo no início do século XX e que mais tarde se chamaria Santos-Jundiaí. Ali era o ponto entre Santos e São Paulo onde o trem se dividia para descer a serra. Foi ali que eles se estabeleceram e deixaram marcas nítidas de sua passagem.

A vila, com suas casinhas de pinho-de-riça, todas iguais, enfileiradas, lembra muito as vilas operárias inglesas. O relógio da estação é uma cópia do Big Ben. A estação original não existe mais, mas ele permanece ali, solitário, bem no meio da ferrovia. O teatro, também todo em pinho-de-riça e com dois camarotes nas laterais do palco era, diziam, uma cópia do Old Vic.

A cidade é dividida por uma ponte. De um lado ficava essa vila dos ingleses e, do outro, no morro, ficavam os profissionais liberais. Era lá que meu padrinho tinha os escritórios e também um casarão enorme de madeira. E ao lado deste, uma casa menor, também de madeira, onde nós fomos morar.

34

Na Vila dos Ingleses, o chão era preto, de pó de carvão, como se fosse uma areia negra. Tinha ainda um grande carvalho à margem de uma das ruas, que era chamado de *Pau da Missa*. Era ali que se comunicava, por meio de anúncios presos à árvore, a data das missas de 7º dia e outras coisas. Do lado do morro, as ruas eram calçadas com paralelepípedos.

Era difícil pra minha mãe viver ali, naquele lugar úmido, frio, envolto em neblina... Ela sentia saudades de casa, das irmãs, da mãe. Por isso nós íamos a Santos toda semana. Éramos amigos do

guarda trem, do garçom do carro restaurante, do chefe da estação... Em Santos minha mãe comprava muitos livros e discos pra ajudar a suportar o *Alto da Serra*, como a gente chamava Paranapiacaba. Eu adorava o *Alto da Serra*. Pra criança, era o paraíso, apesar da névoa.

Minha mãe dizia que os livros a levavam para mundos distantes e traziam até ela um conhecimento que lhe foi negado na escola. Esse hábito acabou por desenvolver em mim também o gosto pela leitura. Tenho até hoje muitos livros infantis da coleção *Dias Felizes*, da Editora Melhoramentos. São lindos! Minhas filhas, 40 anos depois, também se deliciaram com eles. Como lá não havia luz elétrica – a luz era gerada por baterias de caminhão, chamadas de acumuladores – nós tínhamos uma vitrola de corda onde ouvíamos aqueles discos de 78 rotações que chiavam pra caramba. Cresci ouvindo Gregório Barrios, Francisco Alves, Sílvio Caldas, Carlos Gardel e outros tantos da época.

35

*...Era, para mi la vida entera  
Como un sol de primavera mi esperanza y mi  
pasión  
Sabia, que en el mundo no cabia  
toda la humilde alegría de mi pobre corazón...*

**Cuesta Abajo – De Gardel e Le Pera**



*Aos 8 meses*

Sei de cor todos os tangos de Gardel, os boleros de Gregório Barrios, as canções de Chico Alves e Silvio Caldas, o caboclinho querido. Ainda tenho a vitrola de corda e a coleção de discos em 78 rotações. Minha mãe era uma alma que precisava de espaço. Ela estava à frente de seu tempo. Se tivesse vivido em outra época, fatalmente teria sido artista. De certa forma era, como exímia costureira.

Meu pai ficou muito bem de vida trabalhando com o meu padrinho. Só que gastava tudo. É curioso como esta história é recorrente em muitas famílias dessa geração. Parece que a guerra havia trazido uma certa pressa em viver, em aproveitar, como se tudo fosse acabar de repente. Uma descrença no amanhã, no futuro. O que interessava era o *aqui* e o *agora*. Naqueles anos 40 era assim. Tenho muitos amigos cujos pais ganharam fortunas e perderam tudo.

Para se ter uma ideia, em Santos tinha um *chofer de praça*, chamado Arlindo, que ficava inteiramente a nossa disposição quando a gente estava lá. E isso não era barato. A modista com quem a minha mãe havia aprendido a costurar passou a ser a costureira dela. Eu tinha uns quatro ou cinco anos e me lembro de ir de carro à modista. O motorista esperava horas enquanto minha mãe provava vários vestidos. A gente ia ao ca-beleireiro, e o carro ficava esperando.



*De baiana aos 2 anos de idade*

Depois, meu pai pegava o carro, o Arlindo e ia resolver os *negócios dele*. Ele era jovem, queria viver a vida na sua plenitude, gostava de sair com os amigos, fazer aquelas rodas de botequim, frequentar os cabarés, ficar até de madrugada. Era um boêmio incorrigível. Mas o amor que ele tinha pela minha mãe era visível. Se for verdade que ser fiel é trair sempre a mesma pessoa, ele foi absolutamente fiel.

Como não tinha divertimento nenhum em Parapiacaba e meu pai, definitivamente, não era do *tipo caseiro*, ele acabou criando a *Sociedade Recreativa Flor da Serra*. Era um ponto de encontro, um lugar para ter aonde ir à noite. Eles tinham uma sede até que razoavelmente boa e um cineteatro, que também servia de salão de baile. O cinema funcionava todas as noites e o filme mudava a cada dois dias. Meu pai vinha pra São Paulo buscar filmes toda semana para abastecer o *cinema da Flor*.

Minha mãe ia a todas as exposições e me levava junto. Ela dizia que tinha medo de ficar sozinha, mas acho que era para vigiar meu pai mesmo. Ele era um homem muito bonito e tinha sempre um monte de mulheres em volta dele. Como não tinha com quem me deixar, eu ia junto. Assim, eu, com quatro, cinco anos de idade, assisti *Gilda*, *Casablanca*, *Amar Foi Minha Ruína*, e todos os



*De cigana aos 4 anos de idade*

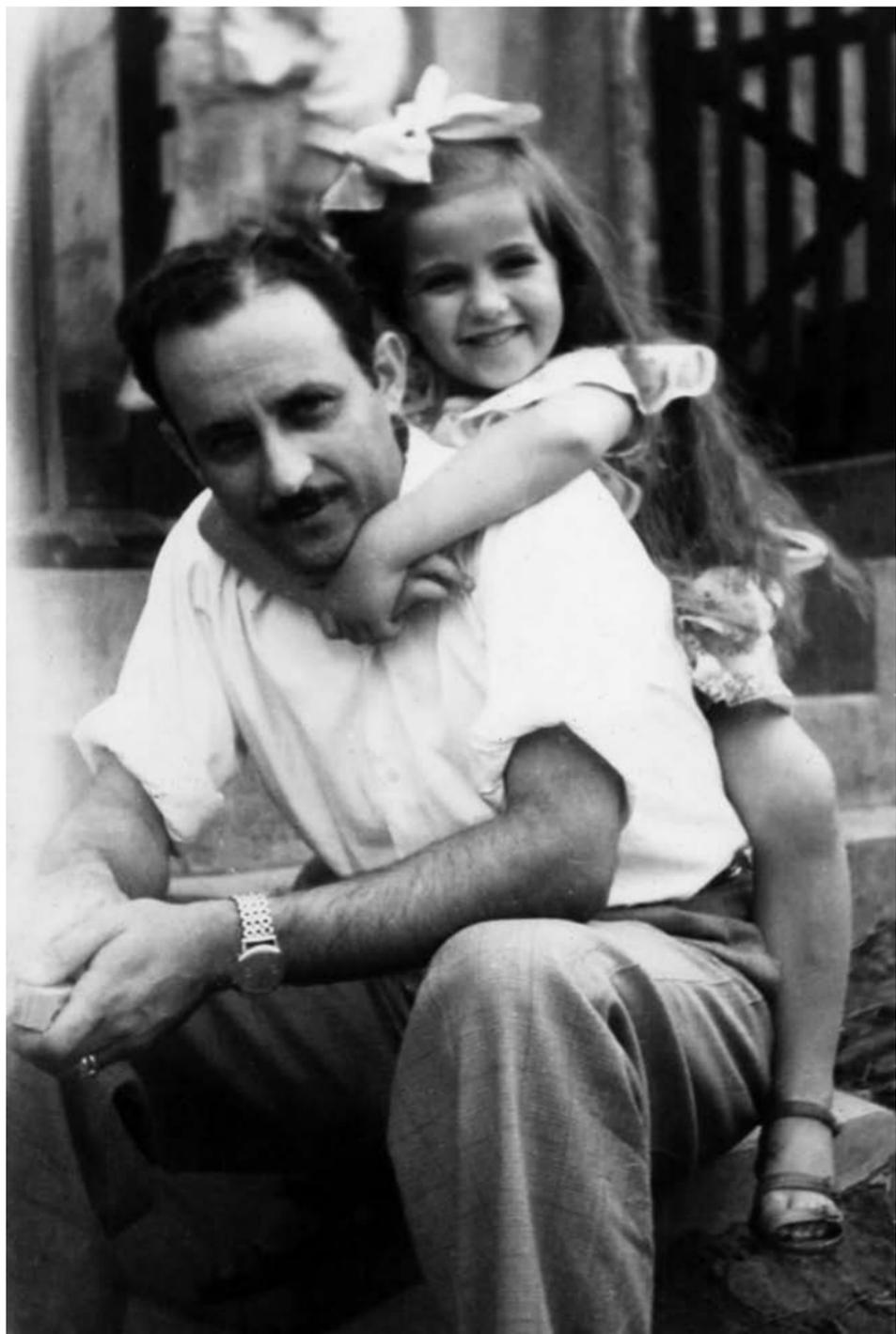
filmes da época. Nem sabia ler, mas ficava fascinada pela beleza daqueles atores e atrizes. Até hoje, quando vejo Humphrey Bogart e Tyrone Power, lembro do meu pai.

Adorava colecionar fotos dos artistas. Meu pai trazia os *folders* de divulgação, as fotos pra exibir na porta do cinema, e eu ficava com tudo. Colava em álbuns e mais álbuns. Além disso, minha mãe assinava *A Cena Muda*, uma revista sobre cinema que alimentava todos os meus álbuns. Jon Hall e Maria Montez, Rita Hayworth, Deanna Durbin, Robert Taylor, Clark Gable e Vivien Leigh. Mais tarde, já adolescente, eu colecionava *Cinelândia*, a revista hollywoodiana da época.

41

Além do cinema, meu pai também incrementava o teatro. Levava sempre companhias teatrais para se apresentar lá. Até Procópio Ferreira encenou o seu *Deus Ihe Pague* em Paranapiacaba. Eu, para variar, assistia a tudo. Além de peças teatrais, ele também levava cantores como Paraguassú, Manezinho Araújo, Sílvio Caldas, Vicente Celestino...

Como não tinha mais trem para ir embora após os espetáculos, os atores iam para minha casa, onde ficavam jantando e bebendo até de manhã, quando saía o primeiro trem para São Paulo. Com isso, acabei convivendo com atores, atrizes



*Com o pai em Paranapiacaba*

e cantores muito antes de sonhar em ser atriz. Claro que, como era criança, me colocavam para dormir cedo, mas eu me lembro que eles ficavam a noite inteira cantando e bebendo. Eu convivia com artistas como Olindo Dias, Dalva Dias, Zé Fidelis, Sílvio Caldas... Imagine!

Anos depois, conversando com Plínio Marcos, ele me contou que fazia parte da companhia de Wilma Duarte. Eu me lembro dela: tinha uns cabelos pretos e longos e dançava com uma saia rodada deixando aparecer a calçola vermelha. Um escândalo! Ele tinha uns 17 anos e lembrava que, depois do espetáculo, eles jantaram numa casa enquanto esperavam o trem. Foi muito bom quando, uma noite no Gigetto, descobrimos que nossa história tinha se cruzado lá em Parana-piacaba nos anos 40. Depois disso, ele sempre brincava comigo: *Ah, então foi você aquela menininha que eu comi...* Esse era o Plínio Marcos, sempre com sacanagem.

Eu era apaixonada pelos musicais da Atlântida, que via todos. Quando meu pai exibiu o filme *Carnaval no Fogo*, uma das mais importantes chanchadas da Atlântida, ele fez uma sessão especial para os alunos do grupo escolar onde eu estudava. E lá fui eu, toda convencida, puxando aquela fila de alunos de aventalzinho branco, atravessando a enorme ponte sobre a ferrovia

em direção ao cinema. Convencida sim, e por que não? Afinal era o meu pai que proporcionava aquela festa para aquelas crianças, muitas das quais nunca tinham ido ao cinema. Foi um dia inesquecível!

Eu brincava muito de teatrinho com minhas amigas. Minha mãe fazia umas fantasias de papel crepom e eu imitava todas as artistas e cantoras da época. Os filmes lançavam as músicas do ano para o carnaval, então sempre tinham uma historinha, uma boate e milhões de números musicais. A que eu mais adorava era a Adelaide Chiozzo cantando *A Holanda está em festa, a Holanda está em flor, pedalando, pedalando vou buscar o meu amor...* Sei essas músicas até hoje. Fico pensando nas coitadas das minhas amigas tendo de assistir às minhas apresentações. Eu sempre cantei muito mal, sou desafinada pra caramba.

44

Uma vez meu pai comprou uma coleção de discos de histórias infantis e eu comecei a dramatizar essas historinhas. Lembro de uma, *O Pulo do Gato*, que eu fazia com um menino. Minha mãe, como sempre, fazia os figurinos. O ingresso eram tampinhas de guaraná.

Eu fui uma criança muito mimada. Toda vez que meu pai ia para Santos, me trazia um brinquedo. Tinha um quarto só para guardá-los.



*Aos 8 anos*

O carnaval era outro grande acontecimento. Todos lá em casa sempre foram muito carnavalescos. Minha mãe fazia fantasias pra mim desde que eu tinha dois anos. Baiana, holandesa, cigana, bailarina húngara, havaiana, espanhola, e sei lá quantas mais.

Meu pai também incrementava o carnaval. Um bloco carnavalesco desfilava durante o dia, saindo do morro e indo até o *União Lira Serrano*, que era o clube dos ferroviários, e voltava pro *Flor da Serra*. À noite, tinha o baile. Eu desfilava no bloco durante o dia, mas à noite ficava em casa, geralmente com minha avó, que vinha especialmente pra isso.

46

Paranapiacaba era um lugar pacato até a chegada do *seu Alípio*. Durante os nove anos em que moramos lá, esse lugarejo viveu dias de muito agito cultural.

Nós ficamos lá até junho de 1951. Minha mãe ficou grávida do meu irmão, eu já estava com 9 anos, logo, logo ia pro ginásio (ali só tinha o grupo escolar), e então meus pais resolveram que devíamos nos mudar para Santo André. Meu padrinho já tinha um escritório lá e... Era o progresso. Ir para uma cidade maior, melhor, mais condições... Então, nos mudamos. Logo depois nasceu meu irmão Amaury, em 7 de novembro.



*O irmão Amaury aos 8 meses*



### Capítulo III

*Que o tempo dê muito tempo a esse tempo de nossas vidas .*

**Carla Finato**

Depois de um tempo trabalhando em Santo André, meu padrinho convidou meu pai para administrar os dois armazéns que ele tinha nos entrepostos de lenha e carvão, dentro da Serra do Mar, pra lá de Paranapiacaba, onde ficava a plantação de eucaliptos. Um era num ponto chamado de Taquarussú, e o outro, mais lá embaixo, era o Jurubatuba. Meu pai passou então a trabalhar por lá e só vinha pra casa nos fins de semana. Esses armazéns atendiam a todos os colonos que moravam espalhados por toda a plantação de eucaliptos, onde se cortava a lenha e se fazia o carvão. Nesses entrepostos se abastecia e se consertavam os caminhões.

Ali, além do armazém e da pousada para os caminhoneiros, tinha a igreja de Santa Luzia, porque todos na família do meu padrinho tinham problemas nos olhos. Também havia duas casinhas de alvenaria, algumas de madeira e um coreto. Essa vila ficava mais ou menos a uma hora de caminho de Paranapiacaba. Para o ABC, se ia por uma estrada de terra que passava por

Suzano e levava mais ou menos umas três horas. Morando em Santo André, a gente passava as férias nesse lugar. Eu detestava.

O curioso é que, mais de 40 anos depois, quando montamos *O Ovo do Cramulhão*, do Benedito Ruy Barbosa, convidamos o Ednaldo Freire para dirigir o espetáculo. Conversa vai, conversa vem, eu disse que sabia que ele era de Ribeirão Pires. *Não*, respondeu ele. *Minha região é mais adiante, é Paranapiacaba. Imagine*, eu disse. *Eu morei lá durante nove anos. E ele: Bom, não sou bem de Paranapiacaba. Sou de um pouco mais pra dentro do mato. Eu nasci num lugar chamado Taquarussú.*

50 Não acreditei!!! Passado o espanto, fiquei sabendo que o pai dele tinha trabalhado para o meu padrinho, era um dos colonos que faziam carvão e que *tinha um tal de Alípio que me levava todas as manhãs para a escola, em Paranapiacaba.* O meu pai tinha uma caminhonete e, de camaradagem, levava e trazia os filhos dos colonos para a escola. Eu brinco com o Ednaldo que, se não fosse pelo meu pai, ele seria analfabeto e não teria se tornado o grande diretor de teatro que é.

Em 1971, quando estávamos fazendo *Peer Gynt* com o Antunes Filho, eu, o Ewerton de Castro e a Ivete Bonfá, atriz já falecida, resolvemos fazer

um filme Super 8, muito em moda naqueles tempos. O Ewerton escreveu o roteiro e eu e a Ivete fizemos a produção. O filme foi todo rodado em Paranapiacaba e em Taquarussú. O Antunes nos emprestou os figurinos da peça. Era uma superprodução com vários atores – Paulo Hesse, Lúcia Capuani, Ariclê Perez, Amaury Alvarez e outros. O filme ficou lindo! Ganhamos vários prêmios com ele.

O Antunes gostou tanto da locação que acabou fazendo lá *A Casa Fechada*, um teleteatro para a TV Cultura. Em seguida tentou encabeçar um movimento pelo tombamento da cidade pelo Patrimônio Histórico. Mais tarde, João Batista de Andrade fez lá o seu *Doramundo*. Pena que o Super 8 não resistiu ao tempo. Não temos mais esse registro.

Hoje, Paranapiacaba é tombada pelo Patrimônio Histórico.



## Capítulo IV

*Habito o movimento e a minha pátria é todo o continente de que não sei o fim. Irei tão longe quanto for a sede e a urgência da mudança.*

**Ruy Duarte de Carvalho, poeta angolano**

Eu fiz o curso científico, mas não terminei. Fiz contabilidade, mas não terminei. Fiz piano e balé e também não terminei. Tentei muitos outros cursos e nunca completei nenhum. Trabalhei em banco e fui até miss, imagine! E finalmente entrei na Escola de Arte Dramática (EAD). Esta eu terminei.

Fiz a formação escolar normal. O curso primário, no Educandário Santo Antônio, ali mesmo na Vila Alpina, onde eu morava. Era um colégio de padres capuchinhos, e a diretora, Maria Delfina de Carvalho Neves, sempre organizava uma festa de fim de ano no teatro da escola. E eu, com *minha vasta experiência teatral* adquirida nas apresentações para as amigas em Paranapiacaba, sempre participava. Declamava poesia, fazia números cômicos... Lembro de um muito engraçado que eu fazia com uma menina chamada Maria de Lourdes. Éramos duas velhas surdas, uma nunca entendendo o que a outra falava. Essas coisas circenses que se vê hoje nos programas de humorismo da televisão.

Fiz o curso ginásial no colégio Duque de Caxias. Na 4ª série passei para o colégio Estadual Dr. Américo Brasiliense. Não gostava de estudar. Estava sempre tentando outras coisas, procurando algo que realmente me satisfizesse. Estudei piano e balé, fiz cursos de bolos decorativos e de corte e costura, aprendi a desenhar... Mas sempre acabava desistindo, fazia tudo pela metade. Eu queria ser alguma coisa diferente, mas também não me esforçava muito pra isso. Achava tudo chato.

54

Quando terminei o ginásio, pensei em cursar direito ou jornalismo, mas, no ginásio, tinha uma professora de latim que me torturava porque eu não gostava de jeito nenhum da matéria dela. Eu nunca fui boa aluna. Eu matava aula, inventava doença... Cabulava aula pra ficar fumando no banheiro ou batendo papo com as amigas. Odiava a escola, achava um saco, não tinha paciência. Achava matemática um horror, nunca consegui aprender inglês, mas gostava de história e francês. Só fui ser boa aluna na EAD.

O latim me deixou de segunda época, mas acabei passando. Aí, para fugir do latim, decidi fazer o científico. Pior a emenda que o soneto. Era matemática, química, física... Eu não entendia nada. Não sei como consegui chegar até o segundo ano, quando desisti. Então fui fazer o curso de

contabilidade no Colégio Mattei. Nesse curso tinha um professor de português que despertou em mim o gosto pela escrita. Era o Ethevaldo Siqueira, emérito jornalista, comunista histórico. Deu-me um prêmio por um trabalho sobre a favela. Eu o fiz em versos.

Na época, fazia parte de um grupo chamado Clube dos XX, que tinha uma sede bem no centro da cidade. Era um lugar aonde os jovens iam se encontrar, dançar, ouvir música. Eu já tinha sido Rainha do Colégio umas duas vezes quando surgiu o concurso *Garota Luzes da Cidade*, organizado pelo jornal *Última Hora* e pelo jornalista Moracy do Val, que tinha uma coluna chamada Luzes da Cidade. Lá fui eu representando o Clube dos XX. Acabei eleita. Logo em seguida veio o concurso de Miss Santo André e também fui eleita. No júri estavam o Hélio Souto e o Alberto Ruschel (dois famosos atores do cinema brasileiro da época). Só não disputei o Miss São Paulo porque o clube não tinha dinheiro para comprar um vestido e eu não quis repetir o mesmo vestido usado em Santo André.

Outra vez as vidas cruzadas: Quando montamos pela primeira vez um texto meu, chamado *Você tem Medo do Ridículo, Clark Gable?*, nos anos 1990, convidei o Hélio Souto pra fazer um dos papéis. Foi delicioso poder me tornar sua amiga.

Ele não se lembrava do concurso de Santo André, tão importante pra mim. Que pena!

Nosso divertimento em Santo André era muito restrito. Íamos ao cinema, na primeira sessão do domingo – Cine Tangará ou Cine Carlos Gomes. Quem ia ao Tangará, subia a Cel. Oliveira Lima. Quem ia ao Carlos Gomes a descia. Assim era o *footing* de domingo. E íamos aos bailes aos sábados. Ah, os bailes! Tudo acontecia nos bailes! Namoro, noivado, pedido de casamento, rompimento, traição. Tudo!!! Os bailes eram o microcosmo da cidade. Tínhamos bailes quase o ano inteiro. Ou eram os bailinhos pra arrecadação de fundos para as festas de formatura ou eram os bailes de formatura. Esses eram no salão do Moinho São Jorge, o orgulho da cidade.

56

O Moinho funcionava num prédio de oito ou dez andares e lá em cima, numa cobertura espetacular, ficava o salão de baile. O saguão de entrada, a área do bar, e umas enormes colunas eram revestidos de mármore. O restante das paredes era de vidro com grandes portas laterais dando para duas varandas que se uniam ao fundo num imenso jardim, com fonte luminosa e tudo. E os bailes de formatura eram o grande acontecimento. Orquestras como Osmar Milani e Silvio Mazzuca eram *habitués*, mas chegamos a dançar ao som de Harry James! Às vezes eram

conjuntos mais simples, como o do Perez Prado e do Dick Farney. Nesse baile abrilhantado por ele acabei subindo ao palco para pegar um autógrafa e ele me mandou sentar ao seu lado no piano. O coração parece que ia sair pela boca. E então ele começou a cantar *Olhos Negros* (música do seu repertório), só que ele trocava os negros por verdes e cantava olhando nos meus olhos. Quase precisei sair dali carregada de tanta emoção.

Eu fazia parte de um grupinho de amigos muito bom, cujo líder era o meu primo Murilo. Então não havia objeção por parte dos pais. O Murilo tomava conta. Era um grupo de estudantes duros, sem dinheiro. Tínhamos para os táxis de ida e olhe lá. Na volta era a pé mesmo. Tirávamos o sapato e pé na estrada. Quando passávamos pela Padaria Central, perto da Estação, já eram mais ou menos umas 6 horas da manhã. Aproveitávamos para aquele pingado com pão e manteiga na chapa e mais uma pernada até em casa.

Bebidas no baile, nem pensar. Eles levavam de casa e lá só se compravam os refrigerantes pra misturar. Era a época do Cuba Libre (rum com Coca-Cola) e do Hi-Fi (vodca com Crush). É claro que quem carregava as garrafas eram as moças, sob o casaco ou sob o braço escondido pela estola de pele. Eu tinha uma de pele de coelho, branquinha, que soltava pelo pra xuxu. Num desses

bailes eu atravesso o salão toda elegante, com minha estola de peles, e vejo que desperto todos os olhares. Nossa! Estou abafando! Chegamos à mesa e eu esnobo: *Viram como abafei?* E o Carmelo, amigo nosso que vinha logo atrás de mim, disse: *Claro, o fundo do litro de rum está aparecendo embaixo do teu braço sob a estola!!!*

Foi nesta época que minha mãe acabou me arrumando um emprego no Banco de Crédito Real de Minas Gerais, porque o contador era amigo do meu primo Mauricy. Lá fui eu. Tinha umas unhas enormes, vermelhas cor de sangue e o contador: *Você vai ter que cortar essas unhas, porque vai precisar datilografar.* E eu: *Nem pensar! Não sei escrever à máquina.* E ele: *Sua mãe disse que você acabou de fazer o curso de datilografia?!* E eu: *Bem, quer dizer, ela pensa que eu fiz o curso, mas eu matei muita aula. É melhor você me colocar no balcão atendendo clientes.*

O tempo das vacas gordas tinha acabado. Estávamos nos anos 60. Os fornos elétricos substituíram a lenha e o carvão, a pedreira de quartzito estava extinta, meu pai havia voltado para os escritórios de Santo André, mas o dinheiro encurtou muito. Meu irmão ainda era um garoto. Minha mãe começou a trabalhar em casa, como costureira, e nada mais justo que me tivesse *empurrado* para aquele emprego para ajudar nas despesas.

Trabalhei lá por cinco anos e só saí para vir morar em São Paulo, já pra ser atriz, e quando estava terminando a EAD.

No banco, fui eleita Rainha da Agência de Santo André, num evento em que eles reuniram rainhas de todas as agências do Brasil. A festa foi aqui em São Paulo e ficamos todas hospedadas no Hotel Danúbio, que era um dos mais chiques da época. Claro que minha mãe me acompanhava. Ela era a verdadeira *mãe de miss*. Tivemos uma agenda cultural intensa – Museu do Assis Chateaubriand, ali na Rua 7 de Abril, jantar no Le Casserole, no Largo do Arouche, ida ao teatro...

Ah, a ida ao teatro! Assistimos no Teatro Bela Vista, onde hoje é o Sergio Cardoso, à peça *Boeing-Boeing*, de Marc Camoletti, com John Herbert e Eva Wilma. Imagine, o casal *Alô Doçura* da televisão! No elenco estava também o Francisco Cuoco, que era o maior galã das novelas da Excelsior. Fomos conversar com os atores, tiramos fotos... Eu flutuava.

Esse teatro era bem melhor que aqueles que eu assistia em Paranapiacaba. O cenário parecia de verdade. Não eram aqueles telões pintados, que balançavam quando o ator entrava em cena. E os atores eram maravilhosos. *Devia ser interessante a vida de ator! Não aquela coisa monótona do*

*banco. Puxa, estar ali, no palco, com todas aquelas luzes, vivendo vidas que não são as nossas, esse mundo de faz de conta... É, o teatro é uma coisa fascinante!*

Naquela noite adormeci embalada pela fantasia de estar representando *Boeing-Boeing* com aquelas pessoas... Ser amiga da Eva Wilma, do John Herbert, aquele mesmo que fazia os filmes da Atlântida que eu adorava. Puxa, isso até que podia ser verdade.

## Capítulo V

*O mundo é um palco. E homens e mulheres, não mais que meros atores. Entram e saem de cena e durante a sua vida não fazem mais do que desempenhar alguns papéis*

**William Shakespeare**

Como já contei, fantasiar-se no carnaval era um hábito de família. Cresci vendo meus pais se fantasiarem. Teve um ano, lá em Paranapiacaba, que minha mãe fez pra ela uma fantasia de Pierrô sem o meu pai saber. E criou uma máscara muito bonita que encobria o rosto todo. Ela queria fazer uma surpresa para ele e também dar uma vigiada pra ver se ele estava aprontando alguma. Foi para o baile e começou a dar em cima do meu pai. E ele muito espertinho: *Tu achas que eu não ia conhecer esses olhinhos? Achas que eu não ia saber quem és?* Carnaval, para mim, sempre foi sinônimo de fantasia. Eu continuei me fantasiando nos carnavais até os anos sessenta.

E foi quando fiz uma fantasia de africana e precisava de uma maquiagem especial para ficar com a pele bem escura que minha história começou a mudar. Indicaram-me um senhor que trabalhava com teatro amador. Ele devia ter a maquiagem que eu precisava. Era o Antônio Chiarelli.

Esse homem foi um pioneiro do teatro em Santo André. Apaixonado pelas artes cênicas, tendo que se dedicar ao comércio de eletrodomésticos para sobreviver, fez do teatro amador sua razão de viver. Fundou a Sociedade de Cultura Artística, que presidiu por anos e anos e por meio da qual construiu o Teatro de Alumínio – um pequeno prédio de alvenaria com telhado de placas de alumínio, que fazia um barulhão terrível quando chovia.

62

Durante muito tempo foi o único teatro da cidade, e Chiarelli, o seu diretor artístico. A criação do Teatro Municipal de Santo André tem a sua origem na abnegação e dedicação deste homem pouco lembrado hoje, mas nunca esquecido pelos que privaram de sua amizade e do seu conhecimento.

E ele não só me arrumou a maquiagem, como me convidou para ir assistir a um espetáculo que estava em cartaz no Teatro de Alumínio. O espetáculo era *Os Pequenos Burgueses*, de Maximo Gorki, que o Teatro Oficina havia montado e estava levando em excursão por várias cidades do Estado. No elenco, o grande Eugênio Kusnet, Ety Fraser, Raul Cortez, Célia Helena, Miriam Mehler... Meu Deus! Nunca tinha visto nada tão fantástico. Que peça! Que atores! Foi nessa noite que decidi que seria atriz. Saímos do

teatro, eu e a minha mãe, e disse pra ela com muita clareza: *Mãe, tua filha vai ser atriz. É isso que eu quero. Acabo de decidir.*

Meus pais nunca foram moralistas, graças a Deus, mas é claro que quando eu comentei a minha decisão, meu pai se assustou: *Atriz?! Minha filha isso não é profissão!*

Na época, em 1963, estava namorando firme, trabalhando no Banco de Crédito Real de Minas Gerais, fazendo enxoval, tudo como mandava o figurino. Mas aquela sensação que eu havia experimentado assistindo *Pequenos Burgueses* não me abandonava. Aí, novamente o destino mudou tudo. O namorado acabou o namoro... E bem no dia do assassinato do John Kennedy!

63

Eu chorava, comparando a minha dor com a da Jacqueline Kennedy... Ela chorando lá em Dallas a morte do marido, e eu chorando aqui em Santo André o fim do meu namoro. Que drama! Uma amiga apareceu lá em casa e tomamos juntas uma garrafa de Martini. Passei mal à beça, quase morri, nunca mais o meu fígado foi o mesmo e então percebi que namoro nenhum valia aquele quase coma alcoólico.

No dia seguinte, comprei um vestido novo, uns brincos que pareciam uns cachos de uvas enor-

mes, fiz mechas loiras no cabelo e fui para uma festa de aniversário de um dos funcionários do banco. Nesta festa, um amigo, Waldir Montagner, me falou de um grupinho que estava fazendo teatro no colégio onde eu tinha estudado e me convidou para fazer parte. Era um texto que um rapaz do grupo, o Douglas Zannei, tinha adaptado de um conto russo chamado *Os Sete Enforcados*, de Leonid Andreyev. Um russo! Como Gorki! Era a senha que eu precisava.

64

A adaptação chamava-se *Assim os Homens...* Começamos a ensaiar. No elenco estava o Tidinho Rocco, que tinha estudado comigo na 4ª série e era um dos garotos mais bonitos do colégio e para quem eu bem que arrastara uma asinha. Era mosca no mel. O namorado que me dera o fora já era página virada.

Os anos 60 prometiam uma grande efervescência cultural. O Teatro de Arena, que havia surgido em São Paulo, em 1953, com Zé Renato, estava agora, pelas mãos do Boal e do Guarnieri, propondo uma revolução estética. Ali na Jaceguai, o Teatro Oficina também buscava novos caminhos. Era um pessoal que queria fazer um teatro de ideias, propor novas questões, retratar o nosso povo e não só a burguesia como vinha sendo feito até então.

Foi esse o recado que Guarnieri deu em *Eles não Usam Black-Tie*. Com uma proposta totalmente inovadora para os padrões da época, a peça foi um enorme sucesso, transformando por completo o teatro brasileiro. Afinal, ela colocava o operário em cena. Esta peça era fruto do *Seminário de Dramaturgia do Arena*, que tinha por objetivo revelar novos autores e era coordenado por Augusto Boal, recém-chegado dos Estados Unidos com novas técnicas de dramaturgia. Daí surgiram nomes como Chico de Assis, Oduvaldo Vianna Filho, o Vianninha, Lauro César Muniz, Jorge Andrade, Roberto Freire...

Ariano Suassuna, com seu *Auto da Compadecida*, havia trazido o Nordeste para o Sudeste e integrado o País. Além disso, vivíamos o grande momento do Cinema Novo (*A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, de Roberto Santos, e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha). A música se renovava com a Bossa Nova e a MPB. A cultura no Brasil estava florescendo e efervescendo a olhos vistos.

E 1964 chegou. E com ele os militares, a repressão, o susto e o medo. O presidente agora era o general Humberto de Alencar Castelo Branco, que prometia eleições livres para 1966 e um sucessor legitimamente eleito pelo povo.

Os militares ficaram no poder por mais de vinte anos com uma repressão cruenta e sanguinária, destruindo sonhos e esperanças. E as eleições democráticas só foram acontecer outra vez em 1989.

Mas nem tudo estava perdido. Começaram aí os grandes atos de resistência, as lutas individuais e coletivas para manter a dignidade cultural e a liberdade de expressão. Foi assim que o diretor do Departamento de Cultura da então Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Estado de São Paulo, Nagib Elchmmer, criou um projeto que levava diretores de teatro profissional para trabalhar com grupos amadores pelas diversas cidades do Estado. Para Santo André foi o Ademar Guerra, que na época era assistente do Antunes Filho. Depois, ele ficou famoso com a primeira montagem de *Hair*, *Oh! Que Delícia de Guerra* e *Marat Sade*.

66

O Antônio Chiarelli ofereceu o Teatro de Alumínio para ser a sede do projeto e convidou os vários grupos de teatro amador da cidade para se apresentar para o Ademar. Meu grupinho também foi. Fizemos o teste (uma cena, horrível por sinal, da peça que estávamos ensaiando), e eu acabei sendo escolhida, juntamente com o Tidinho e o Douglas, que ficou como assistente de direção.

Nem acreditei. Eu ia ser atriz! Ia subir ao palco! E trabalhando com um diretor profissional de

São Paulo. Era bom demais. Estava entre os escolhidos pelo Ademar Guerra para participar da montagem de *Gente como a Gente*, de Roberto Freire. Como eu havia feito um papel de mãe no nosso teste, ele me colocou para fazer o papel da mãe da protagonista. O pai ficou com o Antônio Petrin, que também era de Santo André e fazia teatro amador no Parque das Nações junto com o Alexandre Dresler, que também entrou para o elenco. E, é claro, o Antonio Chiarelli, que já era um ator consagrado, entre os amadores.

Mas faltava a protagonista, Gina. Começamos a ensaiar e nada da protagonista. O Ademar não gostava de nenhuma candidata. Um sábado eu ia a uma festa depois do ensaio e fui toda arrumada, maquiada, metida num vestido de seda verde que realçava muito meus olhos. Ademar me olhou, olhou, mandou que eu caminhasse pelo palco, me colocou sob um refletor e disparou:

– *Você vai fazer a Gina.*

– *Meu Deus, será que consigo?*

E ele:

– *Acho que sim, senão não tinha convidado.*

Eu vibrei. O papel é maravilhoso. A Rosália, mulher do Petrin, que sempre ia assistir aos

ensaios e também era atriz, acabou fazendo o papel da mãe.

Ademar trabalhava os atores com precisão cirúrgica e eu me entreguei de corpo e alma àquele trabalho. Era instigante ver como os personagens iam surgindo aos poucos, a cada ensaio, dia a dia, hora a hora. E a peça ia tomando corpo, levantando, criando forma, transformando-se no espetáculo.

68 Depois dos ensaios de sábado, eu e o Tidinho vínhamos sempre para São Paulo assistir algumas peças. Afinal, agora *éramos do meio*. A mais impressionante de todas que vi nesse período foi, sem dúvida, *Vereda da Salvação*, de Jorge Andrade, no TBC, com direção do Antunes Filho. É um texto de grande impacto, que fala do fanatismo religioso e se passa em Malacacheta, na região Nordeste das Minas Gerais. No elenco, Cleyde Yáconis, Raul Cortez, Stênio Garcia, Aracy Balabanian, Renato Restier, que eu conhecia dos filmes da Atlântida, e outros tantos. Que espetáculo impressionante!

O TBC já não mais sob a direção de Franco Zampari vinha substituindo as peças elegantes e burguesas de gabinete por textos mais contestatórios e instigantes. Mais uma vez o povo brasileiro, desta vez o camponês esmagado pela fome, tomava os palcos

paulistas. Quanta coisa existia nesse mundão de meu Deus que eu nem desconfiava.

Finalmente estreamos e o espetáculo foi um sucesso. Ficamos um mês em cartaz, com a plaquinha de LOTADO na bilheteria. Todo dia voltava gente. O Ademar Guerra vibrava: *Nem em São Paulo o teatro está lotando desse jeito*. Foi um marco no teatro amador de Santo André, onde normalmente as peças ficavam apenas um fim de semana em cartaz. Era amador, mas tinha um viés profissional. Diferente daquele teatro antigo, convencional, feito pelo grupo do Chiarelli que, na verdade, era parecido com o que eu via em Paranapiacaba.

*Gente como a Gente* era moderno, arrojado. O texto do Roberto Freire era atualíssimo. Ele fazia parte da nova dramaturgia brasileira que estava surgindo ali no Teatro de Arena. Pertencia a essa família teatral. A peça era sensível, delicada, falava também de uma família de operários, como o *Black Tie* do Guarnieri. Não tínhamos cenário. A ação se passava em vários lugares ao mesmo tempo. Os espaços eram demarcados por praticáveis e pela luz.

Hoje isso é comum, corriqueiro, mas naquela época, e em Santo André, era uma novidade e tanto. A experiência foi sensacional. Eu tinha finalmente encontrado o meu caminho. A cada



*Coquetel de estreia de Gente como a Gente: Ademar Guerra, Analy, Euclides Rocco e Roberto Freire*

dia uma nova descoberta, a cada dia a Gina crescia um pouco. Cada apresentação tinha um sabor diferente e melhor que a anterior.

Estar no palco, sentir o pulsar do público, ir percebendo o seu envolvimento, sentir que ele está em suas mãos e de repente ele explode em aplausos. Posso escrever páginas e páginas que jamais conseguirei transmitir essa emoção.

*GINA – Luiz!*

*LUIZ – Vem!*

*GINA – Como está escuro aqui. Não vejo mais nada...*

*LUIZ – Então... Fecha os olhos... Não adianta*

*GINA – Meu Deus!... Eu te amo...*

*LUIZ – Não fala....*

*GINA – Aperta a minha mão.*

*LUIZ – Onde está a sua mão?*

*GINA – Na sua.*

**Gente como a Gente – de Roberto Freire**

**Final da cena II**



## Capítulo VI

*Não há nada mais fútil, mais falso, mais vão, nada mais necessário que o teatro.*

**Louis Jouvet, diretor e ator francês**

Nosso espetáculo ficou em segundo lugar no Festival de Teatro Amador de Botucatu. Uma das juradas era a Berta Zemel, atriz formada pela Escola de Arte Dramática, a famosa EAD. Berta era uma atriz muito respeitada e conceituada. Ela foi conversar com a gente e disse que éramos muito talentosos e que tínhamos que ir para a Escola de Arte Dramática. Ela me fez prometer. Eu prometi. E fui.

73

A EAD foi fundada em 1948, pelo Dr. Alfredo Mesquita, e até hoje ocupa um papel fundamental na formação de diversas gerações de artistas no Brasil. O Dr. Alfredo era um visionário. Ele pertencia a uma família muito rica da aristocracia paulista, tradicionalíssima, dona do grupo *Estado*, do jornal *O Estado de São Paulo*, mas deixou tudo pelo teatro. Foi o filho que disse não para o jornal.

A aula inaugural da EAD foi do Paschoal Carlos Magno, o que já mostrava o espírito revolucionário e contemporâneo que a escola teria. Dali

saíram os maiores nomes do teatro brasileiro contemporâneo, formando atores, cenógrafos, dramaturgos e diretores, como Berta Zemel, Aracy Balabanian, Glória Menezes, Juca de Oliveira, Léo Villar, João José Pompeo, Silnei Siqueira, Miriam Muniz, Ilka Zamnotto, Yara Amaral, Francisco Cuoco, Nelson Xavier, Miriam Mehler, Ruthinéa de Moraes, Sérgio Mamberti, Luiz Serra, Paulo Vilaça, Celso Nunes, dentre muitos outros.

74

Os professores, que ganhavam salários simbólicos, eram a fina flor da academia paulistana de teatro. A professora de dicção era a Maria José de Carvalho, que foi considerada por muitos anos a maior especialista em dicção deste país, seguida por Mylène Pacheco, sua discípula e continuadora. História do Teatro era ministrada por Paulo Mendonça, que também era crítico da *Folha de S. Paulo*. Teatro Brasileiro era dado por Sábado Magaldi, também crítico de teatro do *Estadão*. Além deles havia Décio de Almeida Prado, Anatol Rosenfeld, Clóvis Garcia, Hugo Mattos, professor de Esgrima, Chinita Ullman, de Expressão Corporal, Leila Cury, de Mitologia, e outros.

Em suas diversas fases, a EAD teve ainda, como professores convidados, profissionais como Cilda Becker, Haydée Bittencourt, Antunes Filho, Gianni Ratto, Ademar Guerra, Augusto Boal...

A escola tinha uma biblioteca maravilhosa, com publicações estrangeiras, livros e revistas do mundo inteiro. Era um luxo. A secretária era Maria Thereza Vargas, que entrou na escola para fazer o curso de crítica e acabou ficando. Uma mulher extraordinária, sensível, dedicada. Acompanhou o Dr. Alfredo até o fim. Nenhum deles estava lá para ganhar dinheiro, era por amor mesmo. Amor ao teatro, amor aos ideais da escola, amor ao Dr. Alfredo.

Uma das grandes tradições da EAD era a sopa servida gratuitamente aos alunos todas as noites. O Dr. Alfredo achava que os alunos trabalhavam o dia inteiro, chegavam à noite com fome e não aproveitariam direito o curso se não se alimentassem. Era a tia Dacira quem fazia a sopa na cantina. Ela tinha vindo da fazenda de Louveira, de onde vinham também os legumes para a sopa. Ele era um grande pai.

Em 1966, quando a escola já estava atravessando um período de grandes dificuldades financeiras, eu levava toda semana dois quilos de café. Meu pai estava trabalhando com torrefação e eu dava o café porque a escola estava sem dinheiro até para isso. Eu saí da EAD em 1967. Três anos depois a escola passou para o controle da USP, onde está até hoje. O Dr. Alfredo foi obrigado a passá-la para a Universidade porque já não

conseguia mais tocá-la sozinho. Estava triste, magoado, desencantado. A EAD tinha sido o sonho onde ele investira toda sua herança de família. Retirou-se em silêncio.

O que me deixa feliz é ter organizado anos depois, junto com outros ex-alunos, uma grande festa em sua homenagem, pouco antes de ele morrer. Foi uma festa e tanto, por coincidência, na Sala Paschoal Carlos Magno do Teatro Sérgio Cardoso, que acabou sendo pequena demais para acolher todos os ex-alunos, professores e amigos que compareceram. Fizemos também, nesta noite, o lançamento do livro *Contos* (Editora Nova Fronteira), que ele havia escrito, e ainda uma belíssima exposição de fotos de todas as montagens feitas pela escola. Acho que homenagem se faz assim – com a pessoa viva. O Dr. Alfredo estava radiante, com aqueles olhinhos azuis brilhando como duas turmalinas. Foi muito comovente.

## Capítulo VII

*Ora direis, ouvir estrelas.*

**Via Láctea – Olavo Bilac**

Como havia prometido a Berta Zemel, fui fazer a inscrição na EAD. Comigo foram os colegas de peça, Antônio Petrin e Alexandre Dressler. Não houve nenhum tipo de resistência por parte dos meus pais. *Ela vai um tempo e depois desiste. É mais uma de suas manias*, dizia meu pai: *Ainda mais em São Paulo. Vai e vem de trem, todo dia. Ela desiste logo...*

Desta vez foi diferente. Vim, vi e fiquei. Eles foram se acostumando, tinham até um certo orgulho. Meu pai andava sempre com o último recorte de jornal que falasse a meu respeito. No exame de admissão levei uma cena de *Gente como a Gente* (era tudo o que eu sabia fazer) e declamei o soneto *Via Láctea* de Olavo Bilac. Na mímica, fiz uma cozinheira estabanada. Lá, eles me deram de improviso uma cena de *Gimba*, de Guarnieri. Zanoni Ferrite me deu a réplica na primeira cena e Luiz Carlos Arutin na segunda. Eram alunos que já estavam no segundo ano.

Os exames eram sempre muito concorridos, já que era a única escola de teatro de São Paulo.

Muitos candidatos para poucas vagas. Mas o pessoal ia ficando pelo caminho e algumas turmas terminavam com apenas três ou quatro alunos. A minha foi uma das maiores, com quatorze.

A EAD era um lugar especial, mágico, pelo menos aos meus olhos: uma jovem bancária que havia vencido alguns concursos de beleza, usava cabelo gatinho cheio de laquê e se julgava atriz por ter feito uma peça no teatro amador. Nada a ver com o ambiente da escola. Aquelas pessoas eram despojadas, intelectuais, descoladas como Lindolf Bell, por exemplo, que fazia o curso de dramaturgia. Louro, aqueles olhos azuis faiscantes, sempre de camisa de malha vermelha. Ficamos amigos. Ele era o poeta que havia escrito *A Geração das Crianças Traídas* e declamava com o seu grupo no Viaduto do Chá, na inédita *Catequese Poética*. Um fascínio para uma caipira de Santo André

78

Como o curso era à noite, continuei trabalhando no banco do meio-dia às 6h e saía correndo para pegar o trem das 6h34, porque a aula começava às 7 horas. Ia até 11h, mas a gente saía mais cedo para pegar o último trem pra Santo André. Éramos conhecidos como a turma do trem das 11. Nessa turma, além de mim, o Antonio Petrin e o Alexandre Dressler, estavam também a Sônia Guedes, já no segundo ano, e o marido dela, Aníbal Guedes, que era da minha classe.

Nunca faltei um dia durante os três anos de curso. Quem diria, aquela que antes cabulava aula, que inventava doença pra não ir à escola, acabou se tornando uma caxias de primeira.

Eu descobri o teatro em 1964, no ano do golpe militar, e entrei na EAD justamente no ano seguinte, quando a ditadura começava a ganhar força. O curioso é que, no momento em que o Brasil começava a mergulhar na mais profunda escuridão, eu começava a descobrir a luz.

O Dr. Alfredo não queria envolvimento dos alunos nos movimentos estudantis da UNE ou da UEE. Como evitar? Alguns faziam ciências sociais na USP e estavam completamente engajados. Era por meio deles que a gente tomava conhecimento do que acontecia no campus da universidade, mas dentro da escola era só teatro. Como se fosse possível naquele momento. Tudo que a gente fazia na época tinha um forte viés ideológico. Vivíamos política, respirávamos política.

A escola já estava atravessando uma forte crise financeira e então, por ocasião das comemorações dos 500 anos de nascimento do Padre Anchieta, o Dr. Alfredo conseguiu uma verba do governo estadual para montar *O Alto da Vila de Vitória*, do próprio Anchieta, e apresentá-la no

litoral paulista por onde o padre tinha passado. Naquela época não havia teatro nesses lugares. Então fazíamos o espetáculo nas igrejas ou na própria praia, como foi em Bertioga. Eu fazia a *Carne*, que vinha provocar os santos. Representava os pecados do mundo. Viajamos, também financiados pelo Governo Estadual, por todo o interior do Estado com *Somos Todos do Jardim da Infância*, de Domingos de Oliveira, dirigido por Silnei Siqueira, e *Qual é o Veredito?*, de Mirian San Juan, aluna de dramaturgia da escola. Isso nos dava traquejo e experiência.

80

Mas, de todas elas, a experiência mais marcante foi o trabalho que fizemos com o Antunes Filho. Ele montou, com o pessoal do terceiro ano, *A Falecida*, do Nelson Rodrigues, e acabou usando todos os alunos da escola. Claro que nós, do primeiro ano, fazíamos apenas figuração. Mas foi ali que eu comecei a entender quem era o Antunes, que método tão instigante ele estava trazendo para a gente. Foi ali também que ele começou a sua revolução estética.

Pronto! O teatro já tinha tomado conta da minha vida. Nas férias montamos *Boeing-Boeing*, do Marc Camoletti, com direção de Antonio Petrin, lá no teatro de Alumínio, em Santo André. Imagine, aquele mesmo Boeing-Boeing que eu havia visto



Auto da Vila de Vitória, personagem A Carne, EAD

no Teatro Bela Vista, anos atrás. Eu fazia o papel que Eva Wilma havia feito naquela montagem.

Foi aí que eu decidi que, se queria ser atriz, precisava estar no olho do furacão. Saí do banco e me mudei pra São Paulo. Só que eu também tinha que trabalhar. O Dr. Alfredo não permitia que nenhum aluno fizesse qualquer atividade teatral ou televisiva, era proibido. Mas eu precisava sobreviver.

82

Então fui trabalhar numa enciclopédia de arte, fazendo verbete de gente de teatro. Depois, na venda de consórcios de carros (não vendia nada, era péssima), no Instituto Gallup de pesquisas, passei também por uma empresa de rolamentos, novamente como vendedora (não é preciso dizer que nem colocando toda a minha experiência dramática eu consegui vender alguma coisa). Arrumei ainda emprego como secretária de uma imobiliária, onde fiquei só três meses porque era muito entediante, e acabei dando pensão para dois colegas de classe, Antonio Natal e Crayton Sarzi, que vinham todo dia almoçar no apartamento que eu dividia com mais duas alunas da EAD. Pelo menos fome a gente não passava.

Era muito divertido, tudo era novo, uma descoberta, uma libertação. Viver sem dinheiro é es-

tado de espírito. Quando você é jovem, cheio de sonhos e esperanças, o dinheiro não é essencial. Cada dia era um novo dia, e havia sempre uma caixinha de surpresas para ser aberta

Na escola, uma das matérias de que eu mais gostava era História de Teatro, ministrada pelo Paulo Mendonça, onde se dissecava a tragédia grega. Guardo até hoje um trabalho que apresentei com a Regina Braga sobre *Fedra*, de Eurípides. É um texto apaixonante.

A Fedra é um personagem fascinante. Na mitologia, ela é filha de Minos e Pasífae, pais do Minotauro. E o Deucalião, rei de Creta, decide que ela se casará com Teseu, o rei de Atenas, que já tinha sido casado com Antíopa, uma amazona. No dia do casamento entre Teseu e Fedra, estourou uma guerra com as Amazonas e ele foi embora guerrear.

Antíopa e Teseu tinham um filho, Hipólito, que era um caçador muito bonito e virgem. E Fedra apaixonou-se perdidamente por ele. Hipólito, devido à sua castidade e ao respeito pelo pai, não quer nada com ela. Mas a Fedra já não consegue mais disfarçar essa paixão avassaladora e quando Teseu é dado por morto, declara-se perdidamente ao enteado.

Foi nesta época que a Mylène Pacheco nos deu um trecho de *Fedra*, de Racine, com tradução de Maria José de Carvalho, para estudarmos para o exame final de dicção. Esta peça foi escrita em 1677 e é considerada uma das obras-primas do teatro clássico francês.

Eu não era boa em dicção e precisava tirar 8 para passar. E eu tinha visto no cinema a Melina Mercouri fazendo uma Fedra fantástica no filme *Profanação*, de Jules Dassin, marido dela. Ele modernizou a tragédia, mas manteve todos os traços gregos. A Melina, que depois seria a Ministra da Cultura da Grécia, estava deslumbrante neste filme. Eu babava de ver a interpretação dela.

84

Para o exame, eu escolhi o Antonio Natal, colega de classe que lembrava o Anthony Perkins, o Hipólito no filme do Dassin. Mylène deu uma série de recomendações de como ela queria a interpretação, com todos aqueles trejeitos que ela inventava. Mas eu não quis nem saber. Não segui nada do que ela falou. Inspirei-me na Melina e fiz a Fedra como quis. *Se tiver que ser reprovada, serei, mas vou fazer a Fedra do meu jeito. Com todo o arrebatamento e a dolorosa paixão que a caracterizam.* Tirei 10. Foi só uma prova, mas me marcou muito.

*...vinga-te, dá castigo a este amor odioso,  
Digno filho do herói que te fez tão formoso.  
Liberta o universo deste monstro insólito  
A viúva de Teseu ousa adorar Hipólito!  
Esse hediondo monstro não pode escapar  
Eis o meu coração que deves golpear.  
Tão sequioso ele está de sofrer tua vingança  
Que ao teu golpe mortal sinto-o que já avança.  
Fere!  
Porém se tu de tal o achas indigno  
Se o teu ódio não quer um suplício benigno,  
Em que dum sangue vil tua mão seja impregnada,  
A falta de teu braço, empresta-me tua espada  
Dá-ma.*

**Fedra – ato II – final da cena V**  
**De Racine – Tradução de Maria José de Carvalho**



*A turma que se formou na EAD em 1967, num encontro 20 anos depois, na casa do Dr. Alfredo Mesquita. Em pé: Thomaz Perri, Umberto Magnani, Juan de Dios, Dilma de Mello, Regina Braga, Alfredo Mesquita, Antonio Natal, Cecília Maciel, Crayton Sarzi e Josias de Oliveira. Abaixados: Antonio Petrin e Analy*

## Capítulo VIII

*Eh, morena! Por ela eu era capaz de subir e descer peladinho num coqueiro de macaúba...! Como é que se faz pra conquistar uma morena dessas?*

### **Fala de Querubim sobre Madalena *Esse Ovo é um Galo* – de Lauro César Muniz**

Os exames públicos da escola eram muito concorridos. Os produtores e os diretores iam assisti-los pra contratar novos atores. O mercado era bem menor que o de hoje. Não tinha muito ator dando sopa e os produtores sabiam que a escola formava gente com competência e profissionalismo.

87

Assim, quando terminei a EAD em dezembro de 1967 com o *Prêmio Chinita Ulman* de melhor interpretação da turma, já tinha dois convites para estreiar como profissional. Um, da Ruth Escobar, para fazer a Madalena em *Este Ovo é um Galo*, do Lauro César Muniz, com direção de Silnei Siqueira, e outro de Paulo Autran, para fazer *Nicole* (a mesma personagem com a qual eu havia ganhado o prêmio), na montagem dele de *O Burguês Fidalgo*, de Molière, com direção de Ademar Guerra. Acabei indo fazer a produção da Ruth. Foi meu primeiro trabalho profissional.

*Esse Ovo é um Galo* é uma comédia deliciosa. Dessas que não envelhecem. Ela se passa numa cidade do interior paulista, durante a revolução de 1932. Lauro usou de uma pseudoingenuidade pra falar da ditadura que estávamos vivendo e, assim, escapar da censura. A peça termina com um tenente matando o galo para que ele não possa cantar – *Pronto! Calou o bico!* Ele diz. Faz-se um silêncio total por alguns instantes. Ao longe, ouve-se um galo cantar, depois outro mais perto e depois vários cantares de galos num crescendo envolvente. Uma verdadeira sinfonia de galos. A esperança em dias melhores.

88

Madalena é um *gostosona* da cidade cobiçada por todos os homens, inclusive o forasteiro Onofre, recém-chegado – papel vivido pelo ator Luiz Serra. Ele me paquerava tanto em cena que acabamos juntos, dez anos depois. Coincidência, né?

Eu estava fazendo a peça, quando o Antunes abriu testes para montar *A Cozinha*, de Arnold Wesker. Fiz o teste e passei. Estreamos *Esse Ovo é um Galo* no começo de 1968 e os ensaios de *A Cozinha* começaram em março. Durante o dia eu ensaiava *A Cozinha* e à noite fazia *Esse Ovo...* Quando terminei uma, estreei a outra. No elenco de *A Cozinha* conheci o Juca de Oliveira, de quem fiquei muito amiga. Éramos quase vizinhos e saíamos juntos todas as noites para jantar. Eu,



*A Cozinha: Analy, Ivete Bonfá, José Carlos Miranda e Ricardo Petraglia*

ele e o Antunes. Ou no Eduardo's ou no Piolin. Sentavam-se ainda à nossa mesa o Plínio Marcos, o Alberto D'Aversa, o John Herbert... E eu, peixinho novo, ficava lá, só ouvindo as conversas e aprendendo.

Naquela época, o teatro era um mercado de trabalho viável. Dava para viver disso. Estavam sempre surgindo companhias novas e como o número de atores disponíveis ainda era relativamente pequeno, mal acabava a temporada de uma peça já estávamos ensaiando outra. E com salário fixo. Por vezes, acrescidos de porcentagem. Às vezes, trabalhávamos até com carteira assinada, como era o caso do Sesi: férias remuneradas, 13º salário e FGTS.

90

Era outra realidade. Com isso, pude me mudar para um apartamento de quarto e sala na Major Sertório, porque antes morava com mais duas moças numa quitinete. Todo mundo de teatro morava naquela região.

Era comum encontrar a Leilah Assumpção no açougue ou o Silvio de Abreu na padaria. Silvinho não morava por ali, mas ia muito ao apartamento do Ademar Guerra que era na esquina, de frente para o meu. Batíamos longos papos na calçada sobre as chanchadas da Atlântida das quais ele era fã incondicional e eu sabia todas de cor.



*A Comédia Atômica: Zanoni Ferrite, Analy, Osmiro Campos, Átila Lório e, de costas, Cláudio Mamberti*

Depois ele acabou fazendo com o Carlos Manga o maravilhoso *Assim era a Atlântida*, no mesmo gênero do *Assim era Hollywood*. Por ali também viviam Anselmo Duarte, Leonardo Villar, Luiz Sérgio Person, Liana Duval, Jairo Arco e Flexa, Carlinhos Silveira, João Roberto Simões, Paulo Hesse, Roberto Azevedo, Juca de Oliveira...

92 A Major Sertório era uma rua muito atípica. Ali, ao redor da Praça Leopoldo Fróes, onde na época havia o Teatro Leopoldo Fróes, posteriormente demolido, concentrava-se a turma do teatro e do cinema. Pra cima, em direção a Higienópolis, viviam os estudantes do Mackenzie, próximo do João Sebastião Bar, bar da moda e badaladíssimo. Na outra ponta, ficava a chamada *Boca do Luxo*. Eram as boates ou inferninhos de classe média. Eram várias, mas me lembro bem da Boate Michel, porque a fachada tinha um gigantesco luminoso imitando um céu azul com estrelas e sobre ele o nome Michel. Eu passava ali com frequência e aquele céu azul sempre me chamou a atenção.

Paulo Hesse era amigo do dono e certa vez em que eu me queixava da falta de dinheiro e ele brincou: *Uma mulher bonita como você, com esses olhos verdes enormes e esses peitões, se queixa de dinheiro porque quer. Eu te levo lá no Michel e você resolve sua vida rapidinho. Pelo*



*Cidade Assassinada: Analy e Umberto Magnani*

*menos um carro e um apartamento. E é tudo muito discreto.*

Se fosse outro eu teria me ofendido, mas com o Paulo... Só dando risada mesmo. Ele sabia que eu jamais faria uma coisa dessas, mas a piada era boa e Paulo nunca perdeu uma piada. Como ele mesmo costumava dizer: *Perco o amigo, mas não perco a piada.*

## Capítulo IX

*Quando a lua estiver na sétima casa  
e Júpiter alinhar-se com Marte  
então a paz guiará os planetas  
e o amor dirigirá as estrelas*

***Aquarius*, música da peça *Hair*,  
de James Rado e Jerome Ragni**

A década de 1960 virou o mundo de cabeça pra baixo. Ou de cabeça pra cima, definitivamente. A liberação da pílula anticoncepcional para venda livre nas farmácias foi talvez a mola propulsora da revolução sexual. Aquela caixinha cor-de-rosa de *Novulon*, que girava no sentido horário pra que não se perdesse o controle diário de ingestão, era o passaporte mágico para a emancipação sexual da mulher. E isso foi definitivo!

A revolta dos jovens americanos contra a guerra do Vietnã deu origem ao movimento *hippie* que, como um rastro de pólvora, ganhou o mundo. Os jovens mancebos trocaram o terno da Ducal e a camisa *Volta ao Mundo* por roupas coloridas e extravagantes: coletes de couro franjado, camisetas bordadas, *jeans* boca de sino, enormes bolsas a tiracolo (impensáveis no ombro de um rapaz dos anos 1950), coletes de crochê coloridíssimos (que faziam com que as vovós se

sentissem outra vez na crista da onda), além de cabelos longos e rebeldes, presos por bandanas de couro ou num rabo de cavalo.

As moças acrescentavam a isso tudo as saias longas e coloridas e as sandalhinhas rasteiras, quase descalças. Todos se tratavam por *bichos*, puxavam fumo e contemplavam o pôr do sol. As urbanas comunidades *hippies* se aglomeravam em apartamentos minúsculos, e as palavras de ordem eram: o desbunde, o LSD, o Poder Jovem, Paz e Amor, Flower Power, Woodstock, a Era de Aquarius.

96

Marcuse, Reich, Castañeda eram os pensadores que faziam a cabeça dessa geração. O *sistema* estava morto e *sexo, drogas e rock-and-roll* eram fundamentais. Depois da ida dos Beatles à Índia, as batas foram acrescentadas ao vestuário, Ravi Shankar virou som obrigatório e o incenso entrou com tudo nos apartamentos. Ele servia pra disfarçar o aroma de *outras ervas*.

A frase do momento era *virgindade dá câncer*. Não que a gente acreditasse, mas a pressão era muito grande. *Quem insiste nessa bobagem de virgindade é careta!* E quem queria ser careta num tempo desses? Tudo que a gente não queria ser era careta, mas também não era o caso de sair se jogando pra cima do primeiro

que aparecesse. Muitas fizeram isso e muitas se arrependeram depois.

Eu, que lá no fundo, bem escondidinho, era careta sim, acreditava no sexo com amor. Só com amor. Pelo menos na primeira vez. E comigo foi assim. Bonito, romântico e com amor. Tenho amigas que se atiraram de cabeça no *liberou geral* e depois viveram por muito tempo sexualmente mal resolvidas. Afinal, nem todo mundo era Leila Diniz.

Mesmo para as mais caretinhas, como eu, os anos 1960 foram fundamentais. Fumávamos em lugares públicos, até na rua, imagine! Íamos sozinhas a bares, cinemas, teatros. Discutíamos de igual pra igual com os homens qualquer assunto de interesse geral. Falávamos de sexo, abertamente, em roda de amigos. Trocávamos de parceiro a hora que quiséssemos... enfim, a mulher começou a ter atitude.

A vida deixava de ser vivida na asfixiante redoma familiar e começávamos a descobrir uma realidade mais lúdica, mais poética, mais livre. As atitudes eram mais livres, mas a liberdade de expressão cada dia mais minguada. Os reacionários reagem. O movimento de maio de 1968 na França não deu em nada. Che Guevara foi morto na Bolívia, os Estados Unidos despejando napalm no Vietnã e no Brasil o AI-5 tornando qualquer sonho impossível.



## Capítulo X

*Já nada vale autoflagelar-se realisticamente, exortar plateias ausentes ou vestir-se de arco-íris e cantar chiquita bacana e outras bananas. Necessário, agora, é dizer a verdade como é. E como dizê-la? E mais: como sabê-la?*

**Augusto Boal, 1ª Feira Paulista de Opinião**

1968 foi um ano terrível. A ditadura militar recrudescendo. Cada vez mais as notícias de prisões e desaparecimentos. A situação era de muita tensão. A Censura Federal mostrava suas garras. Era implacável! Censura sempre existiu, mas antes era apenas classificatória. A censura política surge neste período. As peças tinham que ser submetidas aos *doutos censores* que, via de regra, proibiam tudo. Era um inferno. As coisas foram se agravando, o cerco foi se fechando e as informações que chegavam eram cada vez piores. Até que é assinado o A-5. O governo Costa e Silva praticamente revogou todos os nossos direitos constitucionais.

Aí é que a coisa complicou de vez. Principalmente nos meios artísticos, sempre muito visados. *Gente de teatro é tudo comunista*, eles diziam e *se é comunista, pau neles*. Esse era o ideal do CCC – *Comando de Caça aos Comunistas* – sigla

de um bando de extrema-direita formado por, entre outros, alunos da Universidade Mackenzie.

E foi com esta proposta que eles invadiram o Teatro Ruth Escobar. Eles foram lá para detonar o espetáculo que estava na sala Gil Vicente, *A 1ª Feira Paulista de Opinião*. Esta peça acabou virando um marco no teatro. Era uma coletânea de textos de seis dramaturgos – Plínio Marcos, Jorge Andrade, Lauro César Muniz, Bráulio Pedroso, Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal –, que responderam à pergunta *O que você pensa do Brasil de hoje?* E eles disseram mesmo o que pensavam.

100 Era um espetáculo altamente subversivo. Para se ter uma ideia, o Plínio tratava os militares como gorilas, e o sujeito fazia cocô no capacete do militar. O Boal fazia uma ode ao Che Guevara, o Guarnieri escreveu *Tropicana*, e assim por diante. Eram textos bem fortes. Entre um texto e outro, músicas de compositores como Gil, Caetano, Edu Lobo, Tom Zé... Claro que a peça foi proibida.

Mas eles começaram a fazer à revelia. Eles chamavam isso de *Ato de Desobediência Civil*. Combinavam com os demais produtores e entravam no meio de um dos espetáculos em cartaz. Faziam dez minutos de cena e iam embora. O público

delirava. A polícia nunca pegava. Finalmente, depois de muita luta e muitos cortes, conseguiu-se a liberação de parte da peça e ela entrou em cartaz no Ruth Escobar. A turma do CCC baixou lá algumas vezes, tentando sabotar o espetáculo: quebravam ampolas de gás amônia na plateia, provocando a suspensão do espetáculo. Mas nada diminuía o sucesso da peça.

Então acabaram optando por atacar o espetáculo *Roda Viva*, que estava na sala de cima – Teatro Galpão e oferecia menos riscos para a fuga. Deram paulada em todo mundo e escaparam. Alguns atores e atrizes ficaram muito machucados. Isso deixou a todos nós muito assustados e rendeu várias assembleias. Aliás, era o momento das assembleias. Tinha assembleia pra tudo. Todo dia, ou melhor, toda noite, e sempre depois dos espetáculos. Todas as questões que nos afligiam naquele momento eram discutidas em assembleia. Foi um momento de muita união, de muita solidariedade.

Os estudantes estavam se organizando e tentavam atrair a classe teatral para a luta deles. É claro que o artista, em tese, é sempre revolucionário. E qualquer coisa que venha impedir a liberdade de expressão é condenável. Eu nunca fui de direita nem de esquerda, mas não tolero opressão nem autoritarismo. Não posso

entender que uma pessoa seja punida porque não pensa como o outro. Não posso admitir a privação da liberdade de expressão. Naquele momento éramos todos de esquerda, porque éramos contra aquele regime que tolhia a nossa liberdade. Nosso direito mais sagrado.

Mas sempre fui contra a esquerda festiva. Lembro-me de uma assembleia na qual alguém subiu ao palco e disse para pegarmos em armas e derubarmos o Segundo Exército. Meu Deus do céu, não dava para acreditar nisso!!! Eu era contra a ditadura, todos éramos, mas a esquerda festiva eu sempre repudiei. Era preciso ter cuidado.

102 A gente convivia diariamente com esse terror da ditadura, a palavra Dops causava arrepios. Lá era a *Sucursal da Morte*, no dizer do delegado Fleury, o todo-poderoso daquele lugar. Tinha muita gente indo pra luta armada, muita gente sumindo e muita gente fazendo oba-oba com isso. E eu fui aprendendo a diferenciar o joio do trigo.

Meu primeiro trabalho em televisão foi nesta época. Meu amigo Paulo Hesse era assistente de produção de uma novela – *A Grande Mentira*, na TV Paulista, e me chamou pra gravar três capítulos. A novela já estava no ar há quase um ano fazendo um sucesso enorme. Acabei ficando até o final e me tornando o par romântico do

Edney Giovenazzi, que era o principal vilão da história. Como as pessoas me xingavam na rua! Que sufoco! Ele usava uma barba postiça, com fios colados um a um. Numa cena de amor, depois de um beijo ardente, eu separo meu rosto do dele e a barba dele veio, quase toda, comigo. Os fios estavam no meu rosto e não mais no dele. Foi muito engraçado.

Em seguida a TV Paulista virou TV Globo e se mudou para o Rio de Janeiro. Fui convidada pra fazer a primeira novela deles, que era *A Cabana do Pai Tomás*, com o Sérgio Cardoso pintado de preto (que tempos aqueles, cruzes!). Não fui. Não quis me mudar para o Rio. Eu estava começando uma carreira aqui e não queria começar de novo por lá. Depois, ao longo da minha vida, aprendi a começar de novo muitas vezes. Mas naquela hora...

103

Acho que estava certa, porque logo em seguida o Paulo Autran me convidou para excursionar com *Macbeth*. Trabalhar com o Paulo era um sonho desde que havia perdido a oportunidade em *O Burguês Fidalgo*, logo que saí da escola. E afinal era *Macbeth*, de Shakespeare, dirigido por Fauzi Arap. De todas as peças de Shakespeare, essa é a que mais amo. Ela fala de onde pode levar a ambição desmedida, a ânsia pelo poder. Nada mais atual.

Eu ia fazer uma das bruxas, transformadas, pela concepção da direção, em três figuras de macumba. Eu seria a Pomba Gira, o Gésio Amadeu, o Preto-Velho e o Ibsen Wilde, o Caboclo. Na primeira cena das profecias, nós ficávamos de frente para a plateia e o Paulo de costas, ouvindo a gente. Certa vez, na hora da minha fala, ele ficou me fazendo caretas. Branco total! Eu ali, com a mão levantada, a respiração suspensa e a fala... nada. Aí, o Gésio deu a minha fala. Eu saí de cena arrasada. O Paulo morreu de rir e disse que era o meu batismo: *Todo ator tem um branco na vida, você já teve o seu*. Graças a Deus foi o único.

104

Ele era um moleção. Tinha tanta segurança e tanta certeza do que estava fazendo, que se dava ao luxo de brincar em cena.

Isso descontraía, encurtava as distâncias entre o grande ator que ele era e nós, principiantes. Era um ator vigoroso, fantástico e de um talento indescritível. E muito generoso em cena. Compartilhava, dividia, ajudava. Era, no dizer de Milton Moraes, *o Príncipe do Teatro*.

Viajamos muito com essa peça. Fizemos o Rio, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Brasília, algumas praças do interior de São Paulo... Os momentos ao lado do Paulo foram inesquecíveis. A gente acabou estabelecendo uma bela amiza-

de. Tanto que, quando ele foi fazer *O Homem de la Mancha*, meu nome foi a primeira sugestão dele para compor o elenco. Ficamos bem amigos. Eu tenho por ele um carinho muito grande.

*A vida é só um sonho que passa, um bufão que se pavoneia e se desgasta por um momento no palco e de quem nunca mais se ouve falar. É uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, significando NADA!*

**Macbeth – Shakespeare**

# expressão

Revista Mensal do Grande ABC

Cr\$ 2.00 N.º 20 Ano II 1971



O  
MUNDO  
DO  
TEATRO  
visto por Analy

*Revista Expressão: Peer Gynt, 1971*

## Capítulo XI

*Onde estava meu verdadeiro eu durante todos estes anos? Estava sempre aqui, na minha fé, na minha esperança, no meu amor.*

**Henrik Ibsen, *As Aventuras de Peer Gynt***

Eu estava fazendo uma novela na Record, *O Príncipe e o Mendigo*, em 1971, quando o Antunes me chamou para fazer *As Aventuras de Peer Gynt*, de Henrik Ibsen. Era impossível conciliar as duas coisas porque os ensaios iam do meio-dia à meia-noite. Era preciso optar. E mais uma vez o teatro falou mais alto. Pedi para sair da novela. Eu já havia desistido de um outro trabalho em televisão por causa do teatro, na novela *Beto Rockefeller*, que é considerada um marco na história da teledramaturgia.

107

O Eloy Araújo estava escrevendo a novela em substituição ao Bráulio Pedroso e foi assistir *A Comédia Atômica*, no Teatro Gazeta. Gostou tanto do meu trabalho que me convidou pra fazer a novela. Criou um papel especialmente pra mim. Eu faria a empregada da Maitê (personagem de Maria Della Costa), par cômico de Renato Corte Real, que seria o mordomo.

A novela já estava no ar, fazendo um sucesso danado. Gravei alguns capítulos quando fui

chamada para o Núcleo Dois do Teatro de Arena para fazer *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Era um espetáculo pra fazer à tarde, pra escolas, mas era teatro e isso era prioridade. Para sair da novela eu pedi aumento. Não me deram, e eu fui fazer o meu teatro, que era o que eu realmente gostava.

108

Nunca me dei bem com a TV. Eu não me sentia à vontade, não gostava do que fazia. Não era um veículo em que você pudesse criar, era tudo muito rápido. O diretor não estava muito preocupado com o que você estava fazendo. Não era um trabalho de investigação do personagem, você nem sabia onde o personagem ia parar, se ia dar certo ou não. Era um trabalho que não me acrescentava nada como atriz, não me dava prazer. Achava aquilo torturante, ficar no estúdio o dia inteiro, toda arrumada, esperando, esperando...

Não há criação que resista a tantas horas de espera. É preciso muita paciência. Tenho respeito pelos atores que conseguem um bom resultado na frente da câmera. São verdadeiros heróis. Eu fiz algumas coisas na telinha, mas sempre de má vontade, porque precisava sobreviver. Mas nunca me dei bem. Não gosto do astral da televisão. Minha vida era mesmo o teatro.

Isso ficou claro no trabalho que desenvolvemos no *Peer Gynt*. A gente ensaiava todos os dias, do meio-dia à meia-noite, com uma só folga por semana. Só o ensaio foi uma segunda escola. Foram três meses de um trabalho muito intenso, de exercícios, laboratórios, improvisações, auxiliado pelo grande Eugênio Kusnet, que havia sido um dos primeiros a trazer e aplicar o método de Stanislavski no Brasil. Antunes exigia uma entrega total. Se o Dr. Alfredo me indicou o caminho, Antunes consolidou minha formação de atriz.

Eram 16 atores e mais de 100 personagens. Eu fazia a Velha Oda, a Menina da Festa, a Pastora, Karin, Vaca Duende, Odalisca Anitra, Enfermeira, Velha do Leilão e a Carpideira. Saía de cena e tinha uns 30 segundos para trocar de roupa, penteado, maquiagem. Era uma correria danada.

109

*Num tempo de adoração da técnica, o espetáculo reinventa o ator, dizia Rodney Mello na revista O Cruzeiro de agosto de 1971. A encenação de Antunes Filho é uma resposta lúcida e brilhante a todos os erros que ameaçam a nossa atividade cênica, elevando-se ao nível das melhores realizações que já tivemos, escreveu Sábato Magaldi no Jornal da Tarde.*

A peça foi um sucesso, a crítica adorou, o Stênio Garcia, que fazia o Peer Gynt, saiu consagrado,



*Peer Gynt: Iza Kopelmann, Clarice Piovesan, Anely e Stênio Garcia*

mas o espetáculo só ficou em São Paulo. Não foi para o Rio, como era habitual naquele tempo. A temporada terminou em outubro abruptamente. Esperávamos seguir para o Rio de Janeiro pra terminar o ano empregados. E agora? Dificílimo arrumar trabalho nessa época. Ninguém estreia nada no final do ano.

Então tive a ideia – vamos fazer um espetáculo natalino e vendê-lo para a prefeitura de Santo André. Eu havia morado lá, começado lá a minha carreira, era conhecida e conhecia as pessoas e, além de tudo, a prefeitura tinha o hábito de comprar espetáculos. O próprio *Peer Gynt* estava encerrando sua carreira na cidade.

111

Foi assim que fizemos *Natal na Praça*, de Henri Geon, pelas praças da cidade, durante o mês de dezembro. Ewerton de Castro dirigiu e o elenco era composto de Ivete Bonfá, Paulo Hesse, Francisco Medeiros, Clemente Viscaino e eu. Chegávamos de Kombi (cedida pela prefeitura) e montávamos uma tenda, como ciganos. Ali, num tripé com carvão, esquentávamos uma sopa (que minha mãe já havia feito em casa) e começávamos a ler a sorte dos que se aproximavam. Tomávamos a sopa e tal e quando juntava um número razoável de público começávamos a encenação. O trabalho era ótimo, o público adorava e, além do mais, livrou o nosso Natal.



## Capítulo XII

*A falta de dinheiro favorece a criatividade.*

**João Vitor Rocha**

Quando deixei a novela *O Príncipe e o Mendigo*, onde tinha um salário razoável, sabia que financeiramente havia feito um péssimo negócio. O salário no *Peer Gynt* até que não era ruim, mas representava menos da metade do que eu ganhava na televisão. E ainda tinha o agravante de que no período dos ensaios era praxe se pagar apenas 50% do combinado. Ou seja, iria ganhar 350 mil cruzeiros por mês, o equivalente a pouco menos que mil reais. Ora, só de aluguel do apartamento eu pagava CR\$ 420 mil. Fora luz, água, alimentação... Condução não usava, já que morava na Major Sertório e os ensaios eram na Nestor Pestana, no antigo restaurante *Vikings*, na época já desativado e transformado num imenso salão vazio.

Então fui ao meu primo Murilo, companheiro da época dos bailes do Moinho São Jorge, e que a esta altura já estava muito bem de vida, e pedi se ele podia me emprestar CR\$ 70 mil por mês, durante os três meses de ensaio, para completar o dinheiro do aluguel. Eu pagaria quando começasse a ganhar o salário integral. Ele não só

me deu o dinheiro, como queria me emprestar um pouco a mais para que eu tivesse uma sobra, mas eu recusei. Quanto mais devesse agora, mais iria ter que pagar depois. Assim, o problema do aluguel estava resolvido. Faltava o resto.

Minha amiga Ivete Bonfá brincava: *Ator precisa passar fome. Em toda entrevista que eu leio, eles falam que passaram fome no começo de carreira. Olha só, você já tem o que contar.* Foi então que tive uma ideia genial – rifei meu aparelho de som. Um aparelhinho antigo que havia comprado nos meus tempos de bancária. A rifa custava CR\$10 mil, o que dava certinho pra almoçar e jantar. Como o ensaio começava ao meio-dia, o café da manhã e o almoço eram uma coisa só – um sanduíche de queijo e um guaraná caçula. O grande já estava fora do meu orçamento.

114

No meio da tarde, o Antunes dava intervalo para o café e íamos todos (umas vinte pessoas) ao bar da esquina ao mesmo tempo. O dono do bar ficava louco. Eu aproveitava a loucura e tomava um cafezinho com um daqueles bolos horrorosos que ficam no balcão. Como é que o português ia ter controle? Coitado. Mal sabe ele que foi um dos pequenos mecenas do teatro brasileiro. Fazer o quê? Pra hora do jantar, o Ewerton de Castro tinha descoberto um clube de futebol que ficava em frente ao Piolim, na Augusta. Eles

serviam sopa, arroz, feijão, bife, batatas fritas e salada. Tudo por CR\$ 10 mil. Como eu já tinha gasto cincão no almoço, eu me contentava com meia refeição, que era só a sopa, mais pão à vontade. Fome eu não passava.

O ensaio ia até a meia-noite, e depois eu e o Ewerton íamos para o Teatro São Pedro, onde ensaiávamos *Arlequim Servidor de Dois Amos*, de Goldoni, sob a direção de Afonso Gentil. O Ewerton sempre me pagava a passagem do ônibus. Na volta, às três da manhã, vínhamos a pé. É bom lembrar que esse espetáculo ia ser feito para escolas e que a produção não tinha dinheiro. Então, não ganhávamos nos ensaios. Só quando as vendas comesçassem.

115

Pra pagar a conta da luz e da água eu precisava vender mais de uma rifa por dia. Quando vendia umas cinco, era uma festa! Aí comia a refeição completa e pagava o ônibus. Às vezes, dava até pra uma cervejinha no Eduardo's, porque também ninguém é de ferro.

Nossos ensaios sempre eram à base de improvisações. Antunes sabia o que queria, mas consolidava a sua ideia através do que conseguíamos criar nessas improvisações, que eram também supervisionadas pelo mestre Eugenio Kusnet. Quando chegou a hora de marcar o espetáculo e colocá-lo

de pé, ele estava todo lá, praticamente pronto. Era um processo muito interessante. Mas tinha um exercício que era muito chato – O Mensageiro da Morte! Um papel pequeno, como quase todos da peça, mas de grande importância, e o Antunes não estava encontrando a forma de resolvê-lo. Ele queria descobrir o andar, o olhar e os gestos desse personagem, que nada mais era que a própria morte, e sem cair no lugar-comum da caveira de camisolão branco, empunhando uma foice.

116

Clarice Piovesan, muito magra, alta e branca, com grandes olhos que ela esbugalhava no exercício, era quem chegava mais perto. Eu era saudável, gordinha, corada, o que tinha a ver com aquilo? Aquele papel nunca seria meu. Aliás, eu já tinha nove papéis no espetáculo, estava de bom tamanho. É bom lembrar que a peça tem quase cem personagens. Mas um dia o Antunes gostou do meu exercício e quis saber como eu havia construído aquela fisionomia, aquele andar... Em que eu pensava durante o processo? Sempre fui muito franca e respondi: *Na minha conta de luz que vence amanhã e eu ainda não vendi nenhuma rifa hoje.*

Como diz o mestre Stanislavski: às vezes a reação a uma ducha gelada é exatamente igual a de uma punhalada.

O mais curioso é que quem acabou fazendo o papel foi o Ciro Correia de Castro, que pesava mais de cem quilos e nunca fez esse exercício, já que entrou no elenco quase no final dos ensaios.

Só pra concluir, nunca cheguei a sortear minha *vitrolinha*, que continuou comigo por muitos anos como um troféu das minhas agruras financeiras.



*Em O Homem de La Mancha*

## Capítulo XIII

*Não me importa saber se é terrível demais, quantas guerras terei que vencer por um pouco de paz.*

**Dale Wasserman, *O Homem de la Mancha***

*A Cozinha e Peer Gynt* foram peças muito importantes do ponto de vista de aprendizado de ator, mas *O Homem de la Mancha* foi uma experiência inesquecível. Era um musical da Broadway, com direção do Flávio Rangel.

Eu gosto muito de cantar, mas sou desafinada. Quando fiz *Abelardo e Heloísa*, de Ronald Millar, também com direção do Flávio Rangel, saíamos sempre para jantar no Piolin e lá pelas tantas começávamos a cantarolar. O Flávio, que era mais desafinado do que eu, também gostava muito de cantar. Ele adorava tangos e eu sabia todos de cor... Formávamos uma bela dupla.

Quando ele dirigiu *Capital Federal* me chamou para fazer um teste de canto com o Théo de Barros. *Flávio, você tem certeza?*, perguntei. *Cantar no palco não é como na mesa do Piolin. Eu sou meio desafinada...* E ele: *Você é uma show woman. Eu quero você no elenco, mas preciso que o Théo aprove o seu timbre.*

O teste consistia em uma música lenta e uma rápida. Levei *Camisa Amarela* de Ary Barroso, que havia sido gravada pela Araci de Almeida. Cantei. E então ele me pediu a música lenta. *Esta era a lenta. Agora vou cantar a rápida*, eu disse e tasquei *Cabaré no Morro* de Herivelto Martins, do repertório de Carmen Miranda. Ele nem conhecia essa música e portanto não conseguiu me acompanhar ao violão. *Não precisa*, eu disse, *Canto a capela*. Não consegui fazer a peça, claro, mas o Flávio disse que foi o teste mais divertido que ele já viu.

120

Quando o Paulo Autran me indicou para *O Homem de la Mancha*, o Flávio que ia dirigir, aprovou de imediato. E era outro musical! Graças a Deus neste não tinha Théo de Barros. O Flávio financiou um curso de canto para mim e para Ariclê Perez, com o maestro Marcel Klass, que era o professor da Bibi. Ele era assim – grande e generoso. E posso garantir que não fiz feio na peça. Cantava bem direitinho. Tão direitinho que acabei sendo *standing* da Bibi Ferreira, que fazia a Aldonza. Graças a Deus nunca precisei substituí-la. Morria de medo. Bibi é uma atriz extraordinária e uma pessoa fascinante. Nos demos muito bem. Dizem que ela tem um gênio difícil, mas comigo foi encantadora, amorosa, parceira. Anos depois voltei a trabalhar com ela, dessa vez em *Procura-se um Tenor*, que ela dirigiu.



O Homem de La Mancha: *Maria Odete, Bibi Ferreira, Analy. Atrás, Suzi Arruda e Lysia Demoro*

*Homem de la Mancha* foi um sucesso. O Paulo era tão bom, que, mesmo sem ser um grande cantor, brilhava como Dom Quixote. A interpretação dele para *Sonho Impossível*, meio cantada e meio declamada, era perfeita. Afinal, vivíamos em plena ditadura e os sonhos impossíveis nos comoviam muito.

122 Naquela época, os teatros tinham um quadro de avisos, que serviam também para o diretor fazer observações, críticas, registrar atrasos, enfim, era uma forma de comunicação mais geral. Eram as chamadas tabelas. Ir pra tabela era péssimo. Era como ser chamado a atenção publicamente. Todo ator tinha horror da tabela. Mas às vezes ela também era elogiosa, e isso era bom. No *La Mancha*, o Flávio fez uma tabela emocionante no dia da estreia, elogiando um a um todos os participantes do espetáculo. Eu a guardo até hoje.

*Analy Alvarez, alma de Espanha, som de guitarra. Profunda no olhar e na intensidade da vida. Em cada fala uma grande interpretação. Muito obrigado! Você não precisa ser tão bacana!*

**Flávio Rangel – Tabela de estreia de  
*O Homem de la Mancha***

Foi neste espetáculo que eu conheci o Ipojuca Pontes, com quem eu vivi durante cinco anos. Ele

cuidava da assessoria de imprensa e era irmão do Paulo Pontes, produtor do espetáculo e marido de Bibi. Isso também acabou me aproximando muito da Bibi. Afinal éramos cunhadas.

Quando fomos fazer a temporada carioca, inaugurando o Teatro Adolfo Bloch no Edifício Manchete, o Dante Ruy, que fazia o Sancho Pança, não pôde viajar, e foi substituído por ninguém menos que Grande Otelo. Aquele mesmo Grande Otelo das chanchadas da Atlântida que tinham embalado minha infância. Agora íamos ser colegas de trabalho. Descobri que fazíamos aniversário juntos: eu no dia 19 e ele no dia 20 de outubro. Ficamos muito amigos. Eu chegava ao teatro, vestia rapidamente a minha roupa de cena e corria pro camarim dele pra ouvir suas histórias.

123

Uma noite cheguei lá e o encontrei muito triste. *Desabafa, Pequeno Otelo, por que essa tristeza...* No dia seguinte ele veio com um poema que havia feito para mim:

*Perguntas, amiga*

*Por que tristeza, por que lamento?*

*Sofri muito, foi grande o tormento*

*Como quem bebeu ontem*

*Hoje tenho ressaca de sofrimento*

**Grande Otelo – 1973**

10/8/73

Perfundas, amigo  
Porque tristeza  
Porque lamento?

Sofri muito

Foi grande o

tormento

Como quem bebeu

Alcoól

Hoje eu tenho

secura de

sofrimento

Grande Otelo  
973

A temporada terminou e eu não voltei para São Paulo. Continuei no Rio para fazer *Um Edifício Chamado 200*, do Paulo Pontes, que o Zé Renato estava remontando. Depois viajamos o Brasil inteiro, por quase um ano. Voltei ao Rio, fiz alguns capítulos do *Bem-Amado*, na Globo, mas não conseguia me adaptar àquela cidade. É muito bonita, mas difícil de viver. Eu acho que o paulistano é mais acolhedor, mais amigo. E meu relacionamento com Ipojuca já estava bem difícil. Não conseguia combinar a minha infelicidade com a beleza do Rio. A exuberância da cidade me agredia e me fazia mais infeliz. Naquele momento eu combinava muito mais com a Rua Amaral Gurgel e seu minhocão horripilante.

125

Resolvi voltar. Se tivesse que dar certo que desse certo aqui em São Paulo. Ele que viesse atrás de mim. Lá eu não ficava mais. E lá vim eu de mala e cuia.

Assim que cheguei fui outra vez trabalhar com Antunes. Agora, numa produção de Sandro Polloni, com Maria Della Costa para o texto *Tome Conta de Amélie*, de Georges Feydeau.

Uma nova perspectiva iria se abrir na minha vida. Estava em casa outra vez. No meio de amigos, com gente que eu adorava e fazendo teatro com o Antunes. Estava ótimo.



Um Edifício Chamado 200: *Analy e Milton Moraes*



*Tome Conta de Amelié: Analy, Maria Della Costa e Maria do Rocio (sentadas); John Herbert, Edwin Luisi, Adolfo Machado e Hilton Have (em pé)*



## Capítulo XIV

*Poeta fui de rápido destino / mas a poesia é rara  
e não comove*

**Ferreira Gullar**

Foi em *Tome Conta de Amelie* que eu reencontrei o Hilton Have, um amigo adorável, com quem tinha feito *Abelardo e Heloísa* em 1971. Nesta peça, enquanto não entrávamos em cena, ficávamos fazendo crochê. E foi num desses intervalos que descobrimos que ambos tínhamos uma preocupação muito grande com a situação da Casa do Ator, que estava praticamente abandonada. Próximo ao dia nos namorados, organizamos uma vaquinha entre o elenco, que era enorme (uns 20 ou 30 atores), fizemos umas cestas com perfumes, maquiagem, sabonete, loção de barba, etc. e fomos levar para os atores velhinhos que estavam vivendo na Casa do Ator, em Santo Amaro.

129

Ficamos impressionadíssimos com a situação deles. Era de quase indignação.

Agora, juntos outra vez no elenco de *Amelie*, voltamos a falar no assunto e resolvemos que devíamos fazer alguma coisa. E assim nasceu a ideia de montarmos uma chapa para concorrer às eleições do Sindicato dos Atores, porque, através

dele, a gente acreditava poder fazer algo pela Casa do Ator.

No elenco estava também o Marcos Caruso, que logo se entusiasmou com a proposta. Nos incorporamos à chapa do Juca de Oliveira. A classe teatral estava muito desunida, desmobilizada, a ditadura tinha nos quebrado as pernas. Estava cada um na sua concha, preocupado apenas com o próprio umbigo, com medo de se expor. O sindicato atuava mais entre os atores de teatro de revista, não havia um interesse da classe teatral. Pelo contrário, havia até um certo preconceito.

130 O Juca foi o primeiro a perceber que o sindicato era o único caminho para a regulamentação da profissão, das horas extras em gravações de novelas na TV, do salário insalubridade e tantas outras lutas.

Ganhar era fácil, não tinha concorrente, ninguém se interessava pelo Sindicato. Então, começamos um trabalho de formiguinha. Convencendo um a um a se sindicalizar. Explicando a importância da união em torno de uma entidade de classe. Hilton e eu íamos ao Gigetto, e fazíamos o ator se sindicalizar na mesa do restaurante. Com isso, aumentamos de trezentos para três mil sócios. Hoje deve ter uns 50 mil.

O Caruso era encarregado do jornalzinho, que batizamos de *O Refletor*. Não se podia fazer um trabalho político muito explícito. Os sindicatos eram muito visados, mas íamos até onde podíamos. Tínhamos duas principais bandeiras; a regulamentação da profissão e a contribuição sindical dos atores de novelas para o nosso sindicato, porque até então essa contribuição era recolhida para o Sindicato dos Radialistas. Além, é claro, da regulamentação de horas trabalhadas, porque naquela época se gravava novela numa média de doze, quinze horas por dia. Não havia regulamentação nesse sentido.

O presidente do sindicato do Rio de Janeiro era o Otávio Augusto e começamos também a fazer um trabalho conjunto, fortalecendo assim os dois sindicatos. Foi um período em que se levou sindicato a sério.

131

Neste momento, o Max Feffer assumiu a secretaria da Cultura e o Antunes me indicou para compor a Comissão de Teatro. Eu disse que aceitaria desde que fosse como representante do Sindicato dos Artistas. Até então, essas Comissões eram formadas por pessoas notórias, nunca por representantes de entidades de classe.

A partir da minha proposta, a comissão passou a ser composta por representantes das entida-

des: Sindicato de Artistas, Apetesp (Associação de Produtores Teatrais), Apetig (Associação de Produtores de Teatro Infantil), Apca (Associação de Críticos), Cotaesp (Confederação de Teatro Amador) e um representante do Secretário. Cada um defendia os interesses de sua categoria. Pronto. Estavam defendidos os interesses coletivos e não mais individuais. Essa nova composição permaneceu enquanto duraram as Comissões da Secretaria.

132

Como eram elas que analisavam a cessão de verbas para produções, eu propus que, dentre a documentação apresentada pelo produtor, constasse um Atestado de Regularidade com o Sindicato, emitido por nós, àqueles que não tivessem pendência jurídica com os atores. Nessa época o calote era frequente. O produtor contratava elenco, fazia a temporada e, no final, dava o cano em todo mundo.

Depois da exigência desse atestado as coisas mudaram. Ele não receberia verba nenhuma da Secretaria de Estado da Cultura se houvesse pendências trabalhistas registradas no Sindicato. A verba ia para o Sindicato, que pagava os atores e o restante ia para o produtor. Isso não solucionou totalmente o problema, mas deu mais garantia para o ator. É inegável que também fortaleceu muito o Sindicato.

Outro projeto que também ajudou muito no fortalecimento da entidade foi a criação de alguns cursos de aperfeiçoamento para atores profissionais. Não podemos esquecer que a EAD era a única escola de teatro existente e recebia uns 30 candidatos por ano, apenas. A maioria dos jovens atores não tinha grande preparo e esses cursos eram de grande valia: preparação corporal, preparação vocal e interpretação.

Para esse último convidei o Antunes. Eu achava que todo ator tinha que passar pelas mãos dele. Ele era uma verdadeira escola. A minha tese está mais do que comprovada, porque hoje ele assumiu isso inteiramente. Ele aceitou desde que o curso resultasse num espetáculo. Convencer a Comissão de Teatro a bancar esse projeto não foi difícil. E assim nasceu o espetáculo *Macunaíma*, que virou grupo e acabou desembocando no trabalho que ele faz até hoje. A peça, feita apenas com atores desconhecidos na época, lançou Cacá Carvalho e estourou com grande sucesso de crítica e de público, nacional e internacionalmente. Eu me orgulho de ter plantado também essa semente.

Envolvi-me de corpo e alma com o sindicato. E isso me fez angariar muitos inimigos, mas como diz minha amiga, Ilka Zannotto: *só tem inimigo quem realiza. Quem fica escondido no seu canto não incomoda ninguém. Só apanha quem dá*

a cara pra bater, quem se expõe. E eu sempre me expus muito em tudo que fiz, em tudo que acreditei. Só sei trabalhar com paixão. Como diz Nelson Rodrigues: *a gente tem que pôr alma até pra chupar um Chica Bom.*

Ainda como representante do Sindicato me tornei *Vogal da Justiça do Trabalho*. Foi a primeira vez que o Sindicato dos Artistas conquistou essa representação e eu fui a primeira mulher a ocupar esse posto na Justiça.

Ficamos no sindicato até 1979. O Juca já estava cansado. A luta para regularizar a profissão tinha avançado muito desde a nossa posse, mas ainda não havia sido resolvida. Estava praticamente pronta, só faltava assinar. Estava na mesa do então ministro Jarbas Passarinho. Mas aquilo vinha se arrastando e o Juca não queria mais continuar.

Foi aí que surgiu um movimento de oposição chamado Urdimento para concorrer às eleições. Quando o sindicato estava entregue às moscas, ninguém quis assumir. Quando ele começou a representar um papel importante, começaram a surgir os interessados nele. Essa chapa de oposição era encabeçada por Lélia Abramo e tinha gente que vinha dos movimentos estudantis. Um pessoal mais truculento, bem diferente do nosso estilo. Não sabíamos lidar com aquilo. O nosso

candidato era o Walter Portella, que era um produtor de cinema da boca e estava fazendo *Macunaíma* com o Antunes. Ele trouxe muitos votos do pessoal do cinema, mas mesmo assim perdemos as eleições para a truculência, numa disputa apertada e muito dolorosa.

Logo depois que a Lélia assumiu, a regulamentação foi assinada. Graças, é bom lembrar, à incansável luta do Juca. Mas ela ficou com os louros.

Com a regulamentação, ficou definido que dali pra frente só poderia exercer a profissão quem tivesse DRT, que é o registro profissional emitido pelo Ministério do Trabalho. E para ter DRT era preciso cursar a escola. Com o tempo, e sem a fiscalização adequada por parte do sindicato, os atores sem DRT continuaram trabalhando e essa irregularidade foi se agravando de gestão em gestão.

Havia um sentimento de que a regulamentação fizera água. O número de escolas de teatro cresceu na perspectiva de atender a demanda do DRT, mas o pessoal continuava a trabalhar de forma irregular. No final dos anos 1980, já na gestão da Lúcia de Paula, a situação ficou insustentável e ela recorreu a uma assembleia de classe para achar a solução.

Depois de várias reuniões, a categoria decidiu que os atores sem DRT teriam que apresentar

seu currículo a uma comissão de avaliação e, se necessário, ainda passar por uma banca. Eu fiz parte dessa primeira comissão e que deveria ser a única, porque uma vez solucionado o problema desses atores irregulares, os demais deveriam vir das escolas de teatro que a essa altura proliferavam. O problema é que essa prática continua até hoje. Mediante taxas e bancas, todos acabam conseguindo o registro profissional. Ficou tão banalizado que eu me pergunto: valeu a pena tanta luta?

Pelo menos, desse trabalho, guardo com carinho uma carta que recebi dos meus amigos Eliane Giardini e Márcio Tadeu:

136

*... E pessoas como você estão nos ensinando a acreditar. Acreditar que não há possibilidade de ócio quando se quer trabalhar; que não há possibilidade de prisão quando o espírito é livre; que não há possibilidade de trevas quando há grupos de homens com olhos abertos; que estar vivo é não se conformar. Não vamos agradecer só a sua ajuda. Queremos agradecer também seus ensinamentos.*

*De todo coração, muito obrigado*

**Eliane Giardini e Márcio Tadeu**  
**O Pessoal do Victor S/A Ltda.**  
**São Paulo, 26 de dezembro de 1975**

## Capítulo XV

*Perdi alguma coisa que me era essencial, que já não me é mais.*

**Clarice Lispector**

Pouco antes de terminar a temporada de *Tome Conta de Amelie*, fui convidada para protagonizar um longa-metragem, *O Clube das Infiéis*, com roteiro de Marcos Rey, dirigido por Cláudio Cunha e todo rodado em Campos do Jordão. Havia feito pouca coisa em cinema e aquela era uma ótima oportunidade. Pra isso teria que sair do *Amelie* três semanas antes do final da temporada e ser substituída por outra atriz. Ah, como me cortou o coração ter que deixar a personagem entregue a outra. Era como abandonar um filho. Com que dor eu ensaiei a Michele Naily, que me substituiu. Mas não podia perder a oportunidade de fazer esse filme.

137

Aliás, foi a segunda vez em minha carreira que tive que sair de um espetáculo antes do final da temporada. E nas duas em produções do Sandro Polloni. A primeira foi em *Tudo no Jardim*, de E. Albee, com direção de Flávio Rangel e também com Maria Della Costa encabeçando o elenco. Estávamos excursionando e só faltavam as duas semanas de Porto Alegre para encerrar a tempo-



*Filme O Clube das Infiéis: Sebastião Campos e Anely*

rada, quando o Boal me telefonou convidando pra fazer *A Comédia Atômica*, de Lauro César Muniz. Eu tinha escolha? Mas é sempre muito doloroso.

Quando voltei das filmagens de *O Clube das Infiéis* fui convidada por Lenine Tavares, um produtor muito atuante nos anos 1970, para substituir a Jandira Martini em *Greta Garbo, Quem Diria, Acabou no Irajá*, de Fernando Melo, direção de Léo Jusi. No elenco Raul Cortez e Marcelo Picchi, que logo depois foi substituído por Marcos Weimberg. Várias atrizes já haviam feito o papel e agora íamos terminar a temporada no Teatro Maria Della Costa e excursionar pelo interior do Estado. Eu adoro a peça, mas a excursão foi muito terrível.

139

O Raul era um excelente ator, um dos maiores, mas uma pessoa muito difícil. Ele misturava muito o ator com o personagem, o que tornava nossa vida (minha e do Marcos) um inferno. Quando a excursão terminou, eu pensei seriamente em desistir. Se teatro era aquilo, aquela guerra em cena e fora dela, eu não queria fazer parte. Felizmente o Osmar Rodrigues Cruz, que dirigia o Teatro Popular do Sesi há algum tempo e com grande êxito, me convidou pra fazer *O Noviço*, de Martins Pena, com Carlos Alberto Riccelli, Nize Silva, Elias Gleizer, Benjamin Cattán e outros.



Greta Garbo, Quem Diria, Acabou no Irajá: *Raul Cortez e Anely*



Greta Garbo, Quem Diria, Acabou no Irajá: *Marcos Weimberg, Raul Cortez e Analy*

Ficamos um ano em cartaz. Era delicioso trabalhar no Teatro Popular do Sesi. Como o nome já diz, é um teatro popular. Os ingressos eram distribuídos gratuitamente para o povo, que fazia filas homéricas desde cedo na porta do teatro. E era um público maravilhoso. Participante, comunicativo, vibrante.

Eu fazia Rosa, uma nordestina que vem ao Rio de Janeiro atrás do marido. E fazia com tanto amor, que uma senhora nordestina se apaixonou pelo meu personagem. Todos os finais de semana ela me levava algum quitute típico. Ela achava que eu era conterrânea porque, dizia ela, o meu sotaque era perfeito. Claro, o Ipojuca, que é paraibano de nascimento e convicção, havia me ajudado.

142

Durante esta temporada o Osmar começou a preparar a próxima montagem e encomendou para o Plínio Marcos um musical sobre Noel Rosa. Um grande risco. Não era o perfil do Plínio e ninguém sabia no que poderia resultar. Mas o Plínio estava sem trabalho, sempre com a censura no seu calcanhar, não podendo fazer nada e o Osmar resolveu dar uma mãozinha. O texto chegou e mais parecia um roteiro de cinema. Será que vai dar certo, meu Deus? Confiamos no taco do Plínio. O Osmar convidou Flávio Império pra fazer cenários e figurinos e o Ewerton de Castro pra fazer o Noel (ele ficava idêntico).



O Noviço: *personagem Rosa*

O resultado foi deslumbrante. O Plínio era danado, tinha o ritmo e a pulsação do espetáculo no ouvido. Ele não fazia *literatice*, fazia teatro. E do bom. E com o *Poeta da Vila e Seus Amores* não foi diferente. Dois anos de sucesso. Isso porque o Osmar tirou a peça de cartaz. Podíamos ter ficado por muitos e muitos anos. Eu fazia Ceci, o grande amor de Noel, pra quem ele compôs *Último Desejo*, estrondoso sucesso na voz de Araci de Almeida. O final da temporada coincidiu com a minha saída do Sindicato e com o fim do meu relacionamento com o Ipojuca. Um ciclo se fechava. Outro iria se abrir logo, logo.



O Poeta da Vila e Seus Amores: *Analy e Ewerton de Castro*



*Em O Poeta da Vila e Seus Amores*

## Capítulo XVI

*Não se é amigo de uma mulher quando se pode ser seu amante.*

**Balzac**

Conheci o Luiz Serra em 1968, quando fizemos *Este Ovo é um Galo*. Como já disse anteriormente, o personagem dele paquerava o meu. Mas ele estava casado, rolou uma troca de olhares, ficamos amigos, mas foi só. Depois a gente se reencontrou em 1975, quando ele estava fazendo *Coriolano*, de Shakespeare, com o Paulo Autran. Mas eu estava com o Ipojuca e, mais uma vez, aquela troca de olhares e mais nada. A gente se encontrava, mas não passava de um olá. É bem verdade que um olá, recheado de segundas intenções, mas... Só em 1978, quando eu estava sozinha e ele também, é que a gente começou a *ficar*.

Nós dois éramos muito boêmios. Nos anos 1970 era um hábito do pessoal de teatro conversar até de madrugada nos restaurantes Gigetto, Orvietto, Piolin e Paloma, todos ali, ao redor das ruas Avanhanda e Augusta. Íamos pra lá todas as noites após o espetáculo e ficávamos até de madrugada, por vezes até amanhecer o dia. Éramos amigos dos garçons, do dono do

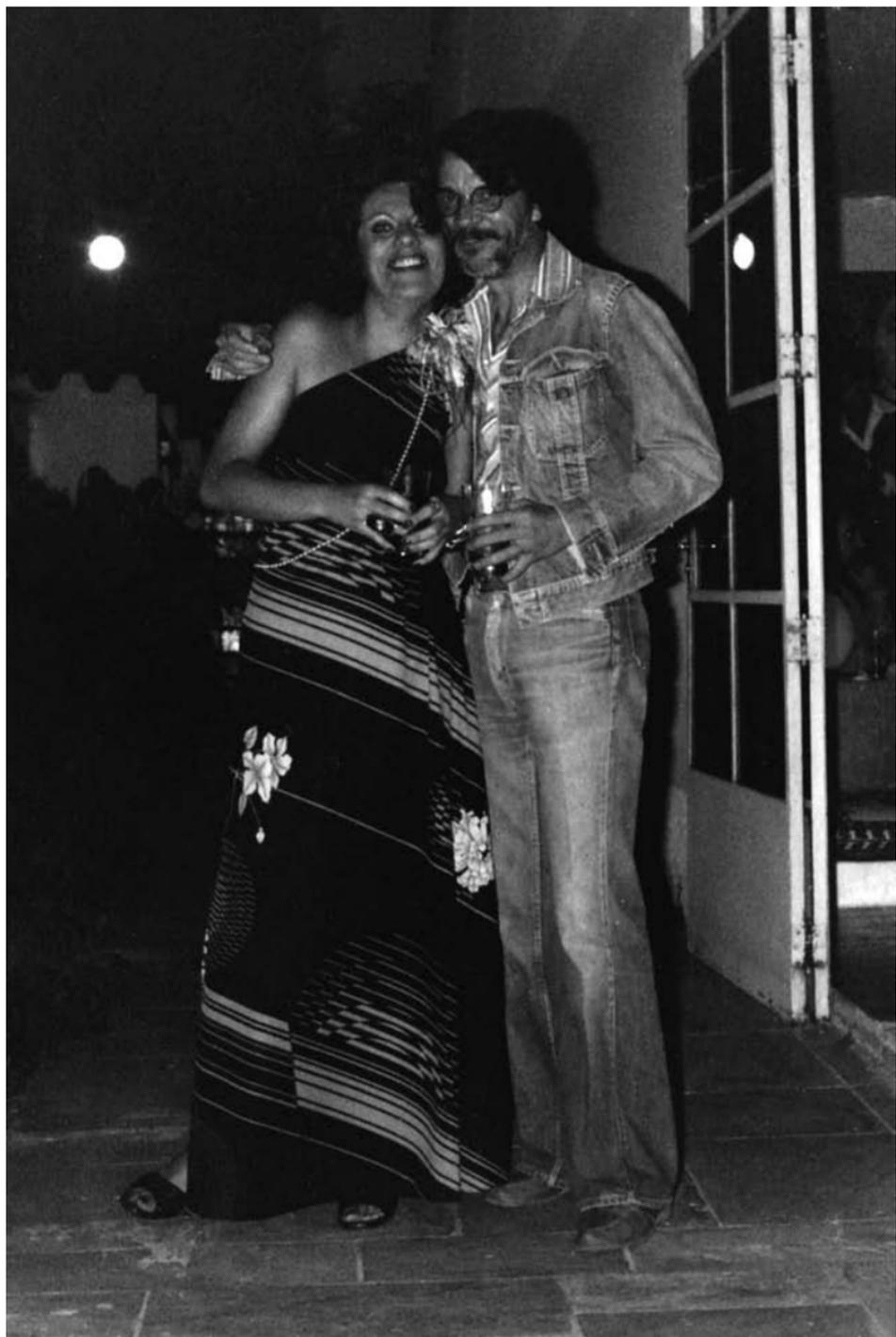
restaurante e de todos os frequentadores. Os estranhos acabavam se enturmando também. Esses lugares funcionavam como se fossem um clube.

O Serra era um dos frequentadores mais assíduos do *pedaço* e um dos últimos a sair. Quando começamos a *ficar*, ele passou a ir pra minha casa todas as madrugadas. Eu já estava morando na Bela Vista, onde estou até hoje, numa casinha de vila. Acostumada a morar em prédio de apartamentos e recorrer ao porteiro ou zelador quando necessário, estava com o chuveiro quebrado havia uns dias sem saber como solucionar. E foi aí que eu me apaixonei. Ele consertou o meu chuveiro. Puxa, que habilidoso! Ele sabe consertar um chuveiro elétrico! Fiquei encantada.

148

Eu conhecia o Serra do teatro. Havia visto vários de seus espetáculos, trabalhado com ele. Tinha uma profunda admiração pelo seu talento – ele é um excelente ator – era charmoso, paquerador, bom de copo... mas habilidades domésticas? Era demais! E quando ele descobriu que esse era meu ponto fraco, saiu consertando tudo que encontrava.

Ele gosta disso. Tem um prazer enorme em restaurar objetos considerados perdidos. Contrariando toda e qualquer ideia que se faça de um boêmio, o Serra é um homem do lar. Tem uma



*Começo de namoro, Analy Alvarez e Luiz Serra, 1978*

habilidade incrível. Ele desmonta as coisas para consertar ou só para saber como funcionam. Minha filha que mora na Inglaterra disse que ele ficaria milionário lá, onde a mão de obra é muito cara. Além disso, é uma pessoa extremamente organizada. Tem um armário de ferramentas que é uma verdadeira oficina montada. O *playcenter* dele é uma loja de ferramentas.

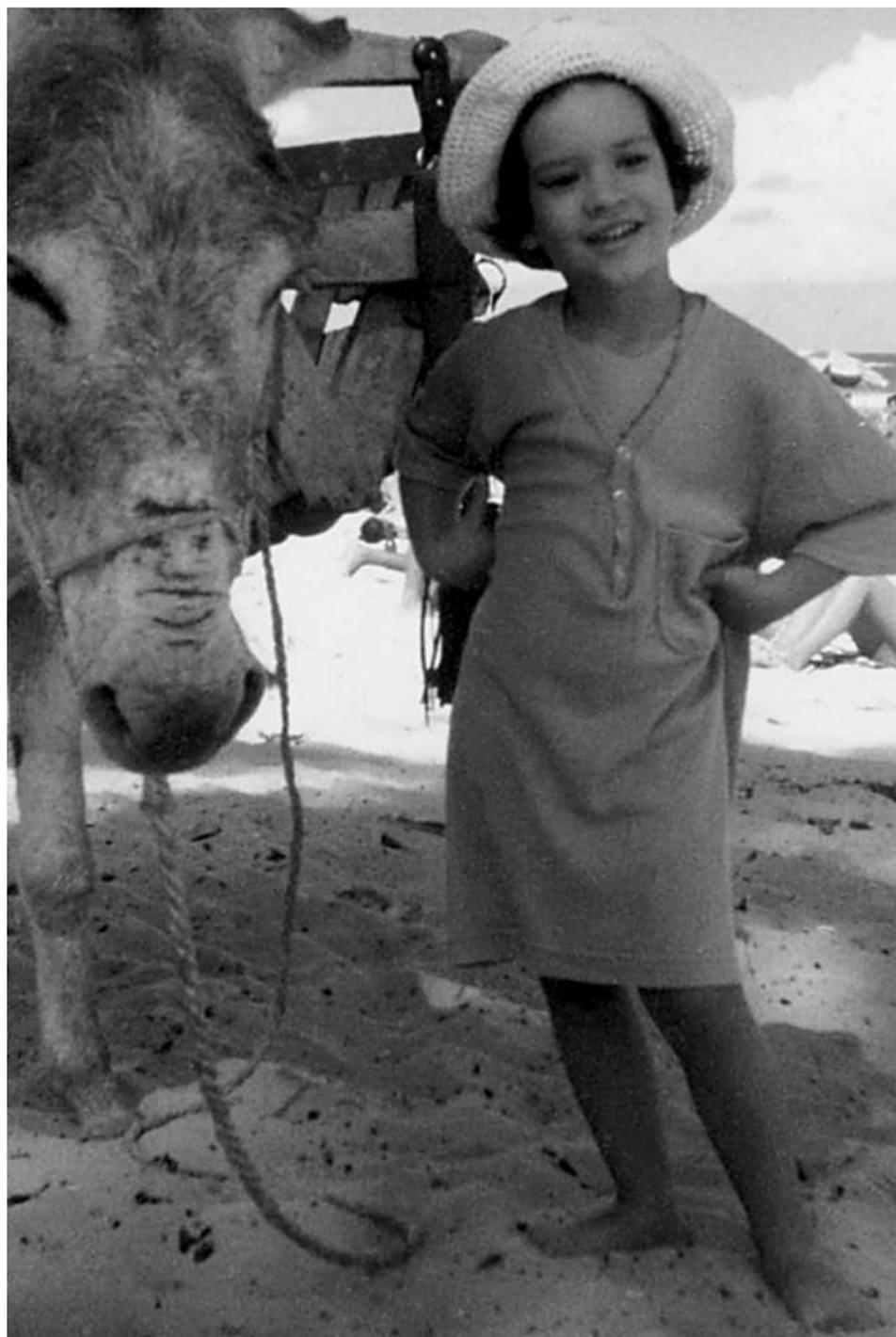
150

O Serra já tinha um filho do primeiro casamento e uma filha de um ano de idade de uma relação *free*. Em 1979, ele estava fazendo a novela *Dinheiro Vivo*, de Mário Prata, na TV Tupi, quando quebrou o pé. Ele teve que fazer uma cena em que pulava da janela sobre uma escadaria. Pulou e ficou: fratura de calcâneo. Como morava sozinho, não quis ir pra casa dos pais, pois a mãe já tinha uma certa idade e tal, e assim veio pra minha casa. E não saiu mais. Estamos juntos até hoje, completando 30 anos de casados. O pé dele também nunca mais foi o mesmo. As sequelas ficaram.

A filha dele, Eugênia, veio viver com a gente quando tinha 2 anos. Era uma criança encantadora. Inteligente, simpática, expansiva. Nos demos bem logo de cara. Foi amor à primeira vista. Na época fazíamos *Camas Redondas, Casais Quadrados*, de C. Champman, direção de Zé Renato, em excursão pelo Brasil e a levamos



*Luiz Serra de boca cheia e pé quebrado*



*Eugênia Serra – a filha que ganhei*

conosco. Em cada hotel que a gente chegava, eu procurava uma funcionária para cuidar dela à noite, enquanto fazíamos o espetáculo. Ela nos acompanhou durante toda a temporada.

O engraçado é que, nesta peça, eram vários casais. Era o Caruso com a Jussara, o Henrique Lisboa e a Nara Gomes, eu e o Serra, além da Noemi Gerbeli, que era casada com o Enzo, o cenotécnico. Viajamos o Brasil inteiro e a Eugênia com a gente.

Um dia, em Porto Alegre, enquanto eu a enxugava depois do banho, ela me disse: *Você cuida de mim, me dá banho, me dá comidinha, me dá remédio. Faz tudo o que uma mãe faz. Posso te chamar de mãe?* Já com os olhos cheios d'água eu respondi: *Vai ser o maior presente que eu já ganhei na vida.* Lá se foram 30 anos e até hoje eu me emociono com essa história. Só de contá-la já começo a chorar. E daquele dia em diante eu sou a sua mãe. Ela tem contato com a outra mãe também, Alda, a quem carinhosamente chamamos de Fifa e com quem nos damos muito bem. A Eugênia é tão especial que foi premiada com duas mães.



## Capítulo XVII

*Deve-se deixar inundar pela alegria aos poucos – pois é a vida nascendo.*

**Clarice Lispector**

*Camas Redondas...* havia terminado e estávamos voltando pra casa com a deliciosa tarefa de construir um lar para Eugênia quando, em outubro de 1980, meu pai faleceu de câncer no pulmão, como todos os que fumam e bebem bastante. Foi uma perda terrível, porque sempre fui muito apaixonada por ele. Mas, como dizem os sábios: *uma grande perda sempre vem seguida de um grande ganho*. Em março do ano seguinte eu estava grávida. Grávida!!! Eu que sempre achei que jamais teria filhos. Eu que já tinha 39 anos. Como diz o amigo Paulo Hesse, ia ter um filho na idade de já ter um neto. Eugênia já me alimentava o lado materno e muito bem, mas... De repente... Uma gravidez. Era demais!

Passei a me sentir uma rainha, como se fosse a única mulher no mundo a ficar grávida. Era assim que eu me sentia. Eu era a única! Trabalhar? Ir pro teatro todas as noites? Como? E a maternidade? E a gravidez? Comprei muitas lãs e agulhas, tecidos e linhas de bordar e comecei minha nova empreitada: a preparação do enxovalzinho do bebê.



*A gravidez*

Minha mãe, agora viúva, vinha sempre me ajudar, e nesse período nossa relação ficou ainda mais estreita. Sempre fui muito apegada a ela, mas o período da gravidez passamos praticamente juntas. Ela queria tanto essa neta! Sim, porque embora sem ultrassom e nada dessas modernidades que anunciam o sexo do bebê, nós já sabíamos que seria uma menina. Era o que todos queríamos.

Eu, que havia batalhado tanto a carreira de atriz, que no Sindicato, havia lutado tanto por melhores condições para o ator, que havia lutado na Comissão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura, que tinha sido a primeira mulher indicada para vogal da Justiça do Trabalho... De repente decido parar tudo para cuidar da família. Da minha nova família. Esse era o papel da minha vida naquele momento e eu o abracei. Com a maior felicidade.

Hoje eu percebo como eu assumo as coisas que a vida me propõe. Eu entro de cabeça e encaro de frente, de corpo e alma. Se sou atriz, quero ser uma atriz inteira. Não só no palco, mas também numa atuação política pela minha classe. Se vou ser mãe, quero ser uma mãe por inteiro. Dedicção total. Acho que não sei fazer duas coisas ao mesmo tempo. Assim, deixei o teatro de lado e me dediquei à família. E descobri que

era maravilhoso. Virei uma verdadeira dona de casa. Bordei o enxoval do bebê, tricotei, costurei, crochetei... enfim, usei todas as habilidades que havia aprendido no tempo em que fui preparada para ser *do lar*.

Naquele momento, a profissão havia ficado em segundo plano. Eu não tinha angústia por não estar trabalhando. Ser mãe foi minha grande realização como mulher. É um trabalho de entrega, de dedicação. E eu me entreguei mesmo, e me entrego até hoje. Largo qualquer coisa para socorrer minhas filhas.

158

Ana Amélia nasceu em dezembro de 1981, e com ela acho que nasceu uma outra Analy. Fui invadida por uma serenidade e uma paz absolutamente inéditas na minha vida. Tudo que eu tinha sido ou tinha feito, tudo que eu tinha almejado e planejado enquanto artista não tinha mais nenhuma importância diante da plenitude da maternidade. E eu me deixei levar docemente, placidamente como um barquinho de papel numa correnteza mansa e tranquila. E me dei conta de que nunca mais seria só!

Minha filha teve esse nome em homenagem às duas avós: a minha mãe, Anna, e a do Serra, Amélia. Era uma criança linda! Tive uma gestação calma e serena e talvez seja por isso que ela



*Ana Amélia aos 11 meses*

é uma pessoa centrada e determinada. Sabe o que quer e vai chegar lá. É uma filha que nunca me deu nenhum desgosto, pelo contrário, só alegria e contentamento. Aliás, as duas são presentes divinos. Se eu fosse religiosa, agradeceria a Deus todos os dias pelas filhas que me deu. Como tenho uma pinimba com Ele, agradeço só de vez em quando.



*Ana Amélia aos 2 anos*

## Capítulo XVIII

*Poetas,  
São tempos malditos  
Os tempos que vivemos...  
Em vez de estrofes, há gritos  
de desalentos supremos*

**Medeiros de Albuquerque**

Minha mãe faleceu em 1983 de uma maneira muito estúpida. Ela estava atravessando a rua quando o farol abriu. Veio um carro a toda e... Atravessou o sinal vermelho. Fiquei muito traumatizada. Foi horrível, um baque tremendo. Isso aconteceu na véspera do seu aniversário de 65 anos. Ela foi hospitalizada e faleceu na madrugada do dia seguinte, à 1h30. No dia e na hora exatos em que havia nascido. Coincidência?

161

Não consigo entender a morte. E como não entendo, não aceito. E nessas circunstâncias, então... Duvido de Deus nessas horas. Caramba, não tinha ninguém mais adequado pra levar? Alguém muito doente sofrendo num hospital, alguém abandonado, jogado na rua, alguém inútil sem família nem amigos? Mas minha mãe?! Por quê? Ela estava tão bem aqui. Era uma mulher jovem ainda, que amava a vida e fazia tantos planos para o futuro.

Ela havia amado muito o meu pai e agora, três anos após a morte dele, estava outra vez disposta a enfrentar os novos desafios. Tinha até arrumado um namorado. Minutos antes de perder a consciência, ela disse que não estava sozinha atravessando aquela rua, que meu pai estava lhe dando a mão. Será? Ah, se eu pudesse acreditar.

162

Esse foi o momento mais difícil da minha vida até então. Viriam outros mais tarde, igualmente terríveis. O Serra saía pro teatro e eu ficava com as meninas. Eugênia com quase seis anos e Ana Amélia com um ano e meio. Eu me agarrei às duas como tábuas de salvação e fiquei no meu canto, encolhida, curtindo até o fundo aquela dor intensa.

Não acredito e nem consigo me apegar a coisas religiosas ou espíritas, muito menos nessas horas. *Foi melhor assim. Ela está melhor do que nós. Não morreu, está em outra dimensão...* Nada disso alivia a dor da perda, pelo contrário, até irrita. Ouvir sua voz na secretária eletrônica sabendo que ela não está mais lá, desfazer-se de suas coisas, roupas, móveis. Perder seu cheiro, sua risada, seus conselhos. Perder o refúgio da casa da mãe e do seu colo nos momentos de angústia...

Essa é uma dor que tem que ser encarada de frente, sem rodeios e assumida até o âmago. Vivida até o fundo, até que não se tenha mais forças, até que se tenha chegado ao fundo, absoluto e escuro. E de entrega total. Como se boiássemos a deriva, levados por alguma coisa extraordinária e imensa que nos faz emergir. Então, percebe-se que o pior já passou.

Tudo isso é um aprendizado difícil e doloroso. Só os que passaram por isso conseguem entender. E esses carregam pra sempre o opaco dessa dor empanando o brilho dos olhos.

Também nunca acreditei muito em livrinhos de autoajuda, mas às vezes o destino escreve certo por linhas tortas, de verdade. Isso não é mera literatice, não.

163

Nessa fase dolorosa de minha vida, saí um dia caminhando meio a esmo e de repente me vi diante de uma loja de roupas de aluguel que pertencia a um amigo de Santo André, para quem minha mãe havia costurado. Pensei: *ele provavelmente não sabe da morte dela*. E como nessa fase, a gente precisa falar disso o tempo todo, entrei. Disseram-me que era raro encontrá-lo ali àquela hora do dia, mas excepcionalmente nesse momento ele estava lá.

Descrevi *masoquisticamente* o acidente, chorei com ele meu rio de lágrimas, e então ele me ofereceu um livrinho, simples, singelo, que o tinha ajudado muito em seus momentos difíceis. Não eram momentos de perda de entes queridos, eram situações financeiras difíceis, mas... ajuda é ajuda.

Levei o livro pra casa. Chama-se *Alegria e Triunfo*, de Lourenço Prado, um esoterista dos mais renomados. Sem nenhuma convicção comecei a ler e a praticar, na medida do possível, o que aquele livrinho pregava. Na verdade, a filosofia esotérica consiste em fazer com que você aprenda a pensar positivamente, sempre. Acreditar no seu Eu, acreditar no Eu Sou e no Eu Posso. É simples. Apenas exercitar e direcionar a fé.

164

A minha transformação foi fabulosa. A dor continuou comigo, onde ela está até hoje. A saudade também. Mas eu fiquei forte o bastante para carregá-las. E isso é que me parece o grande ensinamento. É como se a pele fosse engrossando como a de um crocodilo, como uma casca e as emoções fossem ficando por baixo, já não tão à flor da superfície.

Esse livro foi o responsável pela minha volta ao trabalho e a partir daí, toda vez que um amigo está em dificuldade como uma doença grave

ou uma separação litigiosa, ou a perda de um ente querido, ou situação financeira a beira de um colapso, eu levo um exemplar de *Alegria e Triunfo* de presente. Espero que ajude como me ajudou.



Não Explica que Complica: *Kito Junqueira e Analy*

## Capítulo XIX

*Será que somos gente?*

***Navalha na Carne, Plínio Marcos***

Foi então que surgiu o convite para fazer *Não Explica que Complica*, de Alan Ayckbourn, o Neil Simon inglês. O Serra também estaria no elenco e isso era muito bom. Era uma produção de Miriam Mehler, Cléo Ventura e Kito Junqueira. A peça era uma comédia muito interessante e seria dirigida por Odavlas Petti, amigo querido, dono de um humor muito especial e uma pessoa encantadora. O espetáculo era bem interessante, uma fina e inteligente comédia inglesa, mas o público já estava difícil. Voltar ao Teatro Paiol, depois do estrondoso sucesso de *Abelardo e Heloísa*, e ver que não conseguíamos mais que meia casa por sessão, era triste.

167

Eu já não sentia mais aquele fascínio pelo palco. O fato de eu ter ficado em casa esses anos todos, voltada pra mim mesma, me fez perceber que tinha mais coisas pra dizer, só o palco já não era o bastante. Eu ainda não tinha me dado conta de que queria escrever. Mas percebia que estava faltando alguma coisa.

A Amaral Gurgel já estava em franca decadência, a violência estava afastando o público dos

teatros localizados na rua... É, muita coisa estava mudando... Isso ia proporcionando uma enorme sensação de vazio dentro da gente. Era fácil perceber que o teatro já não era o mesmo. Ou eu já não era a mesma? O que eu esperava? O que eu queria, afinal? Que tipo de teatro eu queria? Como fazer? O que eu queria era o que o público queria ver? E o que o público queria ver?

Nas ruas o povo clamava por *Diretas Já*. Eu mesma encerrava o espetáculo com uma camiseta estampada com esse *slogan* e o fradinho do Henfil. E aí a emenda de Dante de Oliveira é rejeitada no Congresso. Que balde de água fria!

168

Em seguida Tancredo Neves, do MDB, que naquele momento era o único partido de oposição à ditadura, é eleito (de forma indireta) para a Presidência da República e morre sem tomar posse. Foi demais! Nossas esperanças pelo ralo. Quando parecia que ia haver uma chance de mudança no País, o homem morre. A sensação de desamparo foi enorme.

Tomada dessa emoção escrevi uma peça. Sem nenhum conhecimento de técnica dramatúrgica. Apenas um desabafo. Queria falar um pouco sobre isso. Sobre esse novo Brasil que repentinamente a morte nos havia arrancado das mãos.

Ainda fiz alguns espetáculos meio *cumprindo tarefa*, sem grande entusiasmo. Montagens pequenas, sem dinheiro, sem estrutura, sem público... Afinal, não podia recusar. Se esse era o meu papel, só me restava vivê-lo da melhor forma, afinal *the show must go on*.

Em meio a essa quase crise de identidade cultural, o Plínio nos propõe produzir *Navalha na Carne*, desde que o Serra fizesse o *Veludo*. A gente ia muito ao Gigetto, onde o Plínio tinha mesa cativa, a chamada *mesa da diretoria*, e ali nasceu a ideia de nos juntarmos para essa produção.

Estávamos em 1988, a *Navalha* estava comemorando 21 anos de existência e achamos que seria uma ótima oportunidade de mostrá-la outra vez. O Plínio não era montado há tempos e toda uma geração desconhecia sua força e contundência. Ele costumava dizer que as peças dele continuavam atuais não por mérito dele, mas porque o País não melhorava. Então, não era hora de mostrá-lo a essa nova geração? Será que conseguiríamos atrair novamente os jovens para o teatro?

A direção ficou a cargo de Emílio Fontana, que também fazia parte da produção, juntamente com sua mulher, a Leda Fontana, mais o Serra e eu. Convidamos o Roberto Rocco para o papel do Wado, o Serra fez o *Veludo*, num trabalho



*Navalha na Carne: com Luiz Serra, Roberto Rocco e Plínio Marcos*

magnífico, e eu, a Neuza Suely. Sem falsa modestia, fiz um belo trabalho. Fui indicada para o prêmio Apetesp de melhor atriz.

Na verdade, fiquei sabendo anos depois que havia ganhado juntamente com a Cleyde Yáconis, mas a Comissão da Apetesp resolveu que não podia haver empate e deu o prêmio pra ela, por ser uma atriz de mais prestígio, o que engrandeceria o prêmio. Pois é...

A direção do Emílio Fontana foi muito precisa, o que resultou num excelente trabalho dos atores. Após os espetáculos, fazíamos debates pra contextualizar os 21 anos da ditadura. O Mário Covas e o José Serra até participaram de alguns deles... Mas não teve a repercussão que a gente esperava. Apesar das críticas excelentes, não foi sucesso de público, mal conseguimos pagar a produção. Foi uma frustração muito grande.

Quando a gente faz um trabalho que gosta, no qual acredita, quer que todo mundo veja, quer que o público compareça. Valeu pelo trabalho em si, foi sem dúvida meu melhor trabalho de atriz, e valeu muito pelo carinho do Plínio. Ele adorava a minha Neuza Suely. Isso me fez feliz. No dia da estreia me deu esse poema:

*Flor Serrana – às vezes, quando você sorri, eu vejo nos seus olhos lindos*



Navalha na Carne: *Analy e Roberto Rocco*

*A melancolia da gente de sua infância, lá no alto  
de Paranapiacaba*

*Analy, plena!*

*Assim eu percebo você nesse momento da sua  
vida: luz, sexo, estrela, flor rainha, templo, água,  
fogo, terra, ar, atriz guerreira valente, desape-  
gada do próprio encanto de fêmea para, por  
compaixão, se emprestar de corpo e alma à nossa  
Neuza Suely (muito mais sua do que minha).  
Que você tenha voz para gritar aflita do seu  
desespero e da sua imundície!*

*Analy plena!*

*Mulher, mãe, amante, filha, irmã que com ge-  
nerosidade você tem sido!*

173

*Eu queria que você soubesse que estou orgu-  
lhoso de você, do seu talento, da sua poesia na  
minha peça. Mas também estou arrepiado de  
pavor. Temo que os anjos que moram no céu e  
os demônios que moram no mar venham a me  
invejar. (Os anjos são duros nos seus rancores e  
os demônios maus nos seus ódios)*

*Analy plena!*

*Me protege com sua ternura e grandeza, atrain-  
do pra nós o escudo do sucesso.*

**Que assim seja  
Grato e com amor  
Bobo Plim (Plínio Marcos)**

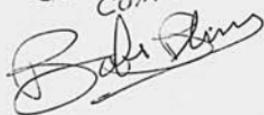
BELA ANALY 13/2/88   
(FLOR SERRANA, 519 DE REVENÇÃO)  
AS VEZES QUANDO VOCÊ SORRI,  
EU VEJO NOS SEUS OLHOS LINDOS   
A MELANCOLIA DA GENTE DA SUA  
INFANCIA, LA DO ALTO DE PARANAPIACABA)

ANALY, PLENA. ASSIM EU PERCEBO VOCÊ  
NESSE MOMENTO DA VIDA. LUZ, SEXO, ESTRELA,  
FLOR, RAINHA, TEMPLO, ÁGUA, FOGO, TERRA, AR,  
ATRIZ, GUERREIRA VALENTE, DESAPECADA DO  
PRÓPRIO ENCANTO DE FEMEA, PARA, POR COMPAI-  
XÃO SE EMPRESTAR DE CORPO E ALMA PARA NOS-  
SA NÉZEA SVELY (MUITO MAIS SUA DO QUE MINHA)  
TENHA VOZ PARA GRITAR AFLITA DO SEU DESES-  
PERO, DA SUA INUTILIDADE.

ANALY PLENA, MULHER, MÃE, AMANTE, FILHA,  
IRMÃ QUE COM CENÉROSUA DE VOCÊ TEM SIDO, EU  
QUERIA QUE VOCÊ Soubesse QUE ESTOU ORGULHO-  
SO DE VOCÊ, DO SEU TALENTO, DA SUA POESIA NA  
MINHA PEÇA. MAS TAMBÉM ESTOU ARREPIADO  
(VIRE)

DE PAVAR TEMO QUE OS ANJOS QUE MORAM  
NO CEU E OS DEPIONIOS QUE MORAM NO MAR  
VENHAM A ME INVEJAR. (OS ANJOS SÃO DOUROS  
NOS SEUS RAIOCORES E OS DEPIONIOS MAIS NOS  
SEUS OBIOS) ME PROTEGE COM SUA TERNURA E  
GRANDEZA ATRAINDO PRA NOS O ESCUDO  
DO SUCESSO. QUE ASSIM SEJA.

GRATO E  
COM AMOR



## Capítulo XX

*Falo somente o que eu falo, com as palavras girando ao redor do sol.*

**Graciliano Ramos**

A década de 80 estava no fim. Havia deixado uma marca trágica no coração da classe teatral e intelectual do País. A morte ceifara como uma camponesa em fúria um grande número de artistas do mundo inteiro. Uma ameaça terrível parecia castigar aquela geração que havia levantado a bandeira do amor livre e lutado contra o preconceito sexual. Aquela mesma geração que nos anos 60 havia inventado o *desbunde*, estava agora sendo dizimada pela mais brutal e terrível das doenças – a que mata a liberdade, a que mata o amor – a AIDS. Quantos companheiros mortos! Quantos talentos perdidos! Desolação, tristeza, revolta. Só nos encontrávamos em velórios e enterros. Rostos sem sorriso, olhos inchados, abraços desesperados. Quando a conta passou dos 100 deixei de contar. Era cruel demais.

Na contramão dessa desesperança, corria depressa a esperança na democracia. Os acontecimentos vinham se sucedendo rapidamente. D. Paulo Evaristo Arns, um dos mais ferrenhos combatentes da ditadura militar, havia recebido

o título de doutor *honoris causa* de Notre Dame, junto com Jimmy Carter, recentemente empossado presidente dos Estados Unidos. A Anistia Internacional havia ganhado o Prêmio Nobel da Paz. Como já disse anteriormente o povo havia ido às ruas para pedir a aprovação, pelo congresso, da medida de Dante de Oliveira. A ditadura estava encurralada.

O General João Batista Figueiredo, último presidente militar, viu-se na contingência de promover a abertura. É bem verdade que a emenda de Dante não passou, e Tancredo, eleito pelas vias indiretas, havia morrido um dia antes da posse. Meu Deus, que urubu havia pousado na nossa sorte? Também é bem verdade que José Sarney assumiu a Presidência no *tapetão*.

176

Como Tancredo ainda não tinha tomado posse, e portanto o vice também não, a Presidência deveria ser assumida pelo Presidente da Câmara que era o Ulisses Guimarães. Mas como dizia meu sogro é *melhor lamber do que cuspir!* Era a manhã de uma noite escura e sombria que durara vinte e um anos. A aurora surgia tímida e vacilante, mas era o suficiente para nos encher de esperanças.

É curioso observar o pêndulo da história: nos anos 60 a sociedade se liberta de tabus seculares

e vive a era do obscurantismo político. Vinte anos depois, quando começamos a recuperar nossas liberdades democráticas, nos vemos outra vez presas de preconceitos e tabus, encurralados por tão terrível epidemia.

Com tudo isso, estava muito difícil fazer teatro naquele momento. Tudo me parecia meio amador, meio improvisado. As peças encolheram. Agora só se fazia peça de dois, três personagens. Os próprios atores produziam e atuavam. Não havia quase contratações e, as que havia, eram disputadas a tapa. Não gosto de competição, acho que cada um tem o seu espaço, mas estava difícil manter o meu.

177

Aí começou a vigorar o Império da mídia. Você tem não só que ser ator como também um bom vendedor. Tem que saber se vender, como um produto. Tem que ser notícia. A televisão faz isso muito bem e então, pra ser notícia, você tem que estar na televisão. E eu que havia trocado a televisão pelo teatro por duas vezes...

A corrida para a televisão foi inevitável e aí o número de sessões semanais de um espetáculo começou a encolher, porque a maioria dos atores grava novelas nos primeiros dias da semana. Se antes a gente fazia espetáculos de terça a domingo, passou-se então a fazer de quarta a



Quem te Fez Saber que Estavas Nu? com Antonio Calloni

domingo, depois de quinta a domingo e finalmente de sexta a domingo. É claro que a escassez de público também tem a ver com isso, porque hoje em dia nem as duas sessões de sábado e as duas de domingo existem mais. É uma por dia e olhe lá.

Isso começou a mexer com a minha cabeça. Não foi esse o teatro para o qual eu havia me preparado.

Foi então que eu fiquei sabendo que o Fauzi Arap, excelente ator e um diretor maravilhoso, tinha chamado o Chico de Assis para dar um curso de dramaturgia no projeto *Rosa dos Ventos*, que ele estava desenvolvendo no Teatro Eugênio Kusnet. O Chico é um dos grandes mestres em dramaturgia. Ele fez parte do grupo que desenvolveu o Seminário de Dramaturgia do Teatro de Arena com o Boal e o Guarnieri, responsáveis pelo Arena histórico, político, contestador e que acabou mudando a estética teatral dos anos 1960.

Bem, me inscrevi no curso do Chico e levei para ele ler a tal peça que havia escrito. Ele fez críticas tão pertinentes e tão profundas que me deixou de boca aberta. Como ele podia saber o que eu pretendia dizer e não disse? Como ele, com uma simples lida no texto, conseguia encontrar soluções que eu havia ficado meses procurando? Com um *dedo de ET*, ele apontava acertada-



*Com o mestre Chico de Assis*

mente todos os problemas. Era fantástico! Então comecei a entender o processo.

Cada aula era um deslumbramento. As pessoas iam levando cenas e ele ia avaliando, sugerindo, ajudando-as a achar os caminhos. E as peças iam tomando forma, cara, conteúdo. Magia pura!

Assim nasceu *No Melhor da Festa*, minha primeira peça. Eu estava encantada. Autora teatral. É isso! Encontrei outra vez a alegria na criação que o trabalho de atriz já não me proporcionava. Esperava as terças-feiras com avidez. Logo em seguida comecei a escrever sobre duas atrizes que viviam na Casa do Ator e que tinham sido amigas por toda a vida e por isso mesmo se espezinhavam o tempo todo. Nasceu então *Você tem Medo do Ridículo, Clark Gable?* que posteriormente ganhou o prêmio de Dramaturgia Maurício Távora, do Governo do Paraná, em 1994. Depois veio *Senhora dos Anjos*, que também em 1994 ganhou o Prêmio Minas de Cultura – categoria teatro – Prêmio Grande Otelo, promovido pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Olha só, ganhar um prêmio de dramaturgia que homenageava meu amigo Grande Otelo. Pra lá de bom!

Ainda em 1994 ganhei também um concurso para uma bolsa de dramaturgia da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Meu projeto



*Recebendo o Prêmio Grande Otelo, do Prêmio Minas de Cultura, das mãos de Teuda Bara, atriz do Grupo Galpão*

previa um texto sobre a exploração de escravas brancas no Brasil, as chamadas *polacas*. O texto *As Polacas* foi montado posteriormente.

Depois escrevi *Cabaré Lupicínio*, cujo nome foi mudado para *A Noite não é mais a Mesma* e posteriormente para *Nervos de Aço*. Um musical interativo sobre os amores de Lupicínio que viraram música. Também ganhou prêmios de dramaturgia. Dois: um em Santa Catarina – Prêmio Álvaro de Carvalho, em 1995, e outro da Prefeitura de Belo Horizonte – Prêmio Cidade de Belo Horizonte, em 1999.

E ainda teve o convite de Regina Duarte para que eu roteirizasse uma peça minha, *Faz a Fama e Deita na Cama*, para um programa que ela estava fazendo com o Del Rangel para a TV Globo, o *Retrato de Mulher*. Minha peça foi ao ar com o título de *Era uma vez... Dulcineia*.

183

Eu não queria mais parar. Escrever era o meu barato. E no começo nem tinha computador, imagine. Escrevia numa maquininha portátil, errando e refazendo tudo várias vezes. Um tormento, mas um tormento delicioso. Meu primeiro computador foi um Apple, de segunda mão, ainda de formulário contínuo, que ganhei de minha amiga Gisela Gorovitz, uma grande incentivadora do meu trabalho.

Essa criação individual me dava um prazer imenso. Trancar-me no escritório comigo mesma, e escrever o que eu sentia, o que eu queria dizer, o que eu pensava... Puxa, era o máximo! Eu não pensava se isso ia ter retorno, se essas peças iam ser montadas ou não. Simplesmente era o puro prazer de escrever. O mesmo que sinto até hoje.

## Capítulo XXI

*De modo suave você pode sacudir o mundo.*

**Mahatma Ghandi**

Foi nesta época que eu conheci a Annita Malufe. Eu saía das aulas do Chico, às terças-feiras e ia jantar no Restaurante Orvietto, ali na Martinho Prado, do querido Meia-Meia que havia sido garçom do Piolin nos anos 70 e depois abriu o seu próprio restaurante. Ela ia sempre com a irmã, Lilia Costa, e acabamos ficando muito amigas, até hoje. Annita é psicóloga e por força da profissão é uma ótima ouvinte. E eu, empolgada, contava das minhas peças, das coisas que estava aprendendo com o Chico, das descobertas que fazia a cada semana, e sempre prometia que ia ler meus textos para os amigos na minha casa, fazer um sarau com *comidinhas e bebidinhas*.

185

Mas isso implicava uma mão de obra danada e no final das contas não dava pra convidar muita gente. E então tivemos a ideia: Por que não fazemos leituras aqui? *Comidinhas e bebidinhas* é o que não falta num restaurante, e sempre cabe mais gente.

Nós, do grupo do Chico, que a esta altura já se chamava Smda, havíamos feito uma mostra de

textos no Teatro Sérgio Cardoso, mas eu não havia ficado satisfeita. O palco é o lugar do espetáculo pronto, acabado. Quando se faz leitura de texto nele, automaticamente se incrementa com marcações, luz, figurino e aí fica a sensação de um espetáculo; só que um espetáculo malfeito, meio pobre, improvisado. A ideia de fazer leituras dramáticas no restaurante era exatamente para desfazer essa impressão e criar um ambiente mais intimista, mais propício às discussões, que no fundo é o que interessa ao autor. Enfim, um grande laboratório. E o restaurante daria essa descontração e informalidade necessárias.

186

Resolvemos então criar os *Saraus Lítero Dramáticos*, evidentemente não só com textos meus, muito pelo contrário, convidaríamos todos os autores e atores para participar. O Meia-Meia disponibilizou o andar de cima, o Serra isolou os ruídos do minhocão com caixas de ovos e começamos essa deliciosa aventura. Junto conosco estavam a Ernê Vaz, que também era aluna do Chico, o Zeno Wilde, a Lilia Costa e mais alguns amigos.

O primeiro texto lido foi *Intensa Magia*, de Maria Adelaide Amaral, dirigido por Silnei Siqueira. No elenco: Juca de Oliveira, Ariclê Perez, Amaury Alvarez e outros. O segundo foi *Paris Belfort*, de Alcides Nogueira, com Nydia Licia, Laura Cardoso, Luiz Serra e outros. Assim um a um,

quase todos os autores brasileiros contemporâneos foram passando por lá. A iniciativa foi um acontecimento na cena teatral paulista. Lotava todas as segundas-feiras. A Ernê, que é jornalista, fazia a divulgação. Fomos notícia em todos os jornais e revistas: *Veja, Isto É, Estadão, Folha...* páginas inteiras falavam da novidade. Fomos os pioneiros no gênero.

Naquele ano ganhamos três prêmios: o Shell, o APCA, da Associação de Críticos de Arte e o Aplauso, do Sindicato dos Artistas. Chegou a hora de registrar a sociedade com estatuto, diretoria, essas coisas. Neste meio tempo outras pessoas haviam se juntado a nós e uma delas, Inajá Bevilacqua, a Naná, tratou da papelada e foi a primeira tesoureira. Precisávamos de um nome. Não podia ser apenas Sociedade Lítero Dramática. Estava incompleto. Precisávamos de um nome de alguém que combinasse com Lítero Dramática. Paulo Molière surgiu com o nome de Gastão Tojeiro.

O Gastão foi um dramaturgo do começo do século XX, um dos fundadores da SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, que lutou muito pelo direito autoral. Ele escreveu mais de 100 textos, todos de sucesso junto ao público. Neles falou da paixão despertada pelos galãs de cinema, da moda de mulheres de cabelos curtos e dirigindo veículos; comentou as guerras e as

transformações sociais; as primeiras corridas de automóveis; o futebol; o serviço militar obrigatório... Ninguém mais adequado. Quase todos os atores paulistas e alguns cariocas, como Marília Pêra e Tônia Carrero, emprestaram seus talentos para abrilhantar nossos saraus.

188 A Gastão teve dois ou três endereços antes de se fixar definitivamente no Café Teatro Sandro Pollo-  
ni, no saguão do Teatro Maria Della Costa. Quando estivemos no Restaurante Eduardo's, criamos o Espaço Cultural Eduardo's, também no andar de cima e, além das leituras das segundas-feiras, montamos nos finais de semana a minha primeira peça, *No Melhor da Festa*, com direção de Maria Eugênia Di Domenico, que havia sido minha colaboradora no texto. No elenco estavam Amaury Alvarez, Lutti Angelelli, Sérgio de Oliveira, Rafaela Puopollo, Amélia Bittencourt, Tim Urbinatti e Salete Fracarolli. O espetáculo era interativo e acontecia no próprio restaurante. Público e atores se misturavam como se todos fossem convidados para um evento. Era bem interessante.

Foi baseada nessa experiência que escrevi o texto sobre Lupicínio Rodrigues e que também se propõe seja realizado num espaço semelhante, com público e atores se misturando nas mesas do bar e cantando juntos as canções do cantor da dor de cotovelo.



No Melhor da Festa, de *Analy Alvarez*: *Amaury Alvarez e Sérgio de Oliveira*

Gosto de espetáculos em lugares inusitados. O professor Clóvis Garcia, emérito cenógrafo e crítico de teatro, sempre diz que o espetáculo precisa sair da caixa preta, do palco convencional.

Depois de *No Melhor da Festa*, fizemos uma outra experiência semelhante, dessa vez no porão do Teatro Maria Della Costa, quando o grupo da Gastão Tojeiro produziu dois espetáculos: *Cachorro*, de Ênio Gonçalves, direção dele, com Mara Faustino, o próprio Ênio, José Ferro e Emerson Ribeiro, cuja ação se passa sob um viaduto; e *Trapolla*, de Sérgio Jockyman, direção de Luiz Serra, com Amaury Alvarez, Lutti Angelelli e Luiz Bacelli, que acontece numa prisão fascista, na Itália. Ambas eram perfeitas para ser encenadas num porão e os dois espetáculos ficaram bastante interessantes ali. Criamos praticáveis em degraus sobre os quais colocávamos nossas cadeiras da Marfinite. Todo o resto era cenário.

Anos mais tarde, escrevi *Bandida*, que também montamos num porão. Desta vez o do Teatro Ruth Escobar, com Mara Faustino e Jú Colombo. Esse texto é um exercício para duas atrizes e trata de um sequestro relâmpago. Uma professora careta e certinha (Mara) é sequestrada e levada para um porão onde fica com a bandidinha (Jú), enquanto o comparsa vai fazer a *limpa* nos caixas eletrônicos com os cartões da *madame*. Nessa

espera, elas expõem suas diferenças e igualdades através das quais surge a questão: quem é a bandida e quem é a vítima? Eu mesma dirigi o espetáculo, que tinha uma luz primorosa de Marcus Cardelíquio e Will Damas.

Mais uma vez era o grupo da Gastão Tojeiro produzindo e adaptando um novo espaço. Ali também foram criados praticáveis onde foram colocadas as cadeiras e o cenário era o próprio local.

Depois de *Bandida*, ainda houve tentativas de uso desse espaço para outras peças, mas era muito complicado, porque o som do espetáculo de cima vaza pro porão. É claro, o porão é sempre abaixo do palco e não existe tratamento acústico. Os espetáculos tinham que ser em horários alternados com a peça de cima, o que nem sempre dava certo. De todo modo valeu a experiência. Também *Lembrar é Resistir*, que montei no DOPS, segue essa mesma linha de trabalhos em espaços não convencionais. Reservei um capítulo só pra ele mais adiante.



## Capítulo XXII

*Aprendi com a primavera deixar-me cortar e a voltar sempre inteira.*

**Cecília Meireles**

Quando o Sérgio Dantino me convidou para fazer *Procura-se um Tenor*, eu já estava escrevendo bastante e completamente envolvida com o Seminário do Chico e com a Gastão Tojeiro. Mas aceitei porque era com Juca de Oliveira, velho e querido amigo, Fúlvio Stefanini, ator que eu admirava, direção da Bibi Ferreira, que eu não via desde *O Homem de la Mancha*, e porque, afinal, eu era atriz e esse era um excelente convite. Era um trabalho pra lá de bom. Afinal, escrever era diletantismo, embora cada vez mais me estivesse ocupando coração e mente. Ficamos dois anos em cartaz, fizemos um enorme sucesso, excursionamos por várias cidades, mas isso não me realizava mais...

193

*Memória... é o segredo da história... Volto do meu devaneio e estou ali, no mesmo lugar, sabendo que um capítulo da minha vida estava terminando naquele momento. Naquele exato momento em que eu tirava a maquiagem, o aplique do cabelo, aquele maravilhoso vestido prateado e o sapato de Fernando Pires e conti-*

nuava me perguntando: *O que está acontecendo comigo? Por que o palco já não exerce em mim o fascínio de antes? Por que começou a ficar penoso? O espetáculo é ótimo, o público reage bem, as casas lotadas todas as noites. Não foi com isso que eu sempre sonhei? Não é esse o espetáculo ideal? Não sei... Falta alguma coisa.*



Procura-se um Tenor, com Fulvio Stefanini



Procura-se um Tenor, com *Juca de Oliveira*

# GUIA Hotéis

AGO.  
92

• TURISMO • HOTELARIA • RESTAURANTE • VARIEDADES •



JUCA DE OLIVEIRA  
e  
FULVIO STEFANINI  
EM

**"PROCURA-SE UM TENOR"**

Direção - BIBI FERREIRA

**NO TEATRO JARDEL FILHO**

*Procura-se um Tenor: Cassiano Ricardo, Analy, Matilde Mastrangi, Nina de Pádua e Francarlos Reis (sentados); Juca de Oliveira, Suzy Rego e Fulvio Stefaninni (em pé)*

## Capítulo XXIII

*Minha vida continuará eternamente ligada ao teatro, mas atriz, não sei, acho que não mais.*

Foi ainda durante a temporada do *Tenor* que, pela primeira vez, surgiu a polêmica sobre a meia-entrada para estudantes. Uma lei dava o direito a estudantes de pagar metade do valor do ingresso em espetáculos de diversões. Como é que é??? Estudante tem direito a pagar metade do ingresso para ter acesso à cultura? Por que não também nos livros, nas mensalidades escolares? Se o governo quer dar benefícios, ele tem que subsidiar a diferença, senão o segmento cultural estará pagando o privilégio do segmento estudantil.

197

A associação da classe produtora, a Apetesp, que, em tese, nos representava, estava desmobilizada. Convenci o Dantino, que havia sido um dos fundadores dessa entidade, que ele devia voltar e assumir a cabeça de uma chapa para concorrer à eleição que se aproximava. Convidei ainda Marcos Caruso, Sônia Guedes, Carlos Meceni, John Herbert, Ewerton de Castro e mais alguns produtores.

Ganhamos. Mas nem tudo foram flores. A Apetesp estava falida, endividada até a raiz, o

Teatro Maria Della Costa, que pertence a ela, destruído, o palco comido por cupins, prestes a desabar. Um verdadeiro caos! A meia-entrada passou pra segundo plano. Primeiro, era preciso levantar a entidade.

Assumimos em 1994 e eu continuo lá até hoje. Os presidentes mudaram, os diretores mudaram, mas alguns poucos resistentes permanecem segurando aquele rojão. Pagamos as contas, reformamos o Maria Della Cota, adquirimos o Teatro Ruth Escobar, enfim, estamos *no azul*. A presidência hoje é dividida entre a Sônia Guedes e eu. Dá certo. Sou boa administradora. Não sou muito de ficar indo aos eventos que o cargo obriga. A Sônia vai. Prefiro pôr a mão na massa. Assim nos dividimos bem.

Foi em 1994 que eu conheci o então vereador Marcos Mendonça.

Ele já havia deixado sua marca na Câmara dos Vereadores como autor da primeira lei de incentivos fiscais para a área, a chamada *Lei Mendonça*. Essa lei renovou a vida cultural em São Paulo e deu origem a dezenas de leis semelhantes em outros Estados. Agora, ele tinha interesse em fazer uma ponte com a classe artística e eu acabei indo trabalhar no gabinete dele, justamente para isso.

Então o Mário Covas foi eleito governador. O Marcos, que havia sido eleito deputado estadual, foi nomeado Secretário de Cultura do Estado e me convidou para assumir a Assessoria de Artes Cênicas. Era janeiro de 1995.

Eu já tinha trabalhado na secretaria na gestão do Max Feffer, quando representei o Sindicato dos Artistas na Comissão de Teatro e impulsionei a realização do espetáculo *Macunaíma*, e na gestão do Quércio, quando a Bete Mendes foi Secretária da Cultura. Eu conhecia a estrutura da secretaria e as necessidades da classe teatral em relação a ela.

Ao longo desses anos havia batalhado no Sindicato, depois na Apart – Associação Paulista dos Autores Teatrais, estava na Apetesp, enfim, sempre havia me interessado pelos problemas da minha classe. E o maior deles foi e será sempre a falta de políticas públicas que deem sustentação à atividade teatral. Ao assumir a assessoria de Artes Cênicas percebi que era hora de pôr em prática toda essa experiência acumulada.

Sempre se discutiu como levar público ao teatro, como fazer a população se interessar pela cultura teatral, enfim, como fazer com que o teatro seja de fato uma arte popular sem ser apenas popularesca. Eu sempre brinco que no dia em que a arte teatral tiver uma mesa-redonda na TV, aos domingos,

para discutir os espetáculos como tem o futebol, aí sim, teremos popularizado a cultura no Brasil.

Nessa mesma época, o Crayton Sarzi, antigo colega da EAD e agora assessor do Silvio Santos, me convida para assumir a novela *As Pupilas do Sr. Reitor*, remake da novela homônima de Lauro César Muniz, por sua vez adaptada da obra de Julio Diniz e que havia feito enorme sucesso na TV Record nos anos 70. Eles já estavam com ela no ar, mas havia alguns problemas e queriam trocar os autores. Assumi com a condição de levar o Zeno Wilde como coautor e o Chico de Assis como supervisor. Deu certo.

200 A novela passou de 4 para 17 pontos de audiência no Ibope. Eu acumulava a novela, a Secretaria de Cultura e, de quebra, ainda tinha a Apetesp e a Gastão Tojeiro que eu presidia. Ufa! Nesse momento o meu irmão Amaury segurou a barra da Gastão e o Serra a da casa e das filhas, e eu fui em frente. Sem eles teria sido impossível.

Depois das *Pupilas*, escrevemos *Razão de Viver*, mas o resultado não foi tão bom. Muitos problemas internos, brigas pelo poder, indefinição de chefia, egos de atores muito inflados. Tudo estourava na nossa cabeça. Foi muito difícil. Faltou profissionalismo por parte da direção do núcleo e a corda arrebentou do lado mais fraco – o nosso.



Prêmio Apetesp 1996: Analy, Marcos Caruso, Roberta Bari (ao fundo), Antonio Ermírio de Moraes e Marcos Mendonça



## Capítulo XXIV

*Não sou herói do dia. A vida me obrigou a comparecer, sem convite, ao banquete.*

**Cassiano Ricardo**

Na Secretaria conheci o Efren Colombani, que viria a ser o meu grande aliado e um companheiro leal e querido. Advogado de formação, ele vinha dos movimentos de teatro amador do interior e conhecia todos os problemas dessa área. Juntos, depois de exaustivas reuniões, traçamos um plano de política cultural baseado no tripé: Formação, Produção e Circulação. O auxílio à produção cultural só se justifica quando essa produção é vista pelo maior número possível de espectadores. Pra isso, é preciso formar plateias e uma das maneiras de fazê-lo é estimulando o teatro amador.

Nossa primeira avaliação era de que esse movimento estava completamente desarticulado no interior do Estado e também na Capital. Foi aí que criamos o *Projeto Ademar Guerra*, que levou esse nome justamente porque era nos moldes daquele em que eu havia começado em Santo André, sob a orientação de Ademar Guerra. Consistia em mandar para o interior do Estado profissionais da mais alta competência

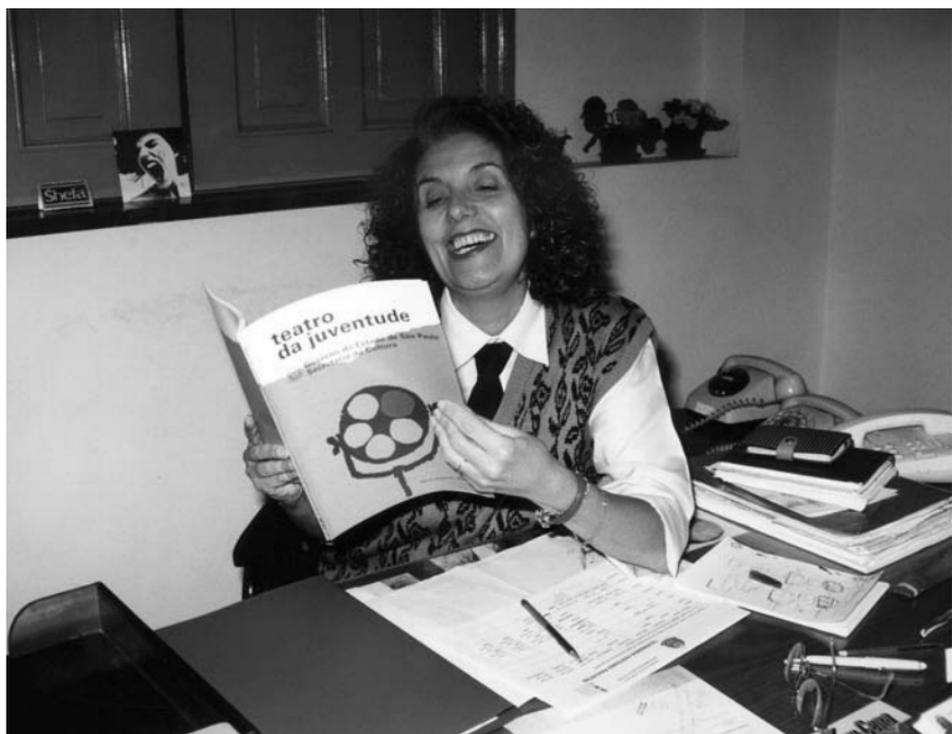
para orientar e formar grupos de teatro amador. Nenhuma novidade. Apenas vontade política e competência dos profissionais contratados.

Eram 36 diretores de teatro indo para o interior todo final de semana. Um luxo! O projeto era administrado e coordenado por Luiz Serra, que o levava com mão de ferro e coração de seda. E por isso, os resultados foram espetaculares. A grande dificuldade era e ainda é a circulação de material dramático. Não se editam peças de teatro no Brasil. Reeditamos então a *Revista Teatro da Juventude*, uma publicação criada nos anos 70 por Tatiana Belinky, na própria secretaria, e que havia sido abandonada.

204

Porque política tem dessas coisas: cada governo que entra acaba com tudo que o anterior havia feito. Comete-se um crime cultural a cada nova gestão. E essa revista era primorosa. Continha três textos teatrais e um artigo sobre alguma área afim. Isso melhorou sensivelmente a qualidade do Teatro Amador do Estado e fez surgir alguns grupos profissionais pelo interior.

Em seguida trouxemos o *Projeto Ademar Guerra* para a capital visando a atender núcleos da periferia que são verdadeiras cidades e estavam, até aquele momento, sem nenhuma ação cultural. No interior já havíamos lançado boas sementes.



*Secr. Estado da Cultura: lançamento da revista Teatro da Juventude*

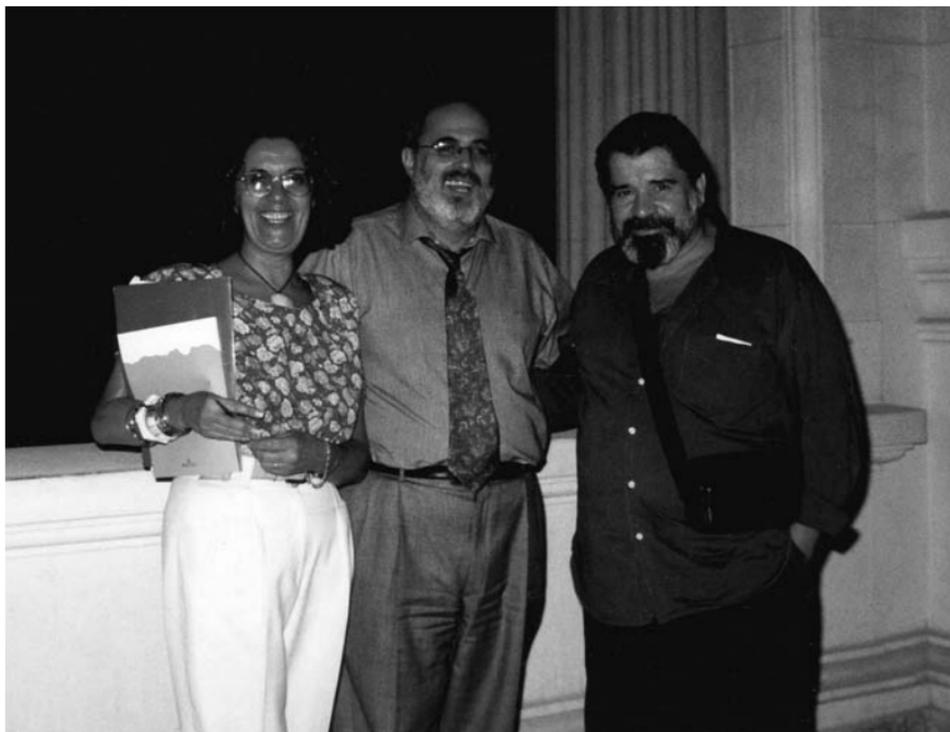
Conseguimos atender 120 grupos de teatro na periferia, concomitantemente, em zonas de profunda violência. Uma marca histórica! Foi um trabalho maravilhoso do Luiz Serra e da sua equipe. Ao final de cada ano apresentávamos a *Mostra Ademar Guerra* com essa moçada toda se apresentando no Teatro Caetano de Campos, com casas lotadas pelos outros participantes e debates e discussões após o espetáculo. Uma verdadeira festa da cultura. Alguns desses jovens profissionalizaram-se e estão trabalhando por aí. Vez por outra encontro um.

206

Como reforço para os jovens mais interessados, criamos cursos no Teatro Sérgio Cardoso com o Chico de Assis, que dava Dramaturgia; Zé Renato, Direção Teatral; Zécarlos Andrade, Cenografia e Figurinos; Murilo Alvarenga, Canto; e Clovis Garcia, História do Teatro. Uma verdadeira universidade!

Na minha opinião, o importante nesse tipo de projeto não é fazer e sim quem faz, e como faz. O sucesso repousa na seleção dos profissionais escolhidos. E para ter bons profissionais é necessário remunerá-los à altura. Com cachês *meia boca*, só se terão profissionais *meia boca* e aí o projeto não resulta.

Para o outro sustentáculo do tripé – o da produção, criamos os *Prêmios Estímulo Flávio Rangel*

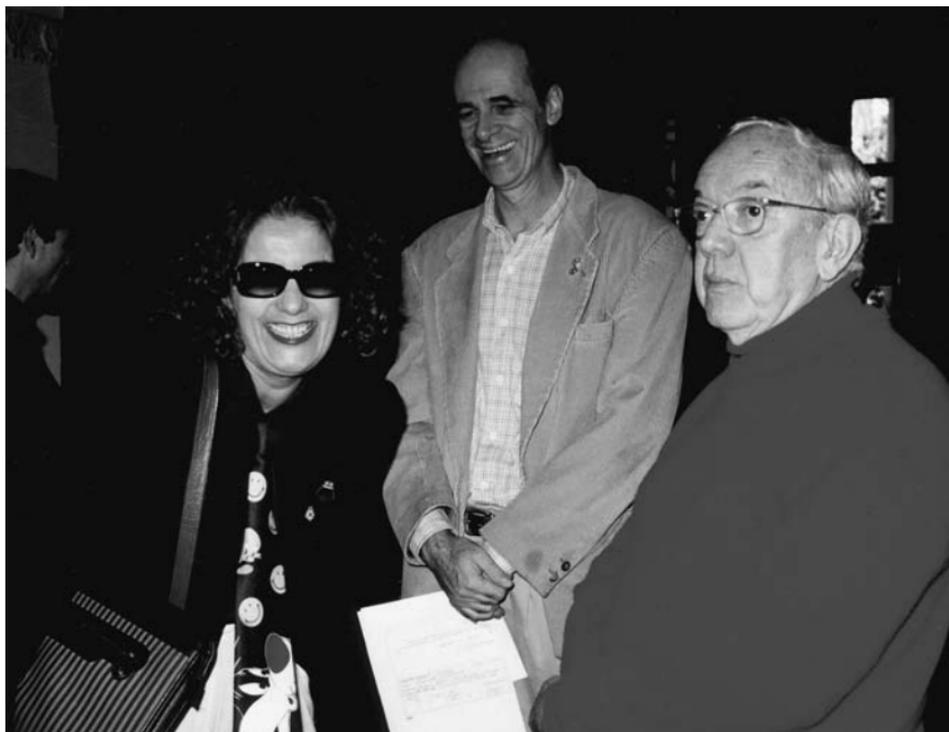


*Secr. Estado da Cultura: com Marcos Mendonça e Plínio Marcos*



*Secr. Estado da Cultura: lançamento do Prêmio Estímulo Flávio Rangel, com Miriam Mehler e Ariclê Perez*

e *Carlos Miranda*. Além disso, as campanhas de popularização com vendas de ingresso a preços reduzidos e subsidiados pelo Estado como: *Teatro é um Barato*, *Teatro por Um Real* e *Domingo no Teatro* ajudavam a manter as lotações. A circulação era atendida pelas *Caravanas Paulistas de Teatro*. Criamos ainda vários outros projetos como os *Prêmios de Dramaturgia Plínio Marcos para Teatro Adulto*, *Julio Gouveia para Teatro Juvenil* e *Tatiana Belinky para Teatro Infantil* e muitos outros. Dariam um livro à parte. Alguns desses sobreviveram, outros não. É uma pena.



*Secr. Estado da Cultura: lançamento da Campanha de Popularização de Teatro, com Marcos Caruso e Glauco Mirko Laurelli*

## Capítulo XXV

*Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.*

**William Shakespeare**

A Gastão Tojeiro cresceu, chegou a ter uns 30 sócios e vivia quase que exclusivamente das mensalidades, das rifas que vendíamos nos saraus e de um Livro de Ouro para a compra de alguns refletores. Apesar de ter desempenhado um papel importante naquele momento, como um centro de estudos e debates, e ter ganho três prêmios, nunca teve um único patrocínio, nenhuma verba de apoio, nenhum fomento. Nada! E olha que fizemos ciclos da maior importância.

211

Depois de ler quase todos os textos inéditos de autores paulistas, e também de alguns cariocas, começamos a fazer ciclos de estudos. Fizemos vários. Um dos que eu considero dos mais importantes foi o *Ciclo Lusófono*, quando lemos textos de autores de todos os países de língua portuguesa: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, além, é claro, de Portugal e Brasil.

O Timor estava em luta pela sua libertação e não nos foi possível conseguir nenhum texto.



*A turma da Gastão Tojeiro, em 2002: Luiz Serra, Neusa Velasco, Evill Rebouças, Analy, José Ferro, Ênio Gonçalves (1ª fila); Lourdes de Moraes, Eflen Colombani, Solange Moreno, Marcus Cardeliquio (2ª fila); Diaulas Ulisses, Mara Faustino, Inajá Bevilaqua, Annita Malufe, Pedro Pianzo, Lucia Capuani, Julia Bari, Vânia Barboni (3ª fila); Walter Mendonça, Ernê Vaz, Amaury Alvarez, Will Damas e Fernando Bezerra (em pé, atrás)*

Mas conseguimos Macau. O texto deles era uma paródia muito insipiente de Romeu e Julieta chamada *Romão c'ó Juleta*. Era muito engraçado ver aqueles chineses atenderem pelos nomes de Joaquim, Manoel... O evento era aberto pelo consul de cada país e eram servidas comidas típicas.

Também fizemos uma mostra de *Musicais Biográficos*, enfocando textos que retratavam artistas da música popular brasileira. Ali reunimos o texto do Ronaldo Ciambri sobre Carmen Miranda – *Uma Certa Carmen*; o do Renato Borghi sobre a Dalva de Oliveira – *A Estrela Dalva*; um do Zé Carlos Andrade sobre Ary Barroso – *Coqueiro que dá Coco*; um do Zeno Wilde, sobre Assis Valente – *Salve o Prazer*; dois do Plínio Marcos – um sobre Noel Rosa – *O Poeta da Vila e Seus Amores*, que o Sesi havia montado com Ewerton de Casto e eu havia feito a Ceci; e outro sobre Francisco Alves (ainda inédito) – *Chico Viola*; um texto de Julio Fisher sobre Isaurinha Garcia – *Personalíssima*, montado depois pela Rosamaria Murtinho; um de Lúcio Esper sobre Altemar Dutra – *Sentimental Eu Sou*, e o meu sobre Lupicínio, que na época chamava-se *Cabaré Lupicínio*, nome depois trocado para *A Noite não é mais a Mesma* e finalmente para *Nervos de Aço*.

Esse texto não é propriamente uma biografia. O que eu pretendi foi contar as histórias de amor

do Lupi, que o inspiraram e se transformaram em música. Passei quinze dias em Porto Alegre, junto com seu filho, Lupinho, que me apresentou os amigos remanescentes e os locais frequentados pelo pai, além de me disponibilizar todo o material existente. O resultado foi excelente.

Lupicínio era um apaixonado pelo amor. Qualquer caso virava paixão e, conseqüentemente, música. *Vingança*, por exemplo, ele fez para a *Carioca*, mulher da vida que ele conheceu num cabaré, se apaixonou e levou para viver num sítio nos arredores de Porto Alegre. Colocou um rapazote para vigiá-la. Descobriu depois que ela o traía com o rapazote. A música saiu de estalo. Mais tarde ela veio pedir pra voltar. Era carnaval. Ele, sentado a uma mesa de bar, fez *Nunca*. Dois clássicos da MPB.

214

Como disse Millor Fernandes, *essa mulher fez mais pela música brasileira do que qualquer outro*. Quando a eterna noiva, Ináh, cansada de competir com a boemia, lhe deu o fora, ele ficou arrasado. Meses depois, pra afogar as mágoas, foi a uma festa da Senhora dos Navegantes e lá viu nada mais nada menos que Ináh, jogando sua grinalda de noiva ao mar para pagar a promessa que havia feito à santa. Ináh havia se casado. Lupi saiu de lá desorientado. E veio pro centro da cidade, bebendo em cada bar que passava e a cada copo compunha um verso. Quando che-

gou ao Treviso, restaurante que frequentava, na zona do mercado, tinha acabado de compor *Nervos de Aço*.

Essa música fez tanto sucesso que, nos anos 50, foi encontrado um anúncio no jornal que dizia: *Precisa-se de empregada doméstica, que, por favor, não cante Nervos de Aço*.

Pois é, Lupicínio, como todo mundo sabe, continua sendo paixão nacional. E assim, a leitura não poderia deixar de ter sido um sucesso.

Fazer leitura de musicais é muito difícil, porque elas são cantadas. Requerem música ao vivo e atores cantores. O que não é fácil, num projeto sem dinheiro onde ninguém ganha cachê nenhum. Ainda mais nas leituras sofisticadas da Gastão Tojeiro, onde se montava com figurinos, cenários e tudo o mais. Nessa leitura usamos perto de 120 trajes. A peça atravessa as décadas de 40, 50 e 60, sem contar os cordões carnavalescos, a farra dos marinheiros e os cabarés. O resultado foi um verdadeiro espetáculo.

Eu tive a felicidade de ter o Guilherme Santana fazendo o Lupicínio jovem. Ator maravilhoso e cantor surpreendente, coadjuvado por de Aldo Bueno, outro ator/cantor dos melhores. O Lupicínio velho foi vivido pelo querido Antonio

de Andrade, que era muito parecido com o personagem. Além disso, um sobrinho do próprio Lupicínio conduziu o conjunto musical. Bem, o elenco tinha mais de trinta atores entre personagens e figurações.

O espaço ficou pequeno demais. O Café Teatro Sandro Poloni, que abriga mais ou menos umas 70 pessoas, acomodou umas 120 e muitas ficaram de fora. E aí? Que sucesso era aquele, meu Deus? Rapidamente reuni o elenco e joguei a pergunta: *Topam fazer outra sessão na semana que vem?* Unânimes, todos toparam. Assim, na semana seguinte, mais 120 pessoas. E mais gente do lado de fora. Aí já não podíamos repetir a dose. Muita gente não pôde entrar. Paciência. Guarnieri foi assistir e sentenciou: *Esse é o caminho do verdadeiro musical brasileiro*. Ouvir isso de um dos maiores atores e autores brasileiros, sem contar as belíssimas composições que criou para suas peças, me encheu de orgulho.

Até hoje eu batalho a montagem dessa produção. Difícil! Acho que Lupicínio merecia.

Outro ciclo que resultou num trabalho muito bom foi o de Circoteatro. O Antonio Santoro, um historiador de circo, nos orientou e nos cedeu material importante. Lemos *O Ébrio*, *A Ré Misteriosa*, *O Mundo não me Quis*, *O Céu Uniu Dois*

Corações. Foi uma revisão bastante interessante. Fernando Neves, um dos fundadores de um grupo de circoteatro contemporâneo – *Os Fofos Encenam* e cujo doutorado é sobre o melodrama circense, descobriu ali sua vocação.

*Apesar de ter nascido numa família circense, nunca tinha parado pra pensar se aquilo era arte ou não. Aluno de Décio de Almeida Prado, não conseguia imaginar como transformar aqueles textos da família em teatro. Até que a Analy me convidou para dirigir num Ciclo de Circoteatro, realizado pela Gastão Tojeiro. A princípio relutei, medo talvez. Mas nesse processo aconteceu algo de mágico: todas as memórias emergiram e o resultado mudou a minha vida artística. Hoje, com a Cia Os Fofos Encenam, desenvolvo uma pesquisa sobre o ator popular, tendo como referência o Circoteatro. Obrigado, Analy!*

217

**Fernando Neves**

Fizemos inúmeros ciclos, revisamos a dramaturgia brasileira de cabo a rabo, pesquisamos, montamos alguns espetáculos, enfim, trabalhamos muito. Cada um fazia a sua parte. É claro que a administração é o item mais complicado e nesse aspecto eu sempre contei com duas pessoas que foram verdadeiros baluartes da Gastão: Efren Colombani e Neuza Velasco.

Gastonino era como a gente chamava quem pertencia à Gastão Tojeiro, e apesar de muita gente ter passado por ela, apenas alguns permaneceram por mais tempo e ficaram até o fim. Além da Annita Malufe, o Luiz Serra, a Ernê Vaz e eu, que fomos os fundadores, permaneceram a Inajá Bevilacqua, Zécarlos Andrade, Efren Colombani, Neusa Velasco, Yara Grey, Lourdes de Moraes, Marcos Cardeliquio, Will Damas, Mara Faustino, Ênio Gonçalves, Pedro Pianzo, Lúcia Capuani, José Ferro, Vânia Barboni e Ascânio Furtado, que embora tenha chegado ao finalzinho, sempre se demonstrou amigo de todas as horas. Quase irmão.

218

Nós fazíamos reunião toda semana para decidir qual seria o texto lido na semana seguinte. Depois disso, a gente designava tarefas. Éramos organizados. Guardávamos num arquivo todos os textos lidos, os figurinos usados. Porque num determinado momento as leituras passaram a ser quase montagens, com objetos de cena, figurino, iluminação...

A Gastão acumulou um grande acervo de figurinos e adereços e um banco de textos considerável. Ela durou ininterruptamente de 1992 até 2003.



*José Ferro num momento da leitura dramática de A Última Pastorinha, de Raimundo Alberto, direção de Will Damas*



*A Última Pastorinha: Vânia Barboni, Eduardo Acayabe, Yara Grey e Solange Moreno*

## Capítulo XXVI

*Lição de cadeia fica. E muito mais fica a mancha que a cadeia deixa na vida do homem. Nunca sai direito. O tempo nem sempre lava.*

**Thiago de Mello**

Um dos momentos mais marcantes dos meus anos de Secretaria foi a criação e montagem do espetáculo *Lembrar é Resistir*.

Pela comemoração dos 21 anos da Anistia, o Belisário dos Santos, Secretário de Justiça do Estado, convidou o Silnei Siqueira para dirigir um evento no Teatro São Pedro. E o Silnei me procurou.

221

Como o Belisário havia passado o antigo prédio do Dops para a Secretaria da Cultura para transformá-lo num Memorial da Resistência, achei que podíamos juntar as duas coisas. O Dops tinha sido uma importante prisão da ditadura militar e muitos intelectuais e artistas paulistas haviam sido presos e torturados naquela casa dos horrores. Aquele prédio era um símbolo de todo o autoritarismo e opressão dos anos de chumbo. O local estava em péssimas condições, cheio de entulho já meio descaracterizado, mas ainda havia quatro celas que tinham permanecido intactas. O Silnei, a princípio, achou estranho,

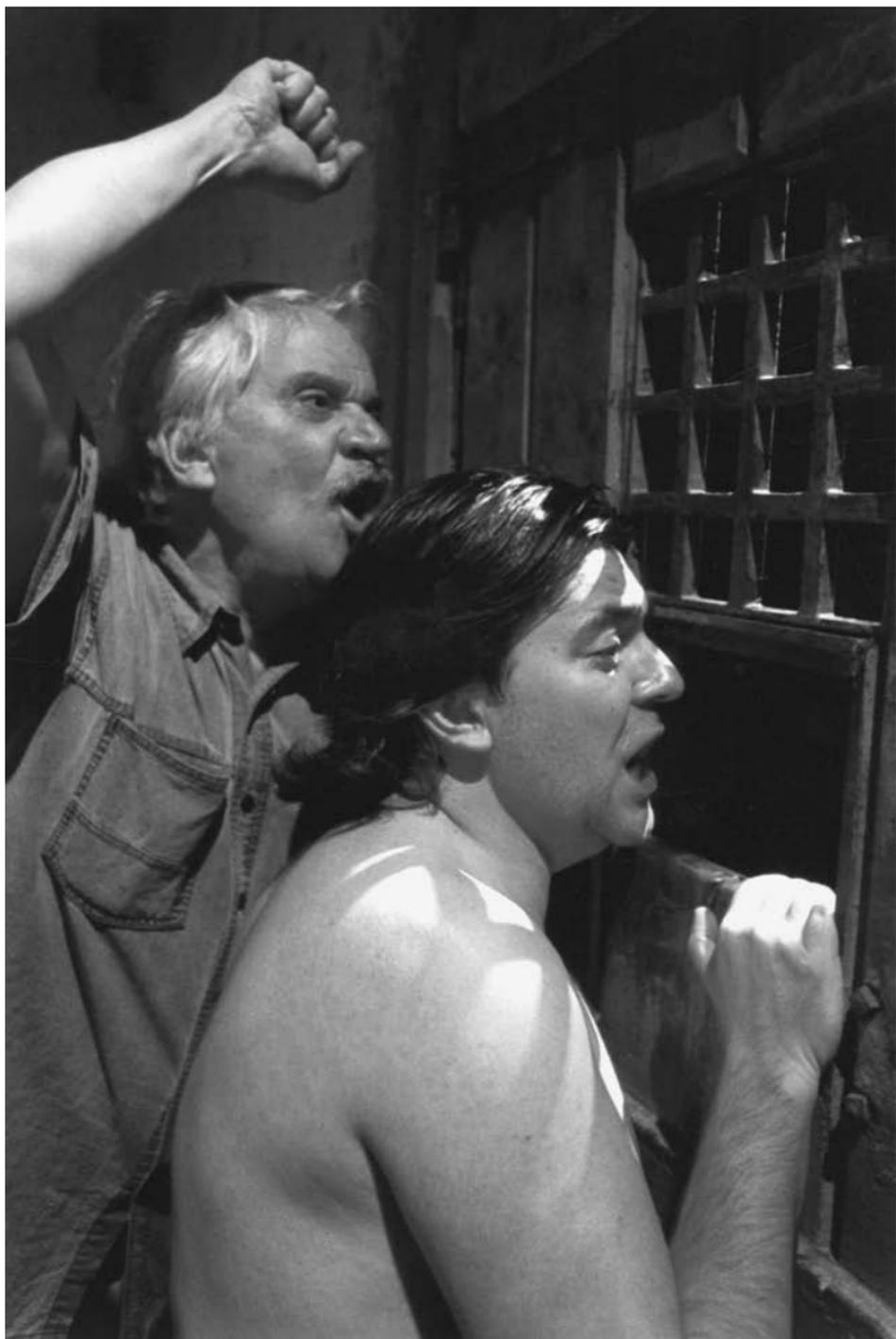
mas topou. O Belisário e o Marcos Mendonça embarcaram na aventura.

Devido à falta de tempo, era impossível escrever um texto inteiro. Então fizemos a opção de homenagear autores que haviam sofrido censura e prisão durante o regime militar, e escrever apenas uma costura para esses textos. Assim juntamos *Ponto de Partida*, do Guarnieri, que considero um dos textos mais bonitos da nossa dramaturgia e que fala da morte do Herzog; *Missa Leiga*, do Chico de Assis, dois poemas do Drummond e dois do Thiago de Mello que falavam de liberdade. Convidei o Isaias Almada para colaborar porque, afinal, ele havia estado preso lá e tinha a fluência necessária para o texto. Convidamos vários atores ex-presos do Dops, mas apenas a Nilda Maria aceitou. Ela ia representar na mesma cela onde havia ficado presa. Não era fácil.

222

Além dela, o elenco contava com Mauro de Almeida, Luiz Serra, Lutti Angelelli, Lourdes de Moraes, Pedro Pianzo, Norival Rizzo (que depois foi substituído por Walter Breda, que também foi substituído dessa vez por Amaury Alvarez), Neusa Velasco e outros.

Enquanto o Silnei ensaiava numa sala, eu comandava a limpeza do espaço para transformá-lo o



Lembrar é Resistir: Luiz Serra e Luti Angelelli

mais próximo possível no que havia sido. Eram pequenas reformas. O resto, a própria história do lugar se encarregaria de completar. Montamos o espetáculo em quinze dias e aquilo que era pra ser um evento de um dia só, acabou ficando dois anos em cartaz.

A convivência ali, naquele local de triste lembrança e com aquele astral, não foi fácil. Nem com missas, rezas e velas. O espaço era mesmo muito carregado. Acho que fomos heroicos em aguentar dois anos.

224

O ingresso era uma reprodução da verdadeira ficha do Dops e na entrada as pessoas tinham que colocar suas digitais para serem fichadas, como se elas estivessem sendo presas. Além disso, dois guardas (Mauro de Almeida e Emerson Caperbá), começavam a interrogar o público e depois o conduziam por um corredor estreito para onde davam as portas das quatro celas. Em cada uma, os presos (atores) espiavam assustados a passagem das pessoas. O público era trancado na primeira cela onde acontecia a primeira cena, depois era conduzido para a segunda e assim por diante. O ambiente era úmido, escuro, com uma iluminação muito benfeita pelo Nezito Reis.

A emoção era tão grande que tinha gente que passava mal. Tivemos que colocar uma ambulância



*Coquetel de 1º aniversário do espetáculo Lembrar é Resistir, com Marcos Mendonça*

na porta. As pessoas se envolviam, abraçavam os atores, diziam palavras de conforto do tipo *coragem companheiro*, como se elas estivessem fazendo parte da história ali, naquele momento.

As colegas de cárcere da Nilda foram assistir. E de repente se viram juntas no mesmo lugar onde haviam vivido dias tão horríveis. Dom Paulo Evaristo Arns, que tantas vezes havia entrado lá para tirar presos, foi na estreia. O Augusto Boal veio do Rio especialmente para ver a peça. A emoção era tanta que a Ruth Escobar não aguentou e teve que sair.

226

A peça foi tão marcante que o Nelson Xavier assistiu e nos pediu para montar a peça no Rio de Janeiro, no Dops de lá. Não cheguei a ver essa montagem e nem tive referências da sua temporada.

É claro que houve uma certa resistência e não só da direita, que não queria mais falar naquele assunto, mas também da esquerda radical. Afinal, um trabalho de tal envergadura estava sendo feito pelo governo do PSDB. Era como se tivéssemos roubado alguma coisa, uma ideologia que era privilégio de uma esquerda que se pretende dona da verdade. A classe teatral não prestigiou muito, não. Era uma iniciativa para ter ganhado prêmio. Teve um certo boicote, acho inegável.

## Capítulo XXVII

*Não se ponha o sol sobre a vossa ira.*

**Carta aos Efésios – São Paulo**

Nesta mesma época, o Walter Avancini me chamou para escrever *Mandacaru* na TV Manchete e novamente eu disse: *eu não sou uma, sou dois. O Zeno escreve comigo.* Lá fomos os dois para o Rio de Janeiro acertar com o Avancini. Nós escreveríamos aqui e mandaríamos o disquete com os capítulos por um mensageiro, de avião. Acredite se quiser. Era assim. Ainda não tinha internet. A Secretaria me exigia tempo integral, por vezes até as 22 horas. Então varava as noites escrevendo. Nós tínhamos um colaborador ótimo, que era o Evill Rebouças, mas mesmo assim esse trabalho estava exigindo muito de mim.

227

E o Avancini discutia com a gente pelo telefone, dizia que queria isso, queria aquilo... queria que escrevêssemos assim... assado... Era uma pessoa insuportável. Ele tinha uma novela na cabeça e não sabia dizer o que queria. Então, escrevíamos por tentativas. O capítulo ia e vinha, várias vezes e então ele resolveu que teríamos que ficar no Rio, trabalhando ao lado dele. Ele ditava e nós escrevíamos. Para fazer ditado ele só precisava de uma estenógrafa e não de autores. E eu tinha

avisado que não podia morar no Rio. O Zeno me disse que, se eu saísse, ele sairia comigo, mas na hora da reunião, ele ficou.

Até entendo que um salário daquele não podia ser desprezado, mas a maneira como aconteceu é que foi desagradável. Faltou lealdade e isso é terrível numa amizade. Ele acabou escrevendo um pedaço da novela, mas depois ficou doente. Um câncer no mediastino. O Zeno era tão saudável e de repente...

228

Desde então eu nunca mais tinha falado com ele. Um dia não aguentei e liguei. Choramos muito ao telefone. Foi muito doloroso. Uma amizade como a nossa não podia terminar assim, mas havia, de todo modo, uma rachadura. A amizade é como porcelana: você pode juntar os pedaços quebrados mas a marca sempre fica. Eu tinha esperanças de que o tempo se encarregasse de fazer tudo voltar como era antes, mas não deu.

Sempre que a gente brigava, ele dizia que não iria embora enquanto a gente não ficasse numa boa de novo. Ele dizia que não podia dormir com raiva de alguém. Isso nunca saiu da minha cabeça e adotei como uma norma. Tivemos um único encontro muito emocionado pouco antes de ele morrer. E eu nunca mais escrevi novelas.

## Capítulo XXVIII

*A pátria é estar vivo. (Abre a palma da mão onde está uma bolinha de vidro) Esta bolinha é algo que se tem ou não se tem. Mas só aquele que a tem a tem. Isto é a pátria.*

**Fala da peça *O Outono do Patriarca*  
Do livro homônimo de Gabriel García Márquez**

O ano de 2003 foi terrível para mim. Contrariando todas as expectativas, o Geraldo Alckmin, eleito governador do Estado, muda todo o seu secretariado e o Marcos deixa a Secretaria de Cultura. Foi uma injustiça muito grande. Afinal, o Marcos havia feito um trabalho histórico: Sala São Paulo, Dops, Pinacoteca, Museu da Língua Portuguesa, Projeto Ademar Guerra, Projeto Guri, sei lá mais quantos projetos haviam sido criados na sua gestão. Em outros tempos, todos os artistas teriam protestado, feito abaixo-assinado, passeata, panelaço. Mas agora, com a classe tão nitidamente dividida... É claro que com a saída dele, todos nós que éramos cargos de confiança, saímos também.

Eu que vinha numa atividade frenética na Secretaria de Cultura, fazendo projetos e mais projetos, de repente me vi em casa, sem ter o que fazer. Ana Amélia, a filha que morava comigo,

estava na Espanha fazendo um curso de línguas que duraria seis meses. Eugênia já vivia no interior há algum tempo. Havia ido estudar Zootecnia em Jaboticabal e jurou que nunca mais voltava pra loucura da metrópole. Abriu um restaurante em Rio Claro e estava por lá, feliz da vida.

Eu e o Serra sozinhos em casa, meio perdidos nesse espaço e desacostumados com as tardes vazias. Um cineminha vez ou outra, um pouco de leitura, um filme na TV e depois? Eu instigava o marido – *Monta uma peça. Um monólogo. Algo simples e barato, calcado apenas no seu talento de ator. Vou escrever um monólogo pra você.*

230 Olhei em torno, buscando inspiração, porque afinal de contas eu nunca havia escrito de encomenda, muito menos monólogo. Meus textos são, quase sempre, femininos, quase sempre falando de algo que conheço, enfim... por onde começar? Aí, me deparo com o livro do Gabriel García Márquez, *O Outono do Patriarca*. Nós também estávamos vivendo um outono, de certa forma, e idade para fazer um patriarca o Serra já tinha. Então pensei, *pode ser por aí*. Vou dar uma olhada.

Esse romance do mago Gabriel García Márquez é estupendo. É o primeiro romance escrito por ele depois de *Cem Anos de Solidão*. Apaixonei-

me perdidamente e me atirei de corpo e alma a uma adaptação para o teatro. Tarefa nada fácil. O universo do autor é fantástico, mas ao mesmo tempo tão real! Ele não fala tradicionalmente da saga dos ditadores latino-americanos. Não. Ele fala da solidão do poder. O patriarca velho, tão velho que já nem sabe o quanto, algo entre os 107 e 232 anos, no outono de sua vida.

É o próprio retrato do poder. O poder ancião e carcomido pelos urubus, desmemoriado e solitário, dono de muitas vidas e muitas mortes, distante da realidade de seu povo, mal informado, que erra sempre nas decisões, mas decide sempre no sentido de afirmar-se e perpetuar-se. E o que é o poder? O que o gera e o alimenta? O Patriarca quer o poder pelo poder, sem nem mesmo sabe por que o tem. *O poder é um pequeno peixe vivo que se toma nas mãos e só se tem se ele vivo mas dominado cabe no fundo da palma da mão.*

231

Foi um trabalho insano, mas imensamente prazeroso. Era preciso escolher algumas dentre as inúmeras situações grandiosas e teatrais. Eu queria todas. Manter o realismo fantástico do autor também não foi tarefa fácil e transformar esse romance num monólogo demonstrou-se impossível. Os personagens são riquíssimos como a mãe, Bendicion Alvarado, que pinta os passari-

nhos vivos com aquarelas de cores berrantes, e o seu sócia, Patrício Aragonês, a quem ele estrofia para que tenha os pés avantajados como os seus. A jovem Manuela, Rainha da Beleza, tão linda que carrega uma rosa iluminada nas mãos e por quem ele se apaixona. As criadas cujas saias vivem levantadas pra que ele possa servir-se quando lhe aprouver. O General Rodrigo de Aquilar, seu braço direito de quem ele passa a desconfiar e então o entrega numa bandeja com uma maçã à boca, como um leitão, num jantar para seus correligionários. E tanto outros...

232

Bem, o texto ficou lindo! Consegui uma fidelidade impressionante. Mas... de monólogo, como era a pretensão inicial, a peça acabou com 22 personagens e alguns figurantes. Como montá-lo? Impossível. O Serra contentou-se em fazê-lo numa leitura muito bem-sucedida na Gastão. Fiquei devendo o monólogo. Até o Paulo Autran, pra quem mandei uma cópia se assustou: *O texto é maravilhoso, adoraria fazer esse personagem, mas hoje em dia não podemos mais produzir um espetáculo desse tamanho.*

E mais um texto foi pra gaveta.

## Capítulo XXVIX

*O Criador do Universo e das estrelas excedeu-se quando inventou a dor.*

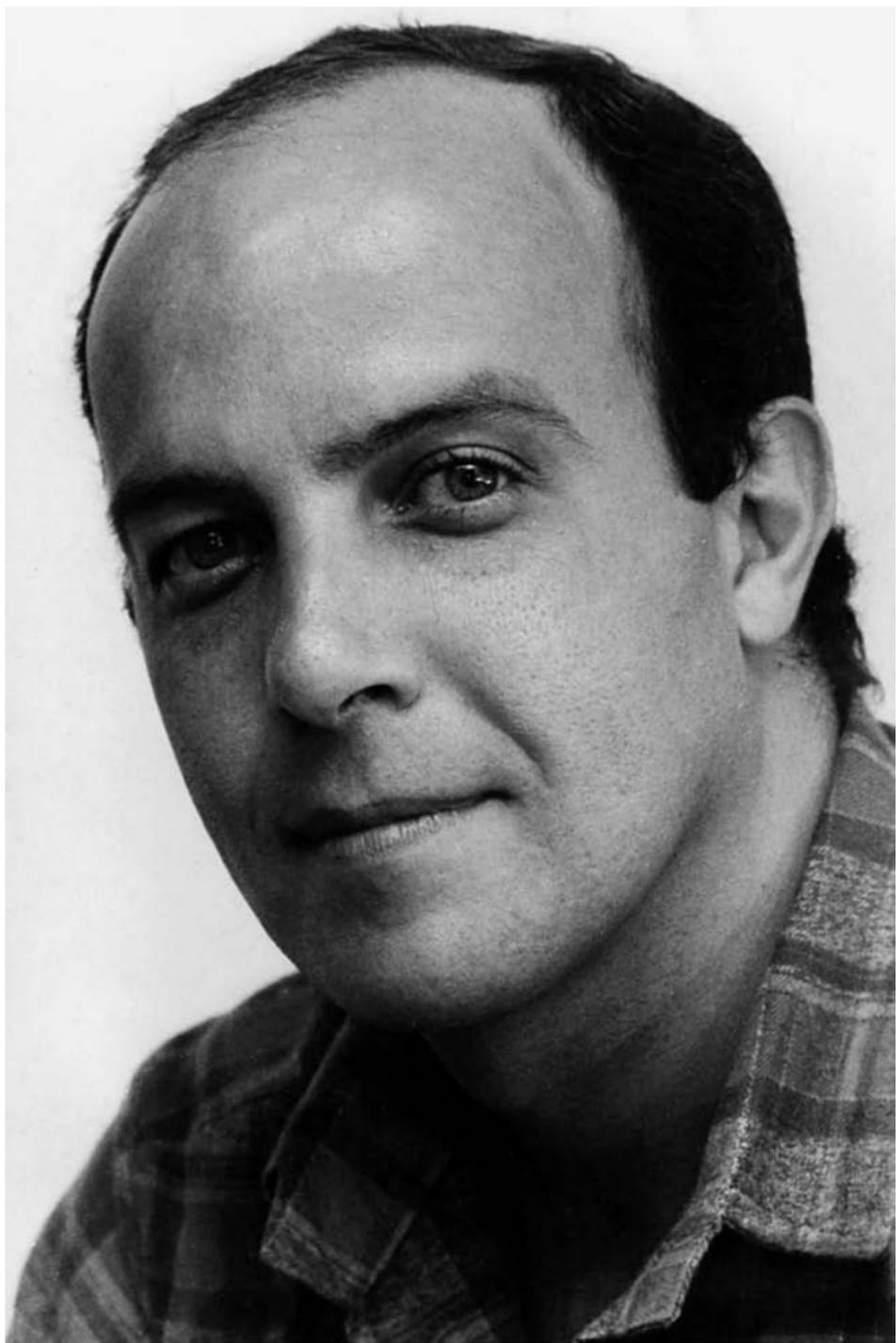
**Omar Khayan**

Para completar o ano negro, o meu irmão ficou doente. Foi detectado um câncer no intestino com metástases no fígado e na parede do aparelho digestivo. Foi demais pra mim. Ele tinha 52 anos, era um homem bonito, simpático, de uma generosidade inigualável. Era o que se pode chamar *um homem bom!*

Quando alguém me pergunta se eu já conheci um homem bom, eu digo: já, o meu irmão.

233

Era um excelente ator. De uma sensibilidade extrema e grande generosidade cênica. Ele já fazia teatro no colégio quando o Antonio Petrin o convidou para *Os Fuzis da Senhora Carrar* no Grupo da Scasa, em Santo André. O mesmo onde eu havia começado alguns anos antes. E daí pra frente ele não parou mais. Dirigiu peças no próprio colégio, fez *A Guerra do Cansa Cavallo* de Osman Lins, com direção do Celso Nunes, *Sonhos de uma Noite de Verão*, de Shakespeare, com direção de Kiko Jaetz, e outras tantas. Também trabalhou muito na TV



*O irmão querido, Amaury Alvarez*

Cultura, naqueles telerromances dos anos 70.  
O galã da emissora.

Era nove anos mais novo que eu e isso me colocava um pouco na posição de irmã e mãe. Ele nasceu de oito meses, muito fraquinho e eu ficava ajudando a cuidar dele, embalando, cantando pra ele... Sempre fomos muito unidos e o fato de termos a mesma profissão nos aproximou mais ainda. Quando soube que a doença dele era irreversível, eu perdi o pé. Não queria, não podia aceitar. Outra vez eu me deparando com a terrível certeza da morte e outra vez questionando a existência de Deus. *O Amaury não, Deus, por favor! Ele não! Meu irmão querido, meu único irmão. Já se foram o pai e a mãe, mas o irmão não, oh Deus, não faz isso!*

235

Mas Ele fez. Em novembro de 2003, alguns dias depois de seu aniversário, meu irmão se foi. Graças a Deus minha filha já tinha voltado.

O funeral do Amaury me deu a exata dimensão do quanto ele era querido. Nunca vi velório tão cheio de gente. Parecia que ele era uma celebridade. Também na missa de 7º dia a igreja lotada. Casa cheia, como costumamos dizer no teatro. Ele teria ficado contente, e a mim fez muito bem.

Depois, na inauguração do Centro Cultural Amaury Alvarez, em Taboão da Serra, escrevi este texto em homenagem a ele:

*Amaury era um artista simples que dedicou sua vida ao palco. Representando, dirigindo, ensinando. De mansinho, sem alarde. Que acreditou que a glória de sua profissão resumia-se em viver com toda a emoção, os efêmeros instantes de uma representação. E foi isso que ele fez em seus 52 anos de vida, 35 dos quais dedicados ao teatro. Sua vida foi assim: o efêmero instante de uma representação. Afinal, ele foi um artista simples. Apenas um simples artista.*

236 A Gastão Tojeiro também foi profundamente afetada com a morte dele. Ele havia sido uma figura de destaque nos trabalhos da sociedade nesses anos todos. Some-se a esse fato um certo desgaste do grupo – foram 11 anos de leituras semanais ininterruptas e sem remuneração. Naquela altura, as leituras tinham virado quase montagens, com cenários, figurinos, trilha sonora, iluminação, tudo. O desgaste era grande e somado ao desgaste emocional ficava impossível continuar. Por isso resolvemos parar.

## Capítulo XXX

*Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos.*

***Tecendo a Manhã,*  
João Cabral de Melo Neto**

É, 2003 foi um ano de grandes transformações. Parece que as coisas nunca vêm isoladas. Ou é um pacote de boas notícias ou uma enxurrada de desgraças. Mas como eu sempre digo: *Deus nunca dá um fardo maior do que o que podemos carregar.* Então, lá vamos nós com o nosso fardo.

Meu amigo Zécarlos Andrade se encarregou de me tirar da depressão: convidou-me para dar aulas de Laboratório de Montagem e Interpretação na Faculdade Paulista de Artes, onde ele é o coordenador do curso de Artes Cênicas. Zécarlos é uma pessoa muito especial. Graças a Deus vivo cercada de pessoas assim. Nós nos conhecemos quando fizemos juntos *Tome Conta de Amelie*, e depois nos reencontramos na Gastão Tojeiro. E aí nossa amizade se solidificou. Não somos aquele tipo de amigos grudados, que vivem saindo juntos e trocando confidências, mas ambos sabemos que se um precisar, o outro estará lá. Te amo, cumpadre.

Dou aulas duas noites por semana pra uma única turma e minha tarefa a cada semestre é montar uma peça com os alunos. Na verdade funciono mais como diretora teatral do que como professora, mas, depois de tantos anos de experiência, tudo que a gente faz acaba virando aula. Tudo é referência. Aproveito na faculdade tudo que eu aprendi nesses 40 anos de profissão. Nunca pensei que fosse gostar tanto de dar aula. Ensinar é mais do que despejar teorias como se você fosse o dono da verdade. É compartilhar, trocar, contribuir para fazer o outro melhor. É abrir possibilidades, instigar, questionar, comparar... É transformar a informação em conhecimento.

238

Adoro esse trabalho, conviver com esses jovens que me lembram sempre a jovem que eu fui um dia e por isso acho que os compreendo e os admiro. Alguns seguem com a gente pela vida afora. Esses, eu convidei para retomar a Gastão Tojeiro. Acho que eles, com sua juventude e talento, podem trazer a Gastão à tona outra vez.

Nesses anos na Faculdade Paulista de Artes, trabalhei com vários semestres diferentes e em cada um a ementa exige que as montagens obedeçam a um determinado período da história do teatro. Mas ultimamente tenho me fixado no 6º semestre, cuja ementa pede Teatro Brasileiro. Assim fiz *Arena Conta Zumbi*, do Guarnieri, *Homens*

*de Papel*, do Plínio Marcos, *O Berço do Herói*, do Dias Gomes, *Bonitinha, mas Ordinária*, do Nelson Rodrigues e um texto meu, *Polacas*.

As turmas da faculdade são sempre grandes no 6º semestre e via de regra o número de alunas é muito maior que o de alunos, diferentemente do meu tempo de estudante onde a minha classe tinha dez homens e cinco mulheres. Encontrar textos brasileiros com grande número de atrizes é sempre uma aventura difícil. Assim, o meu texto sobre as polacas caía como uma luva.

Ele tinha originalmente seis personagens femininas, mas eu via grandes possibilidades de ampliação. O texto trata de um horrível episódio histórico do começo do século XX, quando uma máfia de judeus denominada Svi Migdal, desenvolve um grande tráfico de escravas brancas para a América do Sul, fundamentalmente Argentina e Brasil. Essa máfia extremamente organizada, seduzia mulheres judias no Leste Europeu, miserável e devastado pela guerra, com promessas de casamento e vida farta e livre nas Américas.

Apaixonadas e esperançosas, elas embarcavam e já no navio ficavam sabendo da triste realidade. Aqui eram jogadas em prostíbulos de quinta categoria e obrigadas a prostituir-se. A comunidade judaica escondeu esse episódio por décadas e

décadas e isso só começou a vir à tona nos anos 90, com algumas publicações de judias corajosas dispostas a pôr a boca no trombone.

Foi por meio de uma delas que eu tomei contato com o assunto. Algumas dessas *polacas* ainda existiam até há pouco tempo, confinadas em asilos, escondidas do mundo. O escritor Moacyr Scliar conta que, como médico, dava atendimento num desses asilos onde uma dessas mulheres, já em idade bastante avançada, pintava-se toda no dia da visita dele e fazia-lhe caras e bocas na tentativa de seduzi-lo. É, o uso do cachimbo faz a boca torta.

240

Baseada nessa experiência do escritor, ambientei a minha peça, de início, num asilo que vai se alternando com o bordel à medida que a protagonista começa a contar a sua história. É um excelente exercício para atrizes, porque elas têm que ir e vir no tempo, entre passado e presente, sem nenhum truque de maquiagem nem de figurino. Apenas na interpretação.

Essa peça foi montada em 2000 e agora era preciso reescrevê-la para atender as 14 atrizes e os 10 atores que eu tinha que colocar em cena. Voltei ao material de pesquisa, pincei depoimentos contundentes e verídicos que antes só me haviam servido de referências, e ampliei consideravelmente o bordel onde se passa a maior parte da ação. Isso

tinha tudo para não dar certo. O risco de inchar a peça, torná-la discursiva, entrópica e cansativa era enorme. Mas o tema é forte demais e as histórias dessas mulheres extremamente comoventes.

É claro que foi necessário enxugar certas cenas para poder ampliar outras. Consegui costurar tudo direitinho. A peça é um musical e para isso contei com a ajuda do maestro Mauricio Mangini, professor de música da faculdade, e do Felipe, um dos alunos que é coreógrafo profissional. Ficou muito melhor que a versão original. Muito melhor. Fiquei até com vontade de montá-la novamente.

*... talvez a Analy queira apenas propor mais um método de interpretação, mas ao fazê-lo com tanta paixão, conhecimento e sensibilidade, ela nos transforma. Em seu processo não criamos apenas determinada personagem. Mais, por meio dessa criação, refletimos sobre nossa própria vida e anseios, crescendo como seres humanos. Assim, tornamo-nos agentes sociais, instigados pela nossa função e responsabilidade artística. Ela se envolve, indigna-se, se sensibiliza e se emociona... Essa é a Analy que conhecemos. Não sabemos como ela foi, apenas como ela é.*

*Obrigada por tudo.*

**Suas alunas e pupilas Adreísa Cangussú,  
Danielle Borges e Fernanda Oliveira.**



*Lançamento do Núcleo de Teledramaturgia da TV Cultura,  
no Teatro Municipal, com Nilton Bicudo e Tônia Carrero*

## Capítulo XXXI

*Não são os postos que honram os homens, são os homens que honram os postos.*

**Agesilau**

Em junho de 2004 o Marcos Mendonça assume a presidência da TV Cultura e me leva para trabalhar com ele. De repente me vejo reativando e chefiando o departamento de teledramaturgia. Estou outra vez diante de um desafio. Outra vez diante de uma grande tarefa. E outra vez com grande disposição e energia. Numa TV sem dinheiro e sem infraestrutura nenhuma, não dava pra fazer muita coisa. Mas eu me lembrava dos teleteatros e telerromances dos anos 70, quando a Nydia Licia havia comandado o departamento e sabia que ali tinha um material muito bom.

243

A Nydia é uma atriz e diretora italiana, que foi casada com o Sérgio Cardoso, com quem fundou o Teatro dos Doze e depois o Teatro Nydia Licia, hoje Teatro Sérgio Cardoso. Ela realizou, na TV Cultura, um trabalho extraordinário.

Sem dinheiro nem estrutura para começar algo novo, decidi recuperar este trabalho. Montei um núcleo com a Mariana Guarnieri, o Efrén Colombani, o Eduardo Acaiabe e o Atílio Bari, e

começamos a assistir e selecionar o material. Os teleteatros dirigidos pelo Antunes Filho são ainda hoje referência de uma boa televisão. Antonio Abujamra, Fernando Faro e Ademar Guerra também têm lá trabalhos extraordinários.

Os teleteatros e telerromances foram todos digitalizados e reexibidos, acompanhados de debates e discussões, contextualizando-os e inserindo-os nos dias de hoje. Esse material tem importância muito grande, porque traz para o público televisivo o melhor do teatro universal. Ali estão Ibsen, Tennessee Williams, Lorca, Eugene O'Neil, Singe, Strindberg e tantos outros. Que outra oportunidade o telespectador terá de assistir a essas obras?

244

O Marcos falava muito em transformar a Cultura numa TV mais popular, que atingisse as classes mais pobres e que tirasse um pouco aquele ranço elitista que ela tinha. Por outro lado, eu não podia fazer nada parecido com a telenovela, porque a nossa falta de recursos e de estrutura não permitia. Qualquer comparação seria catastrófica. Então, criamos o *Senta que Lá Vem Comédia*. Eram comédias brasileiras que haviam feito sucesso no teatro, gravadas no palco do Teatro Maria Della Costa, com plateia rindo de verdade (nada de risos enlatados). A ideia era passar para o telespectador a sensação de que



*Episódio de estreia do programa Senta Que Lá Vem Comédia, na TV Cultura, com o texto Defeito de Família, de França Jr.: Amanda Acosta, Arlette Montenegro, Marcos Mendonça, Analy, um dos músicos, Luiz Serra e John Herbert (a partir da esquerda)*

ele estava no teatro, com aquela emoção viva que só o teatro tem.

O ingresso era gratuito. Formavam-se filas enormes na porta do teatro, para retirá-los. Fizemos 27 episódios. Uma verdadeira história do Brasil contada a partir do seu teatro. Desde Martins Pena até Marcos Caruso e Jandira Martini. Tínhamos uma audiência muito boa, de 5 a 7 pontos no Ibope, se considerarmos a média da emissora que só dá traço. Isso desagradou muita gente lá dentro. Afinal, era um trabalho benfeito, se levarmos em conta todas as dificuldades (costumávamos dizer que nossas câmeras ainda eram movidas a lenha), mas com uma visão popular. Para os eruditos isso era uma heresia e eles caíram matando. Sem contar os inimigos que o Marcos tinha.

246

Uma das peças gravadas foi o meu texto *Você tem Medo do Ridículo, Clark Gable?* A peça fala de duas atrizes já velhas que estão na Casa do Ator e relembram um mesmo homem, que elas amaram no passado. Uma foi casada com ele, mas a outra, se descobre depois, tinha sido amante dele. E este homem também chega para esse asilo, já sem o encanto do passado.

Para esta montagem tive a suprema felicidade de conseguir para esse papel o Gianfrancesco



*Sônia Guedes e Gianfrancesco Guarnieri no episódio Você Tem Medo do Ridículo, Clark Gable?, de Analy Alvarez, no programa Senta Que Lá Vem Comédia, da TV Cultura*

Guarnieri. Ele já estava doente na época e trabalhando muito pouco. Mas foi lindo! Quando ele entrou no palco, a plateia toda o aplaudiu de pé. Ele teve que esperar uns dois minutos para começar sua fala. Quando saiu de cena, perguntou para o Serra, que fazia o motorista do asilo: *O que aconteceu? Que plateia é essa? Isso é ensaiado?* E o Serra respondeu: *Não Guarnica, é o seu talento, o seu prestígio.* E ele, naquela simplicidade que lhe era peculiar, respondeu: *Tudo isso?*

248

Quando a peça terminou e ele voltou para os agradecimentos, a plateia o saudou de pé numa ovação. Fiquei muito feliz por ter sido com um texto meu que o Guarnieri teve esse tributo. Ele merecia.

Com todos os urubus de casaca agourando, não pudemos dar continuidade ao programa no ano seguinte. Havia uma corrente que defendia a compra de enlatados, pode? Então parti para outra experiência que me seduzia. Procurei o Antunes com a proposta de dar-lhe uma curadoria de um projeto de teleteatros nos moldes dos que ele havia feito nos anos 70. Eu convidaria diretores de teatro, com experiência teatral, com vivência teatral, conhecimento teatral e fundiria tudo isso com a linguagem televisiva. Ainda acredito que a mistura de teatro e TV é um caminho.

Antunes adorou a ideia e selecionamos uns dezesseis diretores para uma primeira experiência. Dali saíram uns oito para, efetivamente, participar do projeto que chamamos de *Direções*. Por sugestão do próprio Antunes procuramos a parceria com o Sesc, o qual ele é ligado. Essa parceria não foi fácil e quando eles finalmente entraram no projeto, meio aos trancos e barrancos, nós já tínhamos essa primeira fase quase que completamente concluída.

Mas, inesperada e infelizmente, o Marcos não emplacou a segunda gestão e o projeto foi por água abaixo. Parece que continua, mas sem o rumo previsto anteriormente e que ia fazer dele um acontecimento. Eles nem sabem direito quais eram as propostas e nem os objetivos que deveriam ser alcançados. Outra vez a política atropelando a cultura. É sempre assim: os cadáveres vão ficando insepultos.



*Com Paulo Autran, na TV Cultura, em 2005*

## Capítulo XXXII

*Estive muito tempo fora do mundo, mas agora estou voltando.*

**Dona Yayá, na hora da morte  
Da peça *Fora do Mundo***

Como já havia acontecido anteriormente, fiquei em casa, sem fazer nada. Quer dizer, sem fazer nada é modo de dizer, porque eu ainda tinha a Faculdade e a Apetesp, que me toma um tempo danado. Mas pra quem vivia a tensão e a correria de uma televisão, isso eram férias. E já que eram férias, resolvemos ir visitar a filha que estava morando na Espanha, agora fazendo seu mestrado em Relações Internacionais.

251

Fui à Galicia, conheci os primos de minha mãe, a casa onde meu avô havia nascido, vi as duas macieiras que restaram, fui a Barcelona e depois a Andaluzia. Ah, Andaluzia! A Granada de Lorca! O Albaicin, Alhambra... Certa vez uma numeróloga disse que eu tinha um carma em Granada. Não sei bem o que isso quer dizer, mas que tem alguma coisa tem, porque Granada mexeu comigo. É o lugar onde eu gostaria de viver. A cidade tem um astral, uma aura, não sei, alguma coisa diferente de todas as outras. Enfim, esse foi o passeio da minha vida. É assim. Depois de

certa idade a gente aprende a fazer limonada dos limões que a vida nos oferece.

Na volta, voltei a escrever. Propus ao Chico, o de Assis, eterno mestre, uns encontros dramatúrgicos nas terças à tarde para encontrar outra vez o estímulo perdido no corre-corre da televisão. Foi o que eu precisava. Estimulada pelas aulas, elaborei um projeto sobre D. Yayá, figura interessantíssima, antiga moradora da Bela Vista, o meu bairro e, portanto, quase minha vizinha não fosse a diferença de alguns anos.

252

Eu pretendia lançar uma luz sobre o preconceito contra as doenças mentais no início do século XX e contra as mulheres declaradamente independentes. D. Sebastiana de Mello Freire, também conhecida como D. Yayá, uma das damas mais ilustres da sociedade paulistana dessa época, foi enclausurada durante 40 anos em sua própria casa, vítima desse preconceito.

*Uma mulher sozinha (órfã de pai e mãe aos 12 anos de idade), obrigada a administrar uma das maiores fortunas de São Paulo, é tomada de medos e inseguranças que a levam a comportamentos estranhos para a época, como por exemplo a recusa ao casamento. Os primeiros laudos sobre seu estado mental nos dão a dimensão da camisa de força tecida pela*

*moralidade burguesa do início do século para delimitar o papel feminino.*

*Baseados no histórico de vida e em observações do comportamento da jovem, os médicos avaliam uma organização psíquica desarmônica, reveladora de uma predisposição latente para desarranjos mentais. Ela é enclausurada em sua própria casa (convenientemente preparada para isso), onde vive durante 40 anos. Seus primos começam então uma luta pela herança, mas ela sobrevive a todos. Para esses portadores do mito de enriquecer sem esforço, a longevidade de Yayá foi um desaponto. Ao morrer com 74 anos, D. Yayá deixa uma fortuna considerável que é decretada jacente e devolvida para o Estado.*

253

O grande desafio que se impunha era justamente tentar entender como essa mulher, enclausurada aos trinta e poucos anos, conseguiu sobreviver a tudo isso. Que pensamentos, que dores, que angústias perpassavam os seus dias? Sabemos que durante os delírios afloravam desejos e fantasiosas culpas produzidas por exigências sociais e por uma educação dogmática e repressiva. Ela batia-se contra as paredes, feria-se com objetos e farpas, dizia improperios, proclamava-se partidária dos aliados da Primeira Grande Guerra, repetia continuamente que era *católica, apostólica, romana*, rasgava a roupa, chorava,

cantava, queixava-se de ser ameaçada de morte e de violação, chamava pelo filho que julgava ter tido, imaginava amamentá-lo e embalá-lo. Tudo isso foram atitudes observadas por terceiros. Pelos que cuidavam dela com paciência e carinho.

Mas, o que ocorria na alma? Qual era o seu mundo, o seu universo? Que pensamentos, que lembranças, que personagens embalavam o seu pequeno mundo restrito a apenas uma ala da casa, constituída de três quartos e banheiro e um corredor gradeado, onde ela tomava sol e por isso era chamado de *solarium*?

254

Montei o projeto tendo como fonte uma monografia editada pela Comissão de Patrimônio Cultural da USP sobre *A Casa de Dona Yayá*, que havia sido incorporada ao patrimônio da universidade e restaurada após longos e exaustivos estudos. Esse projeto ganhou uma Bolsa num Edital de Dramaturgia da Secretaria de Estado da Cultura e eu escrevi *Fora do Mundo*.

A peça se passa num único dia. O último dia de vida dessa mulher. Ela já doente (faleceu vitimada por um câncer de útero) é visitada por todos os fantasmas que fizeram parte de sua vida, principalmente pela própria Yayá, quando jovem. Esse *truque* teatral da personagem velha que fala com ela mesma quando jovem

é que nos permite entender a dialética de um personagem controverso e complexo, vítima de uma esquizofrenia que só podia se agravar pelo próprio tratamento.

Uma mulher à beira da morte que revê sua trajetória e se culpa a si mesma, ao seu outro *Eu*, por ter sido imprudente e ingênua, levando-a à condição na qual se encontra hoje. É uma profunda discussão de identidades. Dois *Eus* que se digladiam. Uma exposição do subjetivo acima do objetivo.

Todos os personagens, evidentemente, só existem na cabeça doente dessa senhora, cansada e debilitada, e que até a hora da morte tenta entender por que a puseram ali, por que a enclausuraram, por que a trancafiaram e que, nos últimos minutos, encontra a lucidez.

Adorei fazer esse trabalho. Estou agora à procura de uma atriz corajosa, que tope o desafio. Essa peça não pode ser mais uma na gaveta.



*Foto atual*

## Capítulo XXXIII

*Eu poderia suportar, embora não sem dor,  
que tivessem morrido todos os  
meus amores, mas enlouqueceria se  
morressem todos os meus amigos!*

**Fernando Pessoa**

Não sou saudosista, absolutamente, mas depois dos 60 anos é inevitável sentir saudades. Saudades da beleza e da coragem da juventude; saudade do colo da mãe; do abraço do pai; saudade do futuro que ainda estava tão longe e onde cabiam tantos sonhos, promessas, projetos... E, principalmente, saudades dos amigos queridos que se foram tão cedo e que não tiveram, como eu, o privilégio de envelhecer, como...

257

**Ivete Bonfá** – amiga e irmã, com quem dividi tantos momentos bons e outros nem tanto. Nos conhecemos fazendo *A Cozinha* e dali pra frente trabalhamos juntas várias vezes. Ivete era uma atriz em tempo integral – dentro e fora do palco. Extravagante, excêntrica, exótica. Morreu de vaidade. Uma lipoaspiração malfeita a levou de nós aos 50 anos.

**Regina Guimarães** – com quem morei por um tempo na General Jardim, quando voltei do Rio.

*Regina, boca de régua!*, dizia Paulo Hesse por conta de seus lábios finos que lhe davam uma expressão severa. Regina era ótima. Uma companheira e tanto. Era assessora do Beto Simões, o querido Beto Batata, na administração do Teatro Paíol no tempo de Miriam Mehler e Perry Salles.

**Roberto Azevedo** – ator piracicabano formado pela EAD, um pouco antes de mim. Um dos primeiros amigos que fiz na minha carreira profissional. Fizemos juntos *Esse Ovo é um Galo*, *Artimanhas de Scapino* e depois *O Homem de la Mancha*. Segurou algumas das minhas barras nos tempos de Rio de Janeiro. Nunca perdeu o jeitão simples e ingênuo do interior o que lhe conferia um charme todo especial.

258

**Zeno Wilde** – com quem eu não tinha nenhuma afinidade pra nada: sempre gostei da noite e ele do dia – levantava cedo e se recolhia cedo. Eu sempre tive amigos da minha idade – ele sempre gostou de gente jovem. Sou um bom garfo, Zeno não gostava de comer. Gosto de uma cervejinha, ele não bebia, só fumava. E como! Mas na dramaturgia éramos almas gêmeas. Eu adorava escrever com ele. Fizemos juntos duas novelas. Era um prazer discutir, às vezes, durante horas, uma ou outra técnica ideal para determinada cena. E ele fumando e fumando. Fumou tanto que acabou arranjando um câncer mortal.

Nestes tempos de tão escassa dramaturgia boa ele faz uma falta danada.

**Antonio de Andrade, o Tonhão** – que eu conheci no Teatro Popular do Sesi quando fizemos *O Noviço* e depois *O Poeta da Vila e seus Amores*. Quando estava em Recife, excursionando com *Camas Redondas...* eu e Serra fomos a Caruaru conhecer uns tios de Tonhão. Ele havia me dado o endereço e insistido para que fôssemos lá. *Tio Sabino* nos levou pra conhecer a casa onde Tonhão havia nascido, num lugar distante da cidade numa barroca chamada Borda da Mata. Naquela hora senti um imenso orgulho dele e de ser amiga dele. Ele havia saído dali e vencido sozinho em São Paulo. Grande Tonhão! Corintiano fanático, brigava com meu irmão, Amaury, santista doente, toda vez que os times se enfrentavam. Devem continuar brigando lá em cima. Era apaixonado pelo meu texto sobre Lupicínio, que ele defendeu tão bem numa leitura pública. Pra mim ele será sempre meu eterno Lupicínio.

**André Loureiro** – ator que conheci em Belo Horizonte quando fazia *Greta Garbo...* Ele era lindo! De fechar o comércio, como diria Nelson Rodrigues. Meses depois voltei a Belô como sindicalista para promover a abertura do Sindicato dos Artistas de lá. Precisávamos ter 5 sindicatos no País para termos uma Federação

ou Confederação, não lembro bem, e só tínhamos os sindicatos daqui e do Rio de Janeiro. Loureiro foi meu cicerone. Arregimentou toda a classe, me levou a fazer uma palestra no Teatro Universitário, que era dirigido por Haydèe Bittencourt, e me ajudou a convencer Pedro Paulo Cava e J. D'Angelo a fundar o sindicato mineiro. Em seguida conseguimos o do Paraná e do Rio Grande do Sul. Depois ele veio fazer teatro em São Paulo e foi a minha vez de apresentá-lo à classe. Produziu, atuou, escreveu. Era um apaixonado pela profissão.

260

**Paulo Molière** – carioca, veio a São Paulo como assistente de cenografia de José Dias para o espetáculo *Não Explica que Complica*, no qual eu trabalhava. Foi quando nos conhecemos. Ficamos amigos e ele nunca mais voltou ao Rio para morar. Era um carioca de alma paulista. Aqui se estabeleceu como camiseiro e passou a viver disso. Ainda hoje vejo algumas de suas camisas vestindo atores por aí. Nos meus tempos de vacas magras vendi muita roupa de sua confecção, a *Domínio Público*. Ambos sobrevivemos disso por algum tempo. Paulo foi um dos fundadores da Gastão Tojeiro e seu secretário por muitos anos. A Gastão era sua vida. Tinha por ela uma dedicação ímpar. Parceiro generoso e leal, era dono de um mau humor que ele transformava em chiste

e usava como ninguém. Quando ele partiu, foi como se a Gastão tivesse perdido o coração.

**Lu Martan** – mineiro até a medula. Excelente ator e um figurinista de mão cheia. Tinha uma loja de confecção feminina ali na rua Costa, porque, como dizia – *pra viver de teatro só não dá, né colega!* Eu o conhecia desde os meus tempos de sindicato, quando ele fez parte de um movimento que se chamou *Zero Hora* e foi, com o grupo, me procurar por alguma razão que já não me lembro. Mas dele eu não esqueci. Depois nos reencontramos na Gastão Tojeiro e nossa amizade se estreitou. Escrevi para ele um papel na novela *Razão de Viver* – um chofer da grã-fina vivida por Joana Fomm e que se chamava Alípio, como o meu pai.

261

Se eu tivesse certeza de que existe esse tal lugar do lado de lá, esse grande campo verde e calmo onde as pessoas caminham lentamente vestidas com longas túnicas brancas e onde, provavelmente, essa turminha anda fazendo um bom teatro, eu nem teria tanto medo de partir quando chegasse a hora. Daqui a muitos e muitos anos. Mas como não acredito muito nessa história, acho melhor ficar por aqui mesmo e apenas curtir essa saudade, que já sabe como se ajeitar em mim e já não dói. É apenas saudade.



*Ana Amélia e Eugênia, em foto recente*

## Capítulo XXXIV

*A melhor maneira de ter bons filhos é fazê-los felizes.*

**Oscar Wilde**

Nenhuma das minhas duas filhas quis ser atriz. Quando pequenas, adoravam ir para o teatro comigo e com o pai. Ficavam fazendo lição no camarim enquanto a peça corria no palco, e depois gostavam de entrar em cena quando o espetáculo terminava pra viver aquele mundo de mentirinha que o cenário proporciona. Ana Amélia ficava fascinada pela mágica das falsas paredes, presas atrás por sarrafos. Até achei que ela iria no mínimo enveredar pelo ramo da cenografia, levava jeito, mas depois de um ano fazendo duas faculdades ela desistiu de arquitetura e seguiu relações internacionais.

263

Quando eu fazia *Navalha na Carne*, as duas ficavam esperando para comer o sanduíche de mortadela que sobrava da cena. E não adiantava comprar um igualzinho pra elas. Era o da Neuza Suely que elas queriam. E depois, no camarim, brigavam com o Roberto Rocco porque havia batido em mim em cena. Tudo se misturava naquelas cabecinhas. Certa vez a Eugênia, com dois anos de idade, assistindo da coxia, no colo

da babá, a uma cena minha de *Camas Redondas...* na qual eu falava *p... que p...*, gritou sem pudor: *Mãe, não pode falar palavrão, viu?* A plateia veio abaixo.

Lá pelos anos de 1984 ou 1985, mais ou menos, Eugênia estava na quarta série e Ana Amélia na pré-escola. Elas estudavam no Colégio Passalacqua, ali na Ruy Barbosa, e eu me ofereci para fazer um espetáculo com a classe da Eugênia. O colégio tinha um teatrinho razoável que só era usado nas festinhas de fim de ano – umas *pecinhas* com total falta de conhecimento e criatividade. A classe inteira quis entrar no projeto.

264 Escolhi o texto de Maria Clara Machado – *A Bruxinha que era Boa*, e fiz dois elencos, dado o número grande de alunos. Como Ana Amélia ia comigo aos ensaios (sábados e domingos à tarde), é evidente que quis participar e então fui obrigada a criar uma bruxinha pra ela. Era a *Bruxinha Xinha*, com poucas falas, porque ela ainda nem sabia ler e decorava apenas com a repetição dos ensaios. É claro que ela chamou a atenção, devido à sua pouca idade. E não deixou por menos. Deu um baile de desinibição e espontaneidade. *Vai ser atriz, dizem. Está no sangue.*

O trabalho ficou muito bom, as crianças melhoraram seu relacionamento de grupo, todas

passaram de ano e muitas acabaram vencendo a timidez. No ano seguinte eu tinha a escola inteira querendo participar. Fui obrigada a fazer três espetáculos: *O Patinho Preto*, de Walter Quaglia, com as crianças da classe da Ana Amélia; *Tribobó City*, de Maria Clara Machado, com a turma da Eugênia; e *Libel, a Sapateirinha*, de Jurandir Pereira, com a turma da terceira série. As outras mães ajudavam na produção e os pais na cenografia e iluminação. Mas a experiência teatral das minhas filhas acabou ali.

Apesar de toda essa intimidade com o palco, ou até por causa disso, elas não quiseram saber da profissão. Ainda bem. A profissão de ator está cada vez mais se tornando menos profissão e mais diletantismo. Não tem aquela história do cara que perguntou para um ator: *O que você faz? Sou ator*, respondeu o outro. *Mas em que você trabalha?*

Pois é...



*Foto atual*

## Capítulo XXXV

*É preciso muito tempo para se tornar jovem.*

**Pablo Picasso**

Acho que eu e o Serra encontramos nestes trinta anos o equilíbrio necessário para a vida a dois. É difícil, principalmente no nosso meio, um casal viver junto por tantos anos. E ainda mais um casal como nós: dois gênios difíceis, duas pessoas de temperamentos libertários e extremamente diferentes, artistas com carreiras independentes. Contrariando todas as expectativas, aqui estamos nós, juntos há 30 anos.

267

Acho que a vida muito independente que tivemos antes, nos dá esse equilíbrio. Conseguimos construir uma sólida vida familiar e vivemos juntos de maneira prazerosa e agradável. É claro que brigamos. E muito! Ainda mais agora, que estamos ficando velhos e rabugentos. É claro que reclamo dele, e com razão, e ele reclama de mim. Provavelmente com razão também. Mas gostamos de viver juntos.

Nestes trinta anos tivemos momentos difíceis e angustiantes. Todo casal tem. Lutamos juntos contra todos os monstros que ameaçam um relacionamento e lutamos um contra o outro

muitas vezes também, ameaçando o casamento. Tivemos vários obstáculos a transpor, várias lutas a vencer. E conseguimos fazê-lo juntos. Sempre. A sabedoria está, acho eu, na compreensão do limite do outro. Até onde eu posso e até onde ele pode. Avanços e recuos. No mais é saber se ajeitar nas arestas do outro. Tolerar não é sinal de fraqueza e sim de amadurecimento. Nós construímos sonhos juntos e o sonho é um alimento fantástico para a durabilidade do casamento.

268

Um de nossos sonhos, conquistado com muito trabalho e muita luta, é um pequeno paraíso que cultivamos com extremo cuidado e carinho – nossa pequena casa de praia. A casa de fato não é muito grande, mas possui 600 metros de jardim que tem sido o meu orgulho. Adoro jardinagem e me dedico integralmente a ela quando vou pra lá. Apesar de estar situada numa das mais belas praias do litoral norte, eu quase não saio de casa quando estou lá. Só frequento a praia mesmo no verão. No resto do ano cuido do jardim. E olha que vamos pra lá quase todo final de semana!

Virei frequentadora assídua do CEASA às sextas-feiras pela manhã, quando tem lá o mercado de plantas e flores. Fiz um curso de jardinagem e entrei de corpo e alma nessa nova atividade. Que prazer enorme chegar lá e ver as orquídeas floridas, presas ao tronco das palmeiras que la-

deiam o caminho do portão até a casa: brancas, amarelas, laranjas, lilases, vermelhas. Na frente do terraço, e sob as janelas dos quartos, gardênias brancas respondem por um maravilhoso perfume durante todo o mês de outubro. No muro lateral, impera o amarelo das almandas e lá na frente, próximo à entrada, é a vez das primaveras vermelha, fúcsia, lilás e rosa.

Sem contar a imensidão das musaendas rosas que escondem as janelas dos quartos das meninas. Elas quase não têm folhas, só flores. São enormes cachos como hortênsias gigantes pendendo de um arbusto até pequeno pra tanta beleza. Tem ainda moreias brancas, tremeluzindo como borboletas ao vento, exrórias vermelhas que florescem o ano todo, e mais uma infinidade de flores que nem o nome sei. Sob a janela da cozinha cultivo manjeriço, hortelã, salsinha e orégano, e noutra parte do jardim colhemos limão, jaca, pitanga, laranja, banana, e agora um pequeno pé de graviola e outro de fruta-do-conde que ainda não deram frutas. E tudo isso plantado por mim! Com a ajuda, é claro, do seu Pedro, o jardineiro de plantão.

O Serra cuida das samambaias penduradas a uma grande árvore em frente à churrasqueira e alimenta as orquídeas com a vitamina indicada. No canto esquerdo, pouco abaixo da casa, fizemos uma

pequena fonte que jorra água pela boca de um leão manso. Tão manso que em sua juba nasceu uma bromélia estranhíssima – dela pendem em cachos, cordões amarelo-alaranjados, formando uma franja na testa do pobre leão. Ao redor da fonte, outras bromélias permanecem impassíveis. Imperiais. Ignorando totalmente as hortênsias que se exibem na parte ensolarada do muro.

270

Adoro ler ali, reclinada na espreguiçadeira e ouvindo o barulhinho da água que sai da boca do leão. Já o passatempo do Serra é dar restos de frutas para os passarinhos e vê-los saltitar pelo jardim, tão perto, mas tão perto que daria para pegá-los se quiséssemos: sabiá, tié-sangue, maritaca e uma infinidade de outros que nem o nome sei.

Quantas vezes penso em ir embora pra lá, definitivamente. Morar no paraíso. Sair dessa São Paulo violenta. Brinco sempre que quero me enfiar numa calça de moletom azul-marinho que de tão velha ficou roxa, uma camiseta dessas de propaganda de político (do Mário Covas, que foi a última que usei), um chapelão de palha, uma sandália havaiana e ficar por lá. Acho que essa é a verdadeira liberdade que, infelizmente, ainda não conquistei.

O fato de estar à frente da Apetesp ainda me obriga a ter certos vínculos com determinadas questões, estar presente a discussões e, com isso,

ainda assistir espetáculos de deslealdade, de oportunismo de mau-caratismo. Estou cansada disso tudo. Não sei se é assim em outros ramos de atividade, mas na nossa, as pessoas não evoluem. Ainda não aprenderam que é somando que se constrói. Ainda acreditam no mito da divisão pra poder aparecer, pra poder ganhar. A mesquinha-ria ainda reina absoluta no nosso meio. Isso tudo é muito triste e me faz, cada vez mais, me voltar pro meu jardim. Lá não há disputas. Tudo está em perfeita harmonia. Mas isso não quer dizer, absolutamente, que eu esteja desistindo. Não!!! Só acho que está na hora de outra virada, não sei qual. Como tantas que dei em minha vida.

Minhas expectativas de futuro são muito simples: quero fazer tudo que ainda não fiz e um pouco mais. Dizem que aos 67 anos a gente não pode sonhar muito com o futuro porque ele encolhe a cada dia, mas eu sonho. Quero viver até os 120 e na ativa. Já disse que meu epitáfio será: *Aqui jaz a mulher mais velha do mundo.*

Gosto muito da vida e não quero ir embora. Gosto tanto que não quero ser enterrada nem cremada. Quero ser embalsamada, pra poder ficar por aqui mais tempo. Já pedi aos amigos que me coloquem, toda segunda-feira, numa cadeira no Piolin com um copinho de cerveja na mão. Pra continuar bebendo com eles até onde

for possível. O Piolin ainda é o nosso ponto de encontro. É claro que, agora, não vamos lá todas as noites, mas apenas às segundas. Já não temos mais fôlego pra mais do que isso.

Ainda pretendo escrever muitas peças. Se vão ser montadas ou não, é outro problema, mas eu vou continuar escrevendo. É claro que todo autor quer ver suas peças montadas, mas eu não sei correr atrás, não sei divulgar meu trabalho. Não mostro minhas peças, não ofereço pra ninguém. Também não tenho mais pique para produzir. De tudo que escrevi, apenas umas cinco ou seis foram montadas. As outras continuam inéditas. Mas um dia, a coisa acontece.

272

Hoje existe uma tendência pra comédia, textos leves, poucos personagens... e eu não sei fazer isso. Descobri que não tenho humor pra escrever. Meu humor, eu derramo todo na vida. Gosto de vasculhar, esmiuçar, entender o ser humano. Esse é o meu barato. Escrevo por prazer, para manter minha mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo, como diz a música do meu amigo Walter Franco. O resto é consequência.

Também sonho muito em ser avó, mas não depende de mim. A hora que isso acontecer acho que largo tudo e vou babar pelos netos. Vou ser só avó!

Será?

*A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, viva-a intensamente antes que as cortinas se fechem e a peça termine sem aplausos!*

**Charles Chaplin**

**FIM**



## Cronologia

### Prêmios

#### 2008

- Prêmio Novos Textos de Dramaturgia  
Secretaria de Estado da Cultura – SP  
Com o texto *Fora do Mundo*

#### 1999

- Indicação de Melhor Autora pelo texto *Polacas*  
– Prêmio Apetesp – Associação dos Produtores  
em Espetáculos Teatrais do Estado de São Paulo
- Prêmio Cidade Belo Horizonte – Concurso  
Minas Gerais  
1º lugar com o texto *A noite não é mais a mesma*  
(novo título para a peça “Cabaré Lupicínio”)
- Menção Honrosa no XV Festival de Teatro Ama-  
dor da Cidade de São Paulo pelo apoio cultural

275

#### 1997

- Prêmio Incentivador do Teatro oferecido pela Fe-  
deração Paulistana de Artistas Amadores – Fepama

#### 1995

- Prêmio Álvaro de Carvalho – Fundação de Cul-  
tura de Santa Catarina  
1º lugar com o texto *Cabaré Lupicínio*

## 1994

- Prêmio Maurício Távora – Concurso de Dramaturgia do Paraná

1º lugar com o texto *Você Tem Medo do Ridículo, Clark Gable?*

- Prêmio Minas de Cultura – categoria teatro – Prêmio Grande Otelo

Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais  
1º lugar com o texto *Senhora dos Anjos*

- Prêmio Estímulo Bolsa de Dramaturgia

Secretaria de Estado da Cultura – SP

Com o texto *Polacas*

276

## 1993

- Prêmio Aplauso – conferido pelo Sated – Sindicato de Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão – SP

pela Criação da Sociedade Lítero Dramática  
Gastão Tojeiro

- Prêmio APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte

pela Criação da Sociedade Lítero Dramática  
Gastão Tojeiro

- Prêmio Shell – pela Criação da Sociedade Lítero Dramática  
Gastão Tojeiro

## 1989

- Indicação de Melhor Atriz por *Navalha na Carne* – Prêmio Apetesp

## 1988

- Mulher Cultura-88 – Homenagem da Prefeitura de São Caetano do Sul, no Dia Internacional da Mulher

## 1967

- Prêmio Chinitta Ulmann – Escola de Arte Dramática de São Paulo, melhor atriz do curso

## Atividades

277

Faculdade Paulista de Artes – FPA  
Professora de Interpretação e Laboratório de Montagem desde 2003 onde dirigiu os seguintes espetáculos teatrais:

## 2009

- *Bonitinha, mas Ordinária*, de Nelson Rodrigues – Prêmio de Melhor Atriz para Maíra Sera
- *Homens de Papel*, de Plínio Marcos – Prêmio de Melhor Ator para Elton Pinheiro e de Melhor Atriz para Daniela Souza

## 2008

- ***O Berço do Herói***, de Dias Gomes  
– Prêmio de melhor atriz para Grace Deres
- ***Yerma***, de Federico García Lorca  
– Prêmio de melhor atriz para Fernanda Oliveira

## 2007

- ***As Polacas***, de Analy Alvarez – Prêmio de Melhor Atriz para Elaine Grava
- ***Arena conta Zumbi***, de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal

## 2006

- ***As Bruxas de Salém***, de Arthur Miller – Prêmio de Melhor Atriz para Tatiana Corsi e Thelma Luz, e de Melhor Ator para Rodrigo Bianchini

## 2005

- ***Três Vezes Tchecov***, de Anton Tchecov – Prêmio de Melhor Ator para Sidnei Ferreira
- ***Os Tecelões***, de Gerard Hauptamm

## 2004

- ***Ralé***, de Máximo Gorki – Prêmio de Melhor Ator para Leonardo Navas
- ***Ponto de Partida***, de Gianfrancesco Guarnieri – Prêmio de Melhor Ator para Denílson de Castro Souza

**2003**

• ***Não Come Nem Deixa Comer*** – adaptação do texto – El Perro del Hortelano, de Lope de Vega

**TV Cultura – Fundação Padre Anchieta**

Criadora e Coordenadora do Núcleo de Dramaturgia (2004/2007) onde realizou:

**2006/2007**

• ***Direções – Um Novo Olhar na Teledramaturgia*** – série de 16 teleteatros com proposta de renovação da teledramaturgia

**2006**

• ***Antunes Filho em Preto e Branco*** – reexibição de 16 teleteatros dos anos 1970, dirigidos por Antunes Filho, em PB, com linguagem diferenciada

• ***Grande Teatro em Preto e Branco*** – reexibição dos melhores teleteatros dos anos 1970, todos em PB, enfocando vários encenadores

**2005**

• ***Senta Que Lá Vem Comédia*** – série de 27 teleteatros gravados ao vivo no Teatro Maria Della Costa, experiência única no gênero

- **Recuperação e digitalização do acervo de dramaturgia da emissora**

2004

- **Oficina de Teledramaturgia** sob direção de Chico de Assis

**Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo**

Assessora de Artes Cênicas, de 1995 à 2002, onde realizou os projetos abaixo:

- **Reinstalação e Coordenação das Comissões Especializadas** (Teatro, Circo, Dança, Cinema, Música, Artes Plásticas, Fotografia, Filatelia, Numismática, Rádio, TV e Vídeo)

- **Artista Convida Artista** – integração entre os artistas plásticos e os produtores teatrais para confecção de cartazes de espetáculos

- **Revista Teatro da Juventude** (Edição bimestral contendo artigos e textos teatrais para apoiar artistas amadores e universitários)

- **Projeto Ademar Guerra**, de formação teatral, atuando na capital e interior atendendo em média cem grupos de teatro amador e estudantil por ano

- **Prêmio Estímulo Carlos Miranda**, de estímulo à produção amadora

- ***Prêmio Estímulo Flávio Rangel***, de estímulo à produção profissional
- ***Campanha de Popularização do Teatro*** – programa de barateamento do custo do ingresso de teatro mediante subsídios do Estado
- ***Praças da Cultura*** – transformação das praças da Sabesp em redutos culturais aos domingos, com biblioteca ambulante, ateliê de pintura, leituras dramáticas com a população, etc.
- ***Projeto Ação Dramática*** – recapacitação de profissionais com aulas de apoio em Cenografia, História do Teatro, Dramaturgia, Direção e Canto para atores.
- ***Domingo no Teatro e Teatro por R\$1,00*** – programas de formação de plateia com ingressos disponibilizados ao público a R\$ 1,00 e subsidiados pelo Estado
- ***Caravana Paulista de Teatro*** – programa de circulação de espetáculos pelo interior
- ***Prêmios: Tatiana Belinki, Júlio Gouveia e Plínio Marcos*** – Concurso de textos inéditos respectivamente de dramaturgia infantil, juvenil e adulta

- **Montagem do espetáculo *Natal na Praça***, de Henri Ghéon, para ser apresentado pelas praças públicas da periferia da cidade por ocasião das festas natalinas

- **Projeto *O Teatro de Todos Nós*** – o qual reuniu todos os espetáculos em cartaz sobre Nelson Rodrigues para um mês de apresentações no Teatro Sérgio Cardoso

- **Projeto *Lembrar É Resistir*** – Idealizadora, produtora e administradora do espetáculo *Lembrar É Resistir* no prédio do antigo Dops. O espetáculo é um resgate da história da repressão no Brasil

282

**Apetesp – Associação dos Produtores de Espetáculos Teatrais do Estado de S. Paulo**

Cargo de diretora, desde 1992

**Apart – Associação Paulista de Autores Teatrais**

Cargo de diretora, de 1993/1998

**Câmara Municipal de São Paulo**

**1993**

- Assessora de cultura do vereador Marcos Mendonça

### **Sociedade Lítero Dramática Gastão Tojeiro**

Fundadora em 1992 e presidente até 2008

Coordena os Saraus Dramáticos nos restaurantes: Cantina Orvieto em 1992, Restaurante Eduardo's em 1993 e 1994, onde funda o *Espaço Cutural Eduardo's*, inaugurado com o espetáculo *No Melhor da Festa*, de sua autoria, Cantina do Meia Meia em 1995 e Espaço Sandro Polloni, no Teatro Maria Della Costa desde 1996.

### **Sated – Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos do Estado de São Paulo**

Cargo de diretoria na gestão de Juca de Oliveira de 1975/1978. Como tal:

283

#### **1977/1978**

Vogal Representante dos Empregados na 27ª Junta de Conciliação e Julgamento da Capital, representando o Sindicato dos Artistas e Técnicos

#### **1976/1978**

- Foi integrante da Comissão Estadual de Teatro

#### **1976**

- Cria a Biblioteca Eugênio Kusnet na sede do Sindicato

- Organiza o Curso de Reciclagem para Atores Profissionais onde nasce o Grupo Macunaíma,

dirigido por Antunes Filho e tantas vezes premiado no exterior

## 1975

- Proferiu palestra ***A Importância da Associação de Classe para o Artista Profissional***, na Universidade Federal de Minas Gerais
- Preparou e organizou a associação dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões de Minas Gerais
- Produz o ciclo: **Dramaturgia Brasileira** – leituras de textos premiados pelo SNT em 1974 e realizadas no Teatro Paiol

284

## Como Produtora

Sociedade Lítero Dramática Gastão Tojeiro  
Idealizou e produziu importantes ciclos de discussão da dramaturgia:

## 2002

- ***Ciclo de Farsas Medievais***
- ***Ciclo Caipira*** – textos de temática e linguagem regionais

## 2001

- ***Ciclo de Circo Theatro*** – Coletânea de dramas circenses

## 2000

- ***Ciclo Latino-americano*** – trazendo para o Brasil, textos de vários países da América Latina
- ***Ciclo de Musicais Biográficos*** – textos enfocando a vida de vários artistas da música popular brasileira.

## 1999

- ***500 Anos de Dramaturgia Brasileira*** – Retrospectiva da nossa dramaturgia desde as primeiras manifestações dramáticas com peças do Padre José de Anchieta até os textos contemporâneos.

285

## 1998

- ***Ciclo Lusófono*** – O teatro dos sete povos lusófonos (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Macau e Brasil) mostrados no Brasil pela primeira vez.

## 1997

- ***Ciclo – Os Melhores da Comédia Universal*** – Seleção dos maiores comediógrafos do mundo.

## 1996

- ***Ciclo – Os Melhores da Dramaturgia Universal*** – Seleção dos clássicos da dramaturgia universal.

1993

• *Ciclo – Os Melhores da Moderna Dramaturgia Brasileira*

Organizou e produziu os concursos de textos inéditos:

2000

• *Este País É Meu*

1999

• *O Que A Gente Faz Com Esses Quinhentos Anos* – uma proposta de reflexão sobre o Brasil de hoje.

286

Produziu os Espetáculos:

• *Bandida* – de sua autoria

Elenco: Ju Colombo e Mara Faustino

2002

• *Não Me Conte Verdades*, sua adaptação do texto de Tácito Rocha, com o Grupo Gastão Tojeiro no Teatro Arthur Azevedo e no Teatro Maria Della Costa

Direção: Luiz Serra

Elenco: Ênio Gonçalves, José Ferro, Pedro Pianzo, Mara Faustino, Neuza Velasco, Lourdes de Mo-

raes, Will Damas, Yara Grey, Walter Mendonça e Vânia Barboni

### **1999/2000**

• ***Lembrar É Resistir***, de sua autoria em parceria com Isaías Almada

Direção: Silnei Siqueira, realizado nas dependências do DOPS

Elenco: Mauro de Almeida, depois João Acaiabe, Emerson Caperbat, Pedro Pianzo, depois José Ferro, Renato Modesto, Carlos Meceni, Norival Rizzo, depois Walter Breda, depois Amaury Alvarez, Ia Santos, Nilda Maria, Lourdes de Moraes, Luiz Serra, Luti Angelelli, Tim Urbinatti, Neusa Velasco e Walter Mendonça

287

### **Projeto 3 em Cena reunindo três espetáculos:**

#### **1998**

• ***Você Tem Medo do Ridículo, Clark Gable?***, de sua autoria

Direção: Roberto Lage. Teatro Ruth Escobar

Elenco: Lia de Aguiar, Yara Lins, Hélio Souto, Rubens Rollo e André Latorre

• ***O Ovo do Cramulhão***, de Benedito Ruy Barbosa

Direção: Ednaldo Freire. Teatro Ruth Escobar

Elenco: Fernando Bezerra, Valéria Alencar, Clóvis Gonçalves e Rubens Rollo

- **Na Toca da Raposa**, de Chico de Assis  
Direção: Silnei Siqueira. Teatro Ruth Escobar  
Elenco: Felipe Wagner, Rafaella Puopollo, Pedro Pianzo, Neuza Velasco, Lutti Angelelli, André Latorre, Nina Mancin

## **SNT – Serviço Nacional de Teatro**

**1975**

- Produz o ciclo: Dramaturgia Brasileira do SNT: Leituras de textos premiados em 1974. Realizadas no Teatro Paiol

## **Como Dramaturga**

288

### **Textos Encenados:**

**2006**

- ***Bandida***

Direção de Analy Alvarez – Teatro Ruth Escobar  
Elenco: Ju Colombo e Mara Faustino

**2004**

- **Texto da Festa de 50 anos do Teatro Maria Della Costa**

Apresentação de Analy Alvarez e Zecarlos Andrade

**2001**

- ***Paixão de Cristo***

Grupo de Teatro de Taboão da Serra. Ao ar livre pela cidade de Taboão

- ***Prêmio Coca-Cola de Teatro Infantojuvenil*** – texto da cerimônia de premiação  
Direção de Roberto Lage. Teatro São Pedro

## 2000

- ***As Polacas (Eternas Polacas)***  
Direção de Yacov Hillel. Teatro Maria Della Costa  
Elenco: Tânia Seckler, Lúcia Romano, Lara Córdola, Marat Descartes e outros

## 1999/2000

- ***Lembrar É Resistir*** (em parceria com Isaías Almada)  
Direção de Silnei Siqueira. Prédio do antigo Dops  
Elenco: Mauro de Almeida, depois João Acaiabe, Emerson Caperbat, Pedro Pianzo, depois José Ferro, Renato Modesto, Carlos Meceni, Norival Rizzo, depois Walter Breda, depois Amaury Alvarez, Ia Santos, Nilda Maria, Lourdes de Moraes, Luiz Serra, Luti Angelelli, Tim Urbinatti, Neusa Velasco e Walter Mendonça

## 1998

- ***Você Tem Medo do Ridículo, Clark Gable?***  
Direção – Roberto Lage  
Teatro Ruth Escobar  
Elenco: Lia de Aguiar, Yara Lins, Hélio Souto, Rubens Rollo e André Latorre

**1996**

• ***Apetesp assume o Teatro Ruth Escobar*** – texto da cerimônia de posse. Apresentação: Analy Alvarez e Ewerton de Castro

Direção Ewerton de Castro. Teatro Ruth Escobar

**1994**

• ***Faz a Fama e Deita na Cama***

Direção de José Renato. Teatro Augusta

Elenco: Maria Ferreira, Luiz Serra, Ariel Moshe e Marta Mellinger

**1993**

• ***No Melhor da Festa***

290 Direção de Maria Eugênia Di Domenico. Espaço Cultural Eduardo's – 1993

Elenco: Amaury Alvarez, Vera Nunes, depois Amélia Bittencourt, Luti Angelelli, Paula Saniotto, Salete Fracarolli, Sérgio de Oliveira, depois Javert Monteiro, Tim Urbinatti, depois Paulino Raffanti e Rafaela Puopollo

**Textos Inéditos:**

**2009**

• ***Fora do Mundo ou Tramas da Memória***

**1998**

• ***Retrato de Casamento***

**1995**

- ***Nervos de Aço*** (antigo Cabaré Lupicínio)

**1994**

- ***Senhora dos Anjos***

**1988**

- ***Mestre Esopo e Seus Bichos Muito Loucos*** – texto juvenil

### **Adaptações:**

**2003**

- ***Não Come Nem Deixa Comer*** – tradução e adaptação do texto *El Perro del Hortelano*, de Lope de Vega
- ***O Outono do Patriarca*** – do romance homônimo de Gabriel García Márquez

**2002**

- ***Não me Contes Verdades*** – adaptação do texto de Tácito Rocha – *Saúde, irmão*

**1998**

- ***A Construção*** – tradução do texto *Los Albañiles*, de Vicente Liñero

**1994**

- ***A Esperança da Família*** – do conto homônimo de Alfredo Mesquita

## Para Televisão:

**1996**

- ***Razão de Viver***

Em parceria com Zeno Wilde (novela) – SBT

**1995**

- ***As Pupilas do Senhor Reitor***

Em parceria com Zeno Wilde (novela) – SBT

**1994**

- ***Era Uma Vez... Dulcineia*** – Episódio de Retrato de Mulher – TV Globo

292

## Como Diretora Teatral:

**2007/ 2008**

- ***Arena Conta Zumbi***, de Gianfrancesco Guarneri e Augusto Boal, com a Cia. Em Transe, em cartaz no Teatro Ruth Escobar – de agosto de 2007 a fevereiro de 2008

**2007**

- ***Bandida***, de sua autoria com Mara Faustino e Ju Colombo, em cartaz durante 6 meses no Teatro Ruth Escobar – Espaço Ruthinéa de Moraes

## Como Atriz:

### Em Teatro:

#### 1992/1994

• ***Procura-se um Tenor*** – de Ken Ludwig – Direção: Bibi Ferreira

Teatro Jardel Filho

Elenco: Juca de Oliveira, Fúlvio Stefanini, Suzy Rego, Nelson Baskerville, Débora Duarte, Nina de Pádua, Francarlos Reis

#### 1989

• ***A Cadela de Brasília*** – de Zeno Wilde – Direção de Fauzi Arap

Sociedade Lítero Dramática Gastão Tojeiro

#### 1989

• ***Os Patos*** – de Mirian Rother – Direção: Tin Urbinatti – Supervisão: Fauzi Arap

Elenco: Ana Maria Cerqueira Leite, Sofia Negrão, Bruno Giordano

Teatro Eugênio Kusnet

• ***Quem Te Fez Saber Que Estavas Nu*** – de Zeno Wilde – Direção: Antonio do Valle

Teatro Assobradado – TBC

Elenco: Antonio Calloni, Pedro Pianzo, Cissa Carvalho, Tânia Seckler, Roberto Ascar, Eliel Ferreira, Marcelo Fonseca, Marcos Antunes

## 1988

- ***O FÁRMACO*** – de Juca de Oliveira – Direção: Luiz Serra

Leitura Dramática no Projeto Vamos Ler Teatro  
Casa de Cultura Mazzaropi

- ***AS CARNES QUEBRADAS*** – de Haroldo Maranhão – Direção: Annamaria Dias

Leitura Dramática no Projeto Vamos Ler Teatro  
Casa de Cultura Mazzaropi

- ***NAVALHA NA CARNE*** – de Plínio Marcos – Direção: Emílio Fontana

(Indicação ao Prêmio Apetesp de melhor atriz – 1989)

Teatro Paschoal Carlos Magno

Elenco: Luiz Serra e Roberto Rocco

## 1987

- ***GNADIGES FRÄULEIN*** – de Tennessee Williams – Direção: Stephan Yarian

Teatro Assobradado – TBC

Elenco: Sônia Guedes, Rosaly Papadopol e Tércio Marinho

## 1986

- ***CARTILHA POÉTICA DA CONSTITUINTE*** – de Renata Pallottini – Direção: Elvira Gentil

Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto

## 1985

- ***Dona Flor e Seus Dois Maridos*** – adaptação e direção – J.M. Pauloantonio

Teatro Jardel Filho

Elenco: Angelina Muniz, Ivete Bonfá, Jonas Mello, Lúcia Mello, Mário Cardoso, Raimundo de Souza e outros

## 1984

- ***Não Explica Que Complica*** – de Alan Ayckbourn  
– Direção: Odavlas Petti

Teatro Paiol

Elenco: Cléo Ventura, Luiz Serra, Miriam Mehler, Kito Junqueira, depois Amaury Alvarez e Carlos Silveira

295

## 1980

- ***Camas Redondas, Casais Quadrados*** – de C. Champman – Direção: José Renato

Teatro Itália

Elenco: Luiz Serra, Marcos Caruso, Jussara Freire, Francarlos Reis, Nara Gomes, Henrique Lisboa, Noemi Gerbelli, Wanda Leinemann

## 1977/1978

- ***O Poeta da Vila e Seus Amores*** – de Plínio Marcos – Direção: Osmar R. Cruz

Teatro Popular do Sesi

Elenco: Ewerton de Castro, depois Vicente Bacaro, Walderez de Barros, Nize Silva, Bruna

Fernandes, Antonio Natal, Benjamin Cattan, Elias Gleiser, Sílvio Modesto, Péricles Flaviano, Antonio de Andrade, Lizette Negreiros, Cleide Eunice e outros

### 1976

• ***O Noviço*** – de Martins Penna – Direção: Osmar Rodrigues Cruz

Teatro Popular do Sesi

Elenco: Carlos Alberto Ricelli, depois Péricles Flaviano, Cláudio Corrêa e Castro, depois Elias Gleiser, Nize Silva, Isadora de Faria, Benjamin Cattan, Antonio Andrade, Eugênia Santacruz, Haroldo Acedo, Ernesto Piagno e outros

296

### 1975

• ***Greta Garbo, Quem Diria, Acabou no Irajá*** – de Fernando Mello – Direção: Léo Jusi

Teatro Maria Della Costa e excursão pelo Estado de São Paulo

Elenco: Raul Cortez, Marcos Wainberg

• ***Marido, Matriz e Filial*** – de Sérgio Jockmann – Direção: Cazarré

Excursão pelo Estado de São Paulo

Elenco: Cazarré e Ivete Bonfá

### 1974

• ***Tome Conta de Amèlie*** – de George Feydeau – Direção: Antunes Filho

Teatro Maria Della Costa

Elenco: Maria Della Costa, John Herbert, Zécarlos Andrade, Edwin Luisi, Adolfo Machado, Hilton Have, Isadora de Faria, Evilásio Marçal, Bárbara Bruno, Rui Afonso, A.C. Carvalho, Eleu Salvador, Hilda Hasson, Crayton Sarzi, Marcos Caruso

**1973**

• ***Um Edifício Chamado 200*** – de Paulo Pontes –  
Direção: José Renato  
Teatro Copacabana – Rio de Janeiro  
Elenco: Milton Moraes e Raquel de Biase

**1972/1973**

• ***O Homem de La Mancha*** – de Dale Wasserman  
– Direção: Flávio Rangel  
Teatro Anchieta e Teatro Adolfo Bloch – Rio de Janeiro  
Elenco: Paulo Autran, Bibi Ferreira, Dante Ruy, depois Grande Otello, Antonio Petrin, Lourival Paris, depois Roberto Maya, Roberto Azevedo, Ariclê Perez, Rubens Teixeira, Odilon Wagner, Geisa Gama, depois Suzy Arruda, Benedito Corsi e outros

297

**1972**

• ***Auto da Compadecida*** – de Ariano Suassuna  
– Direção: João Cândido  
Teatro Ruth Escobar  
Elenco: Paulo Hesse, Bia Macedo, Walter Cruz, Renato Bruno, Crayton Sarzi, Amilton Monteiro, Batista de Oliveira, Vera Nunes e Celso Karan

• ***Abelardo e Heloísa*** – de Ronald Miller – Direção: Flávio Rangel

Teatro Paiol

Elenco: Miriam Mehler, Perry Salles, Rolando Boldrin, Jaime Barcellos, Márcia Real, Paulo Hesse, Ileana Kwasinski, Hilton Have, Rubens Rollo, Cláudio Corrêa e Castro e outros

• ***O Patinho Preto*** – de Walter Quaglia – Direção: Eduardo Curado

Teatro Popular do Sesi

Elenco: Carlos Silveira, Ewerton de Castro, Cláudia de Castro, Adilson Wladimir, Vic Militello, Lino Sérgio, Marcos Toledo, Irene Tereza

298

## 1971

• ***Natal na Praça*** – de Henri Geon – Direção: Ewerton de Castro

Praças Públicas de Santo André

Elenco: Ivete Bonfá, Clemente Viscaíno, Paulo Hesse, Francisco Medeiros

• ***As Aventuras de Peer Gynt*** – de Henrik Ibsen – Direção: Antunes Filho

Teatro Itália

Elenco: Stênio Garcia, Ariclê Perez, Paulo Hesse, Ewerton de Castro, Ivete Bonfá, Jonas Bloch, Ricardo Blat, Roberto Frota, Lúcia Capuani, Isadora de Faria e outros

• ***Arlequim, Servidor de Dois Anos*** – de Carlo Goldoni – Direção: Afonso Gentil  
Teatro São Pedro  
Elenco: Ewerton de Castro, Eudósia Acuña, Irene Tereza, Júlio César, Enrique Amoedo, Adolfo Machado e outros

**1970**

• ***Macbeth*** – de William Shakespeare – Direção: Fauzi Arap  
Teatro Aliança Francesa – Rio de Janeiro e TBC – São Paulo  
Elenco: Paulo Autran, Tônia Carreiro, Paulo Hesse, Jorge Chaia, Edy Siqueira, Umberto Magnani, Gésio Amadeu, Ibsen Wilde, Antonio Ganzarolli, Lineu Dias e outros

299

• ***Cidade Assassinada*** – de Antonio Callado – Direção: Antonio Petrin  
Inauguração do Teatro Conchita de Moraes – Santo André  
Elenco: Josmar Martins, Osley Delamo, Umberto Magnani, Luiz Parreiras, Paco Sanchez, Manoel Andrade, Henrique Lisboa, Geraldo Rosa e Augusto Maciel

• ***Artimanhas de Scapino*** – de Molière – Direção: José Carlos Alcântara  
Núcleo Dois do Arena – Teatro de Arena  
Elenco: Ronaldo Ciambri, Roberto Azevedo, Ivete Bonfá, Enrique Amoedo, Raimundo de Souza, Edson Soler, Roberto Rocco

1969

• ***Auto da Compadecida*** – de Ariano Suassuna –  
Direção: Luiz Carlos Arutin

Núcleo Dois do Arena – Teatro de Arena

Elenco: Carlos Silveira, Luthero Luiz, Antonio  
Petrin, Paco Sanchez, Ronaldo Ciambрони, Paulo  
Lara, Carlos Costa, Roberto Rocco, Maria Apare-  
cida Louzada, Lúcia de Carvalho

• ***A Comédia Atômica*** – de Lauro César Muniz –  
Direção: Augusto Boal

Teatro Gazeta

Elenco: Esther Mellinger, Attila Iório, Rolando  
Boldrin, Jofre Soares, Abraão Farc, Serafim Gon-  
zalez, Lafayette Galvão, Zanoni Ferrite, Cláudio  
Mamberti, Luiz Carlos Arutin, Edson Soler

• ***Tudo no Jardim*** – de Edward Albee – Direção:  
Flávio Rangel

Teatro Maria Della Costa

Elenco: Maria Della Costa, Sebastião Campos,  
Sergio Viotti, Dina Lisboa, Luiz Parreiras, Luís  
Américo, Marilu Martinelli.

• ***A Cozinha*** – de Arnold Wesker – Direção: An-  
tunes Filho

Teatro Aliança Francesa e Teatro Copacabana  
– Rio de Janeiro

Elenco: Juca de Oliveira, Irene Ravache, Dante  
Ruy, Seme Lutfi, Ivete Bonfá, Ewerton de Castro,

Elvira Gentil, Cláudia Mello, Ricardo Petaglia, Jacques Lagoa, Flávio Porto, Rui Rezende, Carlos Silveira, Aldo Roberto, Adolfo Machado, Bete Mendes, Maria Vicente Beatriz Berg, Roswita Kissel, Bete Wanback, Paulo Grobe, Homero Kossak e outros

### 1968

• ***Esse Ovo É Um Galo*** – de Lauro César Muniz  
– Direção: Silnei Siqueira

Teatro Ruth Escobar – Sala Gil Vicente

Elenco: Thomaz Perri, Débora Duarte, Edy Toledo, Luiz Carlos Arutin, Carlos Duval, Crayton Sarzi, Luiz Serra, Francisco Curcio, Umberto Magnani, Sadi Cabral, Roberto Azevedo, Gustavo Pinheiro, Josias de Oliveira

301

### Na EAD

#### 1967

• ***O Burguês Fidalgo*** – de Molière – Direção: Alfredo Mesquita

Teatro Itália

• ***Paiol Velho*** – de Abílio Pereira de Almeida –  
Direção: Ruy Nogueira

Teatro Itália

• ***Sonata dos Espectros*** – de Strindberg – Direção:  
Alfredo Mesquita  
Teatro Itália

• ***Boeing-Boeing*** – de Marc Camolletti – Direção:  
Antonio Petrin  
Teatro de Alumínio – Santo André  
Elenco: Chico Solano, Euclides Rocco, Rosália  
Petrin e outros

### **1966/67**

• ***Somos Todos do Jardim da Infância*** – de Domingos de Oliveira – Direção: Silnei Siqueira  
Teatro Cacilda Becker – Federação Paulista de Futebol e excursão pelo Interior Paulista

### **1966**

• ***A Guerra do Cansa-Cavalo*** – de Osman Lins – Direção: Maria José de Carvalho  
Teatro Cacilda Becker – Federação Paulista de Futebol

• ***A Casa de Bernarda Alba*** – de F. Garcia Lorca – Direção: Alfredo Mesquita  
Teatro Cacilda Becker – Federação Paulista de Futebol

• ***Caiu o Ministério*** – de França Junior – Direção: Alfredo Mesquita

Teatro Cacilda Becker – Federação Paulista de Futebol

• ***Qual é o Veredicto?*** – de Mirian San Juan – Direção: Alfredo Mesquita

Teatro Cacilda Becker – Federação Paulista de Futebol e excursão pelo Interior Paulista

### 1965

• ***A Falecida*** – de Nelson Rodrigues – Direção: Antunes Filho

Teatro Leopoldo Fróes

### 1965/1967

• ***Auto da Vila de Vitória*** – de Padre José de Anchieta – Direção: Alfredo Mesquita

Excursão pelo Litoral Paulista

### 1964

• ***Helena*** – de Machado de Assis – Direção: Douglas Zannei

Radionovela – Rádio Clube de Santo André

• ***Gente Como a Gente*** – de Roberto Freire – Direção: Ademar Guerra

Teatro de Alumínio – Santo André

Elenco: Antonio Petrin, Rosália Petrin, Wilma Lagareiro, Euclides Rocco, Antonio Chiarelli

## Em Televisão

### Novelas:

#### 1984

- ***Meus Filhos, Minha Vida*** – de Crayton Sarzi – Direção de Antonio Mattos – SBT

#### 1979

- ***Dinheiro Vivo*** – de Mário Prata – Direção de Henrique Martins – TV Tupi

#### 1976

- ***Tcham, a Grande Sacada*** – de Marcos Rey – Direção: Roberto Talma – TV Tupi

304

- ***Canção para Izabel*** – de Heloisa Castelar – Direção: Luiz Gallon – TV Tupi

#### 1973

- ***O Bem Amado*** – de Dias Gomes – TV Globo

#### 1970

- ***A Grande Mentira*** – de Edy Lima – Direção: Fábio Sabag – TV Globo

#### 1969

- ***Beto Rockfeller*** – de Bráulio Pedroso – Direção: Walter Avancini – TV Tupi

## Teleteatros:

1976

- ***A Mansão no Fim da Estrada*** – Direção: Kleber Afonso – Especial TV Gazeta

## Teatro 2 – TV Cultura

- ***A Casa de Bernarda Alba*** – García Lorca – Direção: Heloisa Castellar

- ***O Capote*** – Gogol – Direção: Walter Jorge Durst

- ***O Feijão e o Sonho*** – Orígenes Lessa – Direção: Walter Jorge Durst

- ***Happy End*** – Antonio de Pádua – Direção: Fernando Pacheco Jordão

1976

- ***Teatro 2 – Que Coisa Terrível Terá Ido Parar no Meu Bolo Perfeito?*** – De Luiz Carlos Cardoso – Direção: Antunes Filho

1975

- ***Teatro 2 – Amor Antigo*** – de Machado de Assis – Direção: Antonio Gionetto

## Em Cinema:

**1989**

- ***Eu*** – roteiro e direção de Walter Hugo Khouri

**1987**

- ***Lua Cheia*** – roteiro e direção de Alain Fresnot

**1975**

- ***Ainda Agarro esse Machão*** – roteiro e direção de Edward Freund

- ***O Doce Sabor do Sexo*** – roteiro e direção de Edward Freund

**1974**

- ***O Clube das Infiéis*** – roteiro de Marcos Rey, direção de Cláudio Cunha

**1971**

- ***Em Última Análise*** – roteiro e direção de Ewer-ton de Castro – Super 8

**1970**

- ***Compasso de Espera*** – roteiro e direção de Antunes Filho



*Em 1980*



## Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquères	7
Introdução – Nicolau Radamés Creti	13
Prólogo	17
Capítulo I	19
Capítulo II	29
Capítulo III	39
Capítulo IV	43
Capítulo V	51
Capítulo IV	61
Capítulo VII	65
Capítulo VIII	73
Capítulo IX	79
Capítulo X	83
Capítulo XI	91
Capítulo XII	95
Capítulo XIII	101
Capítulo XIV	107
Capítulo XV	115
Capítulo XVI	119
Capítulo XVII	123

Capítulo XVIII	127
Capítulo XIX	133
Capítulo XX	139
Capítulo XXI	147
Capítulo XXII	153
Capítulo XXIII	155
Capítulo XXIV	159
Capítulo XXV	163
Capítulo XXVI	171
Capítulo XXVII	175
Capítulo XXVIII	177
Capítulo XXIX	181
Capítulo XXX	185
Capítulo XXXI	191
Capítulo XXXII	197
Capítulo XXXIII	203
Capítulo XXXIV	209
Capítulo XXXV	213

## **Crédito das Fotografias**

Agnes Melis 205, 207

Carlos – Rio 89

Delgado 126

Gastão Tojeiro (acervo) 219, 220

Gutierrez 70

Kaufmann 31, 36, 38, 47

Narcisus Foto 40

Renato Testa 170

Ricardo Migliorini 223, 225

Thereza Eugênia 234

Valdir Silva 194, 195

Vania Delpoio – Diário SP 256, 266

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

## **Coleção Aplauso**

### **Série Cinema Brasil**

#### ***Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma***

Alain Fresnot

#### ***Agostinho Martins Pereira – Um Idealista***

Máximo Barro

#### ***Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino***

Alfredo Sternheim

#### ***O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias***

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

#### ***Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro***

Luiz Carlos Merten

#### ***Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma***

Rodrigo Murat

#### ***Ary Fernandes – Sua Fascinante História***

Antônio Leão da Silva Neto

#### ***O Bandido da Luz Vermelha***

Roteiro de Rogério Sganzerla

#### ***Batismo de Sangue***

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

#### ***Bens Confiscados***

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

#### ***Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida***

Sérgio Rodrigo Reis

#### ***Cabra-Cega***

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

***O Caçador de Diamantes***

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

***Carlos Coimbra – Um Homem Raro***

Luiz Carlos Merten

***Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver***

Marcelo Lyra

***A Cartomante***

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

***Casa de Meninas***

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

***O Caso dos Irmãos Naves***

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

***O Céu de Suely***

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

***Chega de Saudade***

Roteiro de Luiz Bolognesi

***Cidade dos Homens***

Roteiro de Elena Soárez

***Como Fazer um Filme de Amor***

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

***O Contador de Histórias***

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

***Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade***

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

***Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade***

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:  
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –  
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

***Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser***

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

***De Passagem***

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

***Desmundo***

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

***Djalma Limongi Batista – Livre Pensador***

Marcel Nadale

***Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro***

Jeferson De

***Dois Córregos***

Roteiro de Carlos Reichenbach

***A Dona da História***

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

***Os 12 Trabalhos***

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

***Estômago***

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

***Feliz Natal***

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

***Fernando Meirelles – Biografia Prematura***

Maria do Rosário Caetano

***Fim da Linha***

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

***Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil***

Luiz Zanin Oricchio

***Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas***

Celso Sabadin

***Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior***

Klecius Henrique

***Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo***

Luiz Zanin Oricchio

***Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas***

Pablo Villaça

***O Homem que Virou Suco***

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

***Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir***

Remier

***João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias***

Maria do Rosário Caetano

***Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera***

Carlos Alberto Mattos

***José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina***

Marcel Nadale

***José Carlos Burle – Drama na Chanchada***

Máximo Barro

***Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção***

Renata Fortes e João Batista de Andrade

***Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema***

Alfredo Sternheim

***Maurice Capovilla – A Imagem Crítica***

Carlos Alberto Mattos

***Mauro Alice – Um Operário do Filme***

Sheila Schvarzman

***Máximo Barro – Talento e Altruísmo***

Alfredo Sternheim

***Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra***

Antônio Leão da Silva Neto

***Não por Acaso***

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski  
e Eugênio Puppo

***Narradores de Javé***

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

***Olhos Azuis***

Argumento de José Joffily e Jorge Duran  
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

***Onde Andará Dulce Veiga***

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

***Orlando Senna – O Homem da Montanha***

Hermes Leal

***Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela***

Rogério Menezes

***Quanto Vale ou É por Quilo***

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

***Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar***

Rodrigo Capella

***Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente***

Neusa Barbosa

### ***Salve Geral***

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

### ***O Signo da Cidade***

Roteiro de Bruna Lombardi

### ***Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto***

Rosane Pavam

### ***Viva-Voz***

Roteiro de Márcio Alemão

### ***Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto***

Carlos Alberto Mattos

### ***Vlado – 30 Anos Depois***

Roteiro de João Batista de Andrade

### ***Zuzu Angel***

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

## **Série Cinema**

### ***Bastidores – Um Outro Lado do Cinema***

Elaine Guerini

## **Série Ciência & Tecnologia**

### ***Cinema Digital – Um Novo Começo?***

Luiz Gonzaga Assis de Luca

### ***A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual***

Luiz Gonzaga Assis De Luca

## **Série Crônicas**

### ***Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças***

Maria Lúcia Dahl

## **Série Dança**

***Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal***

Sérgio Rodrigo Reis

## **Série Música**

***Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos***

Alfredo Sternheim

***Rogério Duprat – Ecletismo Musical***

Máximo Barro

***Sérgio Ricardo – Canto Vadio***

Eliana Pace

***Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação***

Beatriz Coelho Silva

## **Série Teatro Brasil**

***Alcides Nogueira – Alma de Cetim***

Tuna Dwek

***Antenor Pimenta – Circo e Poesia***

Danielle Pimenta

***Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral***

Alberto Guzik

***Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício***

Org. Carmelinda Guimarães

***Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão***

Org. José Simões de Almeida Júnior

***Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito***

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

***Ilo Krugli – Poesia Rasgada***

Ieda de Abreu

***João Bethencourt – O Locatário da Comédia***

Rodrigo Murat

***José Renato – Energia Eterna***

Hersch Basbaum

***Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher***

Eliana Pace

***Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab***

Adélia Nicolete

***Maurice Vaneau – Artista Múltiplo***

Leila Corrêa

***Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem***

Rita Ribeiro Guimarães

***Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC***

Nydia Licia

***O Teatro de Abílio Pereira de Almeida***

Abílio Pereira de Almeida

***O Teatro de Aimar Labaki***

Aimar Labaki

***O Teatro de Alberto Guzik***

Alberto Guzik

***O Teatro de Antonio Rocco***

Antonio Rocco

***O Teatro de Cordel de Chico de Assis***

Chico de Assis

***O Teatro de Emílio Boechat***

Emílio Boechat

***O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo  
Clássicos***

Germano Pereira

***O Teatro de José Saffioti Filho***

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera  
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –  
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-  
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos  
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona  
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

***Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar***

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –  
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

***O Teatro de Sérgio Roveri***

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas  
em Cena***

Ariane Porto

## **Série Perfil**

***Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo***

Tania Carvalho

***Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção***

Alfredo Sternheim

***Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros***

Rogério Menezes

***Berta Zemel – A Alma das Pedras***

Rodrigo Antunes Corrêa

***Bete Mendes – O Cão e a Rosa***

Rogério Menezes

***Betty Faria – Rebelde por Natureza***

Tania Carvalho

***Carla Camurati – Luz Natural***

Carlos Alberto Mattos

***Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício***

Tania Carvalho

***Celso Nunes – Sem Amarras***

Eliana Rocha

***Cleyde Yaconis – Dama Discreta***

Vilmar Ledesma

***David Cardoso – Persistência e Paixão***

Alfredo Sternheim

***Débora Duarte – Filha da Televisão***

Laura Malin

***Denise Del Vecchio – Memórias da Lua***

Tuna Dwek

***Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas***

Reinaldo Braga

***Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida***

Maria Leticia

***Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz***

Erika Riedel

***Etty Fraser – Virada Pra Lua***

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:***

***Memória e Poética***

Reni Cardoso

***Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério***

Neusa Barbosa

***Fernando Peixoto – Em Cena Aberta***

Marília Balbi

***Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira***

Eliana Pace

***Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar***

Sérgio Roveri

***Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema***

Maria Angela de Jesus

***Ilka Soares – A Bela da Tela***

Wagner de Assis

***Irene Ravache – Caçadora de Emoções***

Tania Carvalho

***Irene Stefania – Arte e Psicoterapia***

Germano Pereira

***Isabel Ribeiro – Iluminada***

Luis Sérgio Lima e Silva

***Isolda Cresta – Zozô Vulcão***

Luis Sérgio Lima e Silva

***Joana Fomm – Momento de Decisão***

Vilmar Ledesma

***John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida***

Neusa Barbosa

***Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão***

Nilu Lebert

***Jorge Loredo – O Perigote do Brasil***

Cláudio Fragata

***José Dumont – Do Cordel às Telas***

Klecius Henrique

***Leonardo Villar – Garra e Paixão***

Nydia Licia

***Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral***

Analu Ribeiro

***Lolita Rodrigues – De Carne e Osso***

Eliana Castro

***Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa***

Vilmar Ledesma

***Marcos Caruso – Um Obstinado***

Eliana Rocha

***Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária***

Tuna Dwek

***Marisa Prado – A Estrela, O Mistério***

Luiz Carlos Lisboa

***Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição***

Renato Sérgio

***Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão***

Vilmar Ledesma

***Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra***

Alberto Guzik

***Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família***

Elaine Guerrini

***Nívea Maria – Uma Atriz Real***

Mauro Alencar e Eliana Pace

***Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras***

Sara Lopes

***Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador***

Teté Ribeiro

***Paulo José – Memórias Substantivas***

Tania Carvalho

***Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro e Eu Não Sei Ler***

Eliana Pace

***Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado***

Tania Carvalho

***Regina Braga – Talento é um Aprendizado***

Marta Góes

***Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto***

Wagner de Assis

***Renata Fronzi – Chorar de Rir***

Wagner de Assis

***Renato Borghi – Borghi em Revista***

Élcio Nogueira Seixas

***Renato Consorte – Contestador por Índole***

Eliana Pace

***Rolando Boldrin – Palco Brasil***

Ieda de Abreu

***Rosamaria Murtinho – Simples Magia***

Tania Carvalho

***Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro***

Nydia Licia

***Ruth de Souza – Estrela Negra***

Maria Ângela de Jesus

***Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema***

Máximo Barro

***Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes***

Nilu Lebert

***Silnei Siqueira – A Palavra em Cena***

Ieda de Abreu

***Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte***

Vilmar Ledesma

***Sônia Guedes – Chá das Cinco***

Adélia Nicolete

***Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro***

Sonia Maria Dorce Armonia

***Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?***

Maria Thereza Vargas

***Stênio Garcia – Força da Natureza***

Wagner Assis

***Suely Franco – A Alegria de Representar***

Alfredo Sternheim

***Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra***

Sérgio Roveri

***Theresa Amayo – Ficção e Realidade***

Theresa Amayo

***Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza***

Tania Carvalho

***Umberto Magnani – Um Rio de Memórias***

Adélia Nicolete

***Vera Holtz – O Gosto da Vera***

Analu Ribeiro

***Vera Nunes – Raro Talento***

Eliana Pace

***Walderez de Barros – Voz e Silêncios***

Rogério Menezes

***Walter George Durst – Doce Guerreiro***

Nilu Lebert

***Zezé Motta – Muito Prazer***

Rodrigo Murat

## **Especial**

***Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso***

Wagner de Assis

***Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta***

Elmo Francfort

***Beatriz Segall – Além das Aparências***

Nilu Lebert

***Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos***

Tania Carvalho

***Célia Helena – Uma Atriz Visceral***

Nydia Licia

***Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais***

Tania Carvalho

***Cinema da Boca – Dicionário de Diretores***

Alfredo Sternheim

***Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira***

Antonio Gilberto

***Eva Todor – O Teatro de Minha Vida***

Maria Angela de Jesus

***Eva Wilma – Arte e Vida***

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

***Lembranças de Hollywood***

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

***Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida***

Warde Marx

***Mazzaropi – Uma Antologia de Risos***

Paulo Duarte

***Ney Latorraca – Uma Celebração***

Tania Carvalho

***Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias  
Gomes – História de um Personagem Larapista e  
Maquiavelento***

José Dias

***Raul Cortez – Sem Medo de se Expor***

Nydia Licia

***Rede Manchete – Aconteceu, Virou História***

Elmo Francfort

***Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte***

Nydia Licia

***Tônia Carrero – Movida pela Paixão***

Tania Carvalho

***TV Tupi – Uma Linda História de Amor***

Vida Alves

***Víctor Berbara – O Homem das Mil Faces***

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem  
Indignado***

Djalma Limongi Batista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

---

Creti, Nicolau Radamés

Analy Alvarez : de corpo e alma / Nicolau Radamés Creti  
– São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.  
332p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil / Coordenador  
geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-852-9

1. Atores e atrizes de teatro – Biografia 2. Atores e  
atrizes de televisão – Biografia I. Ewald Filho, Rubens. II.  
Título. III. Série.

CDD 791.092

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores e atrizes brasileiros : Biografia :  
Representações públicas : Artes 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização  
prévia do autor ou dos editores  
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal  
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo  
Rua da Mooca, 1921 Mooca  
03103-902 São Paulo SP  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)  
[livros@imprensaoficial.com.br](mailto:livros@imprensaoficial.com.br)  
SAC 0800 01234 01  
[sac@imprensaoficial.com.br](mailto:sac@imprensaoficial.com.br)

## **Coleção Aplauso Série Perfil**

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Karina Vernizzi
Editoração	Aline Navarro
	Ana Lúcia Charnyai
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto
	Dante Pascoal Corradini

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m<sup>2</sup>

Papel capa: Triplex 250 g/m<sup>2</sup>

Número de páginas: 332

Editoração, CTP, impressão e acabamento:  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)

**|imprensaoficial**

Atriz, dramaturga, produtora, diretora do Sindicato dos Atores, Analy Alvarez tem uma longa e produtiva carreira nos palcos, na frente do público mas também nos bastidores, exercendo cargos de importância na Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, na Apetesp e na TV Cultura (tendo criado o Núcleo de Dramaturgia e produzido entre outros, *Senta que lá vem Comédia* e *Direções - Um Novo Olhar na Teledramaturgia*). Sem esquecer seu trabalho como autora de telenovelas (*As Pupilas do Senhor Reitor*, *Razão de Viver* ambos no SBT).



Nascida em Santos, criada na Serra na bela cidade de Paranapiacaba, Analy formou-se na Escola de Arte Dramática do Dr. Alfredo Mesquita e estreou profissionalmente com dois espetáculos memoráveis, *Esse Ovo é um Galo* de Lauro César Muniz e *A Cozinha* de Antunes Filho. Participou de outras grandes montagens como *Macbeth*, dirigida por Fauzi Arap, *As Aventuras de Peer Gynt* de Antunes Filho, *Abelardo e Heloisa* e *O Homem de la Mancha*, ambos de Flávio Rangel, *Procura-se um Tenor* de Bibi Ferreira. Entre seus textos premiados, *Fora do Mundo*, *Polacas*, *A Noite não é mais a Mesma*, *Você tem medo do Ridículo*, *Clark Gable?* A vida e a carreira de Analy é contada pelo escritor e jornalista Nicolau Radames Creti, neste novo lançamento da **Coleção Aplauso da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, no seu trabalho de resgate e preservação da memória cultural brasileira.



ISBN 978-85-7060-852-9



9 788570 608529